

ACSA CHRISTINA BORGES MENEZES

## **REFUGIADOS:**

**A perda da dignidade humana e a resposta da Igreja em meio à  
crise migratória atual**

TCC apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC do curso de Bacharelado em Teologia, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA  
IJUÍ/RS  
2018

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

## **REFUGIADOS:**

**A perda da dignidade humana e a resposta da Igreja em meio à crise migratória atual**

---

Autora: **Acsa Christina Borges Menezes**

---

Orientador de Conteúdo: Me. **Gabriel Giroto Lauter**

---

Avaliador de Forma: Me. **Josemar Valdir Modes**

---

Avaliador de Português: Esp. **Luciano Soares**

---

Avaliador Final: Dr. **Claiton André Kunz**

Aprovada em:    /    /   

IJUÍ  
2018

*Àqueles que, mesmo em meio a todas as dificuldades e traumas que viveram em seus países, ainda encontram forças para lutar pela vida e com resiliência buscam um recomeço.*

## **AGRADECIMENTOS**

O meu maior e mais profundo agradecimento a Deus, o qual me deu o privilégio de ser chamada para participar da sua obra e que em todo o tempo demonstrou e tem demonstrado o seu imenso amor e cuidado na minha vida, me dando colo quando precisei e me fazendo sentir, dia a dia, sua filha amada.

À minha família, que sempre presente me incentivou e me foi suporte nos momentos mais difíceis dessa caminhada. Em especial, aos meus pais, que me ensinaram sobre o amor de Deus e sempre foram exemplos e reflexos desse amor na minha vida. O que sou hoje devo a tudo que eles já fizeram e continuam a fazer por mim. Minha eterna gratidão e amor a vocês.

Aos meus amigos e colegas, que transformaram essa jornada mais leve, compartilhando bons momentos e também carregando fardos comigo; sem eles, com certeza tudo teria sido bem mais difícil. Em especial, à Danielli, aquela amiga que se fez mais chegada que uma irmã em todos esses anos, me ensinando através dos pequenos detalhes do dia a dia e me ajudando a não desistir no decorrer da caminhada.

Ao meu orientador, que, mesmo em meio às turbulências e dificuldades que encontrei no desenvolver desse trabalho, se mostrou disposto e paciente, ajudando-me sempre que precisei.

À Primeira Igreja Batista, que me apoiou e sustentou em todo o tempo. Nela pude crescer e amadurecer na fé, através de muitas vidas que deixaram suas marcas singulares de amor em minha trajetória, e onde tive o privilégio de ter exemplos de liderança e pastoreio focados em Jesus.

À Faculdade Batista Pioneira, que em todos esses anos pude encontrar nela o amparo e cuidado de uma família. Aos professores e a todos aqueles que marcaram minha vida de alguma forma nesses cinco anos, minha alegria e gratidão pelos momentos vividos e compartilhados, que guardarei na memória com muito carinho.

*Se Deus usasse somente pessoas perfeitas, nada seria realizado.  
Deus usará qualquer pessoa que estiver disponível.*

*Rick Warren*

## RESUMO

A situação da crise migratória é um fato global que tem se intensificado nos últimos anos e chamado a atenção de muitos e, com isso, atingindo também o Brasil. Ao observar o passado, foi possível notar que esse fenômeno não é recente, inclusive o próprio povo de Deus teve experiências de migrações forçadas e necessidades de refúgio. O presente trabalho fez um paralelo entre a atual crise migratória e o povo de Israel, visando criar um senso de empatia por parte da Igreja para com aqueles que hoje se encontram fora de suas terras. Dessa forma, entendeu-se que, muito mais que apenas um senso de empatia, a Igreja deve exercer o propósito para o qual é chamada e responder de forma prática à causa dos refugiados, não se contentando com o comodismo dos eventos dentro das quatro paredes, mas saindo e indo ao encontro daqueles que clamam de corpo e alma por socorro em meio à grande crise e desespero em que se encontram. **Palavras-chaves:** Refugiados. Crise Migratória. Missão da Igreja. Visão Holística.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Imagem 1- População de refugiados sob mandato da ACNUR..... 50**

**Imagem 2 – Solicitações de reconhecimento de refugiado em 2017 .....56**

**LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1 – Reis da monarquia dividida .....22**

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	7
INTRODUÇÃO .....	10
<b>1. OCORRÊNCIA HISTÓRICA DE UM POVO EM TERRA ESTRANGEIRA.....</b>	<b>14</b>
1.1 O início do povo de Deus.....	14
1.2 A escravidão no Egito e a conquista da terra prometida.....	18
1.3 O cativeiro babilônico e a volta para Jerusalém .....	22
1.4 O tratamento ao estrangeiro .....	26
1.4.1 O tratamento ao estrangeiro no Antigo Testamento .....	26
1.4.2 O tratamento ao estrangeiro no Novo Testamento .....	30
1.4.2.1 <i>Jesus um refugiado.....</i>	<i>31</i>
1.4.2.2 <i>Jesus e os estrangeiros .....</i>	<i>31</i>
1.4.2.3 <i>Os cristãos e os estrangeiros.....</i>	<i>34</i>
<b>2. HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO DOS REFUGIADOS EM MEIO À CRISE MIGRATÓRIA.....</b>	<b>37</b>
2.1 Os efeitos da Segunda Guerra Mundial na questão dos refugiados.....	38
2.1.1 ANUAR – Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento .....	39
2.1.2 OIR – Organização Internacional para Refugiados .....	41
2.1.3 ACNUR – Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados .....	44
2.2 Ascendentes da questão dos refugiados para o cenário atual.....	46
2.2.1 Conflitos armados .....	47
2.2.2 Fatores ambientais.....	49
2.3 A questão dos refugiados no cenário brasileiro.....	53
<b>3. A IGREJA E OS REFUGIADOS .....</b>	<b>60</b>
3.1 A missão da Igreja .....	60



<b>3.2 A visão holística do ser humano .....</b>	<b>63</b>
<b>3.3 Os perigos do afastamento da visão missão da Igreja.....</b>	<b>66</b>
<b>3.3.1 Omissão .....</b>	<b>67</b>
<b>3.3.2 Adaptação aos valores seculares .....</b>	<b>69</b>
<b>3.3.3 Comodismo ou hedonismo .....</b>	<b>70</b>
<b>3.4 A prática do trabalho com refugiados e o incentivo ao envolvimento das igrejas</b>	<b>72</b>
<b>3.4.1 Missões Nacionais .....</b>	<b>73</b>
<b>3.4.2 Missão em apoio à Igreja Sofredora.....</b>	<b>74</b>
<b>3.4.3 Preparando o caminho .....</b>	<b>75</b>
<b>3.4.4 Compassiva .....</b>	<b>76</b>
<b>3.4.5 Exemplo de uma experiência prática .....</b>	<b>77</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>

## INTRODUÇÃO

É possível notar que as questões migratórias têm crescido e se destacado no mundo atual, sejam elas por catástrofes naturais, guerras, perseguições religiosas ou outros problemas. Os noticiários estão cheios de manchetes sobre os milhares de novos imigrantes que saem das suas terras natais frequentemente em busca de socorro.

A partir da conferência Foco, realizada em 2017, na Igreja Batista Memorial de Alphaville, – na cidade de São Paulo – o assunto despertou interesse na autora através do contato com pessoas que atuam em projetos com grupos de refugiados tanto aqui no Brasil – nos projetos *Preparando o Caminho*, e *Compassiva* em São Paulo – e também na Holanda, através do projeto *Road of Hope*. Pelo fato de ter clara a necessidade do envolvimento da Igreja em projetos sociais, a autora sempre se interessou por missões, e já teve algumas experiências transculturais na Ásia e América do Sul. Com o despertar para a visão holística do ser humano e tendo em mente a responsabilidade social aliada ao evangelismo, observou-se que o assunto “refugiado” é um tema razoavelmente conhecido pela Igreja, porém, sem um estudo mais aprofundado, dá-se a impressão de ser algo distante, sem a noção da tamanha importância e urgência que ele tem hoje.

A questão migratória pode ser destacada, relacionando-a ao segundo maior mandamento deixado por Jesus: amar ao próximo como a si mesmo. É importante lembrar que a missão não terminou nos doze, mas segue para a Igreja até que Jesus volte. Além disso, é preciso lembrar que, ainda que o foco seja a salvação da alma, não se pode preterir as outras necessidades do ser humano (1Jo 3.17-18). Assim, essa pesquisa contribuirá para a análise dessas questões teológicas tão importantes, não somente na teoria como também na prática.

Observa-se também que uma pesquisa sobre como a Igreja tem respondido à crise migratória será muito importante e relevante para a comunidade cristã, pois essa situação, como já colocado anteriormente, é algo que vem aumentando a cada dia, e ao mesmo tempo não se tem ouvido falar muito sobre, dentro do contexto eclesial. É necessário, desse modo, que o tópico seja mais abordado e entendido na sua extrema importância e urgência, para que então haja mais ação e envolvimento com essa causa. Ainda que seja um assunto que parte da Igreja brasileira já tenha ouvido falar e provavelmente esteja familiarizada

sobre, nota-se – não de forma generalizada – o pouco envolvimento da mesma, comparada com a dimensão da necessidade e urgência que é possível encontrar dentro do próprio país.

Na Bíblia, Jesus ensina que os dois maiores mandamentos são amar a Deus acima de todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo, respectivamente. Ainda em João 3.17-18, seguindo o mesmo pensamento, João ressalta: “Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade”<sup>1</sup>. Desse modo, lembrando que, além da relevância quanto à salvação, é necessário que a Igreja seja relevante na integralidade do ser humano. Estes fatos e constatações levam à seguinte pergunta: *Como a Igreja pode ser relevante e demonstrar a graça de Deus em meio à crise migratória atual?*

Algumas outras perguntas corolárias são encontradas sobre o assunto, e tentarão ser respondidas no decorrer da pesquisa. Algumas delas são: Quais os paralelos encontrados entre o povo de Deus e os refugiados hoje? A crise migratória no mundo é recente? Quais os motivos da crise migratória atual? Qual a situação dos refugiados no Brasil? O que a Bíblia fala sobre o tratamento ao estrangeiro? Quais os perigos do afastamento da Igreja quanto à missão que foi encarregada?

Para responder a essas questões, a pesquisa valeu-se de fontes bibliográficas, consulta em sites que trazem dados concretos e seguros em relação à crise migratória e projetos que trabalham diretamente com refugiados. Serão utilizados livros sobre a história de Israel, a Bíblia, livros e artigos relacionados à história e à missão da Igreja, teses de mestrado e doutorado, revistas, dados de projetos e estatísticas de algumas organizações.

A pesquisa será feita abordando a questão de migrações, dando ênfase naqueles que migram por questões de guerras ou catástrofes, sendo chamados nos países em que chegam de *refugiados*. O primeiro capítulo tratará de apresentar um panorama da história do povo de Israel, começando pelo chamado de Abraão pelo Senhor para ser o primeiro patriarca da Sua nação escolhida. De forma reduzida, a história do povo de Israel será exprimida, mostrando alguns marcos importantes como: a escravidão no Egito, o êxodo e a conquista da terra prometida, o cativeiro babilônico e, por fim, a volta do povo para Jerusalém. Buscar-se-á, no decorrer das ocorrências históricas, identificar os paralelos entre

---

<sup>1</sup> SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. Trad. Sociedade Bíblia Internacional. São Paulo: Geográfica, 2000, p. 953

o povo de Deus como um povo em terra estrangeira e os grupos de refugiados da atualidade, com o objetivo de gerar um senso de identificação e empatia. Em sequência, ainda no primeiro capítulo será feita uma exposição daquilo que a Bíblia ensina quanto ao tratamento do estrangeiro, tanto no Antigo Testamento como no Novo.

O segundo capítulo abordará o histórico e o desenvolvimento da questão dos refugiados. A delimitação do assunto será a partir da Segunda Guerra Mundial, tratando em seguida sobre os efeitos que ela trouxe para os refugiados, vindo até os dias atuais. Será feita uma breve contextualização da questão do refúgio, que já vem desde antes da Segunda Guerra Mundial, porém tem ficado mais conhecida pela grande maioria há poucos anos, quando em 2011 teve início a guerra na Síria, o pior conflito humanitário desde a Segunda Guerra Mundial. O objetivo do capítulo é ir do macro para o micro, mostrando quais motivos e acontecimentos têm ajudado a questão dos refugiados a se intensificar, e focar por fim na situação em que o Brasil se encontra atualmente. Com isso, falar-se-á de como tem sido o processo com os refugiados no País, explicando um pouco sobre como ela chegou ao estado que se encontra agora. Na pesquisa serão abordadas as dificuldades dos refugiados no país, o tratamento recebido dos nativos, as oportunidades encontradas por eles e como estes têm se adaptado ao Brasil.

O capítulo 3 abordará o papel da Igreja para com o refugiado. Com o crescente número de refugiados que têm procurado abrigo em outros países, torna-se fundamental que a Igreja se posicione em relação a essa crise migratória. Em vista disso, buscar-se-á primeiramente mostrar nesse capítulo qual é a missão da Igreja, e o que Deus a chama para fazer nesse mundo. Na sequência, será abordada a importância de ver o refugiado como ser humano de forma holística, tendo em vista o evangelismo aliado à responsabilidade social e como a Igreja pode abençoar e mostrar Jesus através dos seus atos, sabendo que, além da salvação da alma, o refugiado precisa de suas necessidades básicas supridas nessa vida. Logo após, entendido o que é a missão da Igreja e para o que Deus a chamou, explanar-se-ão os perigos do afastamento da visão da missão pela Igreja e quais as consequências que esse afastamento pode trazer. Por fim, tomando alguns projetos que trabalham com refugiados e algumas experiências práticas, serão elaboradas algumas perspectivas e ideias para incentivar e ajudar a Igreja de forma prática a como ela pode e deve se envolver, respondendo, de forma bíblica, à questão da crise migratória atual.

*“Pois o Senhor, o seu Deus, é o Deus dos deuses e o Soberano dos soberanos, o grande Deus, poderoso e temível, que não age com parcialidade nem aceita suborno. Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa. Amem os estrangeiros, pois vocês mesmos foram estrangeiros no Egito.”*

*Deuteronômio 10.17-19*

## 1. OCORRÊNCIA HISTÓRICA DE UM POVO EM TERRA ESTRANGEIRA

Assim como nenhuma nação surge do nada, Israel também tem uma rica pré-história que pode ser analisada. De acordo com Antônio Renato Gusso, é muito comum que ao ler o livro de Gênesis na Bíblia, a primeira impressão é de que os Patriarcas surgiram ainda no início da história da humanidade, porém esse é um grande engano. O erro acontece pelo fato de que, de forma muito breve, em 11 capítulos tem-se apresentada a história da criação, a queda do homem, a depravação da humanidade e a sua destruição através do dilúvio, e então se passa para a apresentação da história daqueles que são conhecidos como patriarcas. É necessário ter claro que esse período entre a criação até o início dos patriarcas com Abraão, é provavelmente maior do que o que se tem por aproximadamente 4000 anos entre os nossos dias e Abraão.<sup>2</sup>

Eugene H. Merrill também destaca que a história de Israel não tem início com Moisés ou com as ocorrências do Êxodo. É fato que o trabalho do relato e organização dos acontecimentos foram feitos por ele, o que faz com que, sem dúvidas, ao se olhar para a Torá<sup>3</sup>, tenha-se muito mais que livros históricos, mas um tratado de teologia para revelar o que o Senhor realizaria por meio da nação escolhida como seu povo, para a redenção de toda a humanidade.<sup>4</sup>

Ainda que o objetivo não seja de explicar essa história antecedente, é importante alertar e destacar a sua importância e existência. Com essa breve contextualização, abordar-se-á agora a história do povo de Israel, com início no chamado de Deus a Abraão para ser o pai da nação escolhida, partindo-se do reconhecimento de que o Antigo Testamento é a revelação de Deus em forma escrita.

### 1.1 O início do povo de Deus

---

<sup>2</sup> GUSSO, Renato Antônio. **Panorama Histórico de Israel:** para estudantes da Bíblia. Curitiba: A. D. SANTOS, 2006, p. 4.

<sup>3</sup> **TORÁ:** guia ou direção de Deus para povo hebreu. Em tempos remotos, o termo Torá referia-se diretamente aos cinco livros de Moisés, ou PENTATEUCO. Moisés orientou ao povo que “as crianças observassem todas as palavras da lei”. Apesar de a palavra lei não incorporar essa ideia em português, a Torá consistia no ouvir e no cumprir da lei. Tratava-se de um modo de vida com base na aliança que Deus havia feito com seu povo. Mais tarde, o Antigo Testamento hebraico passou a incluir os livros de sabedoria e os profetas; toda a coletânea ficou conhecida como Torá. In.: YOUNGBLOOD, Ronald F. (ed.). **Dicionário Ilustrado da Bíblia.** Trad. Lucília M. P. da Silva, Sônia F. L. Almeida, Bruno G. Destefani, Hander Heim, Marisa de S. Lopes, Hans U. Fichs. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 1420.

<sup>4</sup> MERRILL, Eugene. **História de Israel no Antigo Testamento.** Trad. Romell S. Carneiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 11.

A história do povo de Deus se iniciou com o migrante Abraão, que é chamado para ser o pai da nação escolhida. Jairo de Oliveira destaca seu exemplo de prática de hospitalidade, pois, em meio a um ambiente difícil, que era o deserto, apenas alguns pães, um pouco de água fresca e sombra, poderiam expressar o contraste entre a vida e a morte.<sup>5</sup> Terá, que foi pai de Abraão, deixou a terra de Ur dos Caldeus com o objetivo de chegar à terra de Canaã. Gusso aponta para o fato de que a Bíblia não deixa claro o motivo pelo qual Terá tomou essa decisão e, também, que a viagem não foi concluída até Canaã, pois pararam em Haran.<sup>6</sup> Em certo período da primeira metade do segundo milênio a.C., segundo J. Bright, Abraão deixou a terra de Haran com sua família e tudo que lhe pertencia para migrar para a terra onde Deus conduziria segundo o Seu propósito,<sup>7</sup> conforme Gênesis 12.1: “Então o Senhor disse a Abrão: ‘Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção’”.<sup>8</sup>

Em Canaã, Abraão pôde movimentar-se dentro da terra, locomovendo-se conforme sua livre escolha e vontade, levando um estilo nômade, sem que a população nativa lhe mostrasse qualquer impedimento ou ameaça.<sup>9</sup> Abraão teve vários filhos, porém esses foram mandados embora após receberem presentes dele para que, assim, o verdadeiro filho da promessa, Isaque – que veio em sua velhice através de Sara, sua esposa – ficasse liberto da presença deles. Antônio Renato Gusso salienta que essa atitude radical, por mais que pareça incoerente, pode ser o que evitou problemas quanto à chefia do povo após a morte de Abraão.<sup>10</sup>

Ainda que não tenha tanto destaque na história bíblica, Isaque é o herdeiro das promessas feitas ao seu pai Abraão. Casou-se com Raquel, que foi buscada por um servo na cidade de Naor, a pedido de seu pai Abraão, pois este desejava que Isaque casasse com uma mulher do seu próprio clã.<sup>11</sup> Teve filhos gêmeos, Esaú e Jacó, que mais tarde recebeu o nome de Israel. Gusso aponta para o feito de ser ele quem veio a tornar-se o receptor das

<sup>5</sup> BEZERRA, Carlos Jr. **Prefácio**. In.: OLIVEIRA, Jairo de (org.). **Refugiados, peregrinos e forasteiros: A Igreja respondendo ao desafio mundial da migração**. Trad. Jairo de Oliveira. Londrina: Descoberta, 2017, p. 6.

<sup>6</sup> GUSSO, 2006, p. 10.

<sup>7</sup> BRIGHT, J. **História de Israel**. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Ed. Paulinas, 1978, p. 51.

<sup>8</sup> SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 8.

<sup>9</sup> MERRIL, 2001, p. 22.

<sup>10</sup> GUSSO, 2006, p. 11.

<sup>11</sup> MERRIL, 2001 p. 33.

promessas de Deus que se cumpririam em sua descendência, através dos seus doze filhos, as conhecidas tribos de Israel.<sup>12</sup>

Jacó teve doze filhos, sendo o último gerado em sua velhice. José, seu caçula e predileto, era aquele que lhe fora concedido por Raquel, a quem amava. Com o desejo de mostrar o quanto o amava, Jacó o presenteou com uma túnica que, ao que tudo indica, era a marca externa daquele que era nomeado chefe de uma tribo. Seus irmãos, que já estavam irritados, atingiram o ápice do ódio contra José quando este relatou alguns sonhos que o colocavam em posição de exaltação perante os demais irmãos.<sup>13</sup>

Por ordem de Jacó, seus filhos – menos José – iam à busca de pastagem pela região para os seus rebanhos. Certo dia, José, enviado por seu pai Jacó, foi em busca de informações de seus irmãos das pastagens e rebanhos. Quando estes o viram se aproximar, cogitaram matá-lo, porém decidiram vendê-lo a um grupo de ismaelitas que estava a caminho do Egito.<sup>14</sup> Logo, observa-se aqui, outro personagem que acabou por se tornar um estrangeiro.<sup>15</sup>

José foi vendido quando tinha cerca de 17 anos de idade, e seu pai Jacó pensava que seu filho predileto havia morrido, atacado por um animal selvagem. Segundo Merrill, quando Jacó já estava com 130 anos de idade, José estava no Egito há 23 anos. Nesses anos, ele já tinha passado por muitas experiências. Trabalhou cerca de dez anos na casa de Potifar e, após sofrer acusações falsas de assédio contra a esposa do seu senhor, viveu por três anos na prisão de Faraó.<sup>16</sup> Mesmo preso, foi privilegiado e posto em cargo de supervisão, onde podia ajudar a seus colegas de prisão<sup>17</sup>, dentre eles um copeiro e um padeiro, interpretando seus sonhos, pedindo somente que, quando estes saíssem da prisão, lembrassem-se dele.<sup>18</sup>

Aos 30 anos, José foi liberto, para interpretar dois sonhos que Faraó havia tido, os quais nenhum dos sábios conseguira interpretar. A interpretação foi que os sonhos eram somente um, e Deus estava mostrando a Faraó o que devia fazer. As sete vacas gordas, assim como as sete espigas boas, eram sete anos de fartura. As sete vacas magras, e

---

<sup>12</sup>GUSSO, 2006, p. 11.

<sup>13</sup>SCHULTZ, Samuel J. **A História de Israel: no Antigo Testamento**. Trad. João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 37.

<sup>14</sup>MERRIL, 2001, p. 38.

<sup>15</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 20.

<sup>16</sup>MERRIL, 2001, p. 40.

<sup>17</sup>SCHULTZ, 1995, p. 39.

<sup>18</sup>SWINDOLL, Charles R. **José: Um homem íntegro e indulgente**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 90-91.



também as sete espigas feias, eram setes anos de fome. Terminando de falar, José ainda aconselhou a Faraó escolher algum homem capacitado para o governo da terra do Egito, a fim de, administrá-la durante esses anos.<sup>19</sup>

Charles Swindoll, ao relatar essa parte da história de José, escreve que à frente do Faraó se encontrava quem satisfazia todos os requisitos necessários para esse cargo. Ainda que José pudesse se voluntariar para o cargo, sabendo que era capacitado para tal, ele simplesmente se conteve. Ainda assim, Faraó tinha certeza de que José era quem estava apto para a tarefa, como se pode ver relatado em Gênesis 41:39-40 : “Disse, pois, o faraó a José: ‘Uma vez que Deus lhe revelou todas essas coisas, não há ninguém tão criterioso e sábio como você. Você terá o comando de meu palácio, e todo o meu povo se sujeitará às suas ordens. Somente em relação ao trono serei maior que você’”.<sup>20</sup>

A administração de José trouxe resultados muito positivos, fazendo também com que houvesse um aumento da classe média.<sup>21</sup> Pessoas dos arredores e de terras distantes começaram a procurar comida no Egito, e dentre os que iam, foram também os filhos de Jacó. Os mesmos não tinham ideia de que aquele que estava trajado com vestes reais era o irmão que, há muito tempo atrás, tinham vendido por 20 moedas de prata.<sup>22</sup> José lhes perdoou e os chamou para morar no Egito. Seus irmãos, seu pai Jacó e todos os seus familiares receberam da melhor parte da terra do Egito.<sup>23</sup>

José, como administrador fundamental do Egito, além de conduzir o país nos anos decisivos de fartura e de fome, também foi canal para a salvação da sua própria família. Pelo seu caráter íntegro e admirável, a posição e o prestígio que conquistou fizeram com que José tivesse a possibilidade de separar a terra de Gosén para ser habitada pelos israelitas, quando os mesmos migraram para o Egito. Isso foi totalmente vantajoso para eles, por suas atividades pastoris.<sup>24</sup>

Ao analisar a história apresentada, segundo M. A. Beek, percebe-se que Israel foi ao Egito como povo refugiado.<sup>25</sup> Em meio à crise de fome daquela época, viram-se

---

<sup>19</sup>SWINDOLL, 2000, p. 90-91.

<sup>20</sup>SWINDOLL, 2000, p. 92.

<sup>21</sup>MERRIL, 2001, p. 43.

<sup>22</sup>SWINDOLL, 2000, p. 124-126.

<sup>23</sup>SWINDOLL, 2000, p. 224.

<sup>24</sup>SCHULTZ, 1995, p. 39.

<sup>25</sup>BEEK, M. A. **História de Israel**. Trad. Jorge E. M. Fortes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p. 23.

desesperados, e através da graça que encontraram pela vida de José, deixaram sua terra para então estabelecerem-se na terra do Egito.

## **1.2 A escravidão no Egito e a conquista da terra prometida**

Após a entrada de Jacó e seus familiares no Egito, muitos anos se passaram até que estes pudessem sair de lá. Gusso destaca que por séculos, puderam viver bem com os egípcios, mas, conforme o tempo foi passando e os patriarcas foram morrendo, a condição política do país mudou e isso afetou diretamente os israelitas. Um novo rei que não conheceu José e assim não teve acesso a sua importante história e contribuição para o país, assumiu o poder. Sendo assim, tem-se pela tradição bíblica que os descendentes de Israel passaram da situação de hospedes, para a de escravos.<sup>26</sup>

Pelo receio de como os hebreus – povo de Israel – estavam se multiplicando e crescendo, o rei decretou uma política repressiva, incluindo a redução dos hebreus à escravidão em projetos de construções pública com trabalhos forçados. À medida que se observou que o projeto tinha fracassado, um decreto foi estabelecido, pelo qual todos os meninos hebreus que nascessem deveriam ser mortos.<sup>27</sup>

Após muito sofrimento e exploração, surge então o libertador.<sup>28</sup> Pode-se dizer então, que Moisés é concebido em tempos muito perigosos. Pela graça de Deus, foi adotado pela Filha de Faraó, o que lhe proporcionou muitas vantagens, sendo muito provável que sua educação foi dada juntamente com herdeiros reais da Síria e outras terras.<sup>29</sup>

Moisés não se apresenta como libertador por livre e espontânea vontade, mas pela certeza de que Deus o havia chamado e enviado para libertar o seu povo, com a ajuda de seu irmão Arão.<sup>30</sup> Deus afirmou sua divina ajuda a Moisés, sendo assim ele e Arão solicitaram a permissão de conduzir o povo pelo deserto com o objetivo de adorar ao Senhor. O pedido, além de ter sido negado, provocou aumento dos trabalhos forçados sobre Israel.<sup>31</sup>

Merril diz que certamente o faraó já sabia que o verdadeiro motivo dessa saída para o deserto não era apenas de alguns dias de adoração ao Senhor, mas uma partida definitiva do Egito. Para que sua autoridade fosse provada, Moisés realizou maravilhas e

---

<sup>26</sup>GUSSO, 2006, p. 18.

<sup>27</sup>MERRIL, 2001, p. 51.

<sup>28</sup>GUSSO, 2006, p. 18.

<sup>29</sup>SCHULTZ, 1995, p. 49.

<sup>30</sup>GUSSO, 2006, p. 18.

<sup>31</sup>MERRIL, 2001, p. 57.

sinais perante o faraó, e, não sendo suficientes, dez pragas sobrevieram sobre todo o Egito, uma a uma após cada recusa do faraó em autorizar a partida do povo de Israel.<sup>32</sup>

Apenas após a décima praga, o faraó permitiu a saída do povo sob a liderança de Moisés, ainda que após essa saída tentou mais uma vez evitar que seus escravos partissem definitivamente, perseguindo-os e sendo derrotado quando tentou atravessar o mar de Juncos igualmente aos Israelitas que o fizeram através de um milagre e não obteve sucesso.<sup>33</sup> As pragas, maravilhas e sinais, operados pelo Senhor através da vida de Moisés, manifestaram o poder do Deus da nação de Israel<sup>34</sup>, não apenas ao faraó e aos egípcios, como também aos próprios israelitas.<sup>35</sup>

No deserto, Deus proveu miraculosamente o alimento ao povo, pois caía maná dos céus diariamente, e quando tiveram necessidade de carne, também foram providas codornas. Os israelitas chegaram ao Monte Sinai em menos de três meses e ali permaneceram acampados por aproximadamente um ano. Foi então no Sinai que Deus fez uma aliança, na qual Israel seria seu povo escolhido, sua nação sagrada, sendo que a condição dessa aliança era a obediência.<sup>36</sup>

Após completarem um ano de libertação, partiram para a conquista da terra prometida. No entanto, alguns dias depois essa conquista foi adiada e só foi concretizada trinta e oito anos mais tarde.<sup>37</sup> Pode-se perceber, pelos relatos bíblicos da permanência do povo de Israel no deserto, que a primeira tentativa de entrar em Canaã foi negativa, e esse fracasso advém de que, dentre os doze exploradores que foram analisar a terra, somente Josué e Calebe apoiaram a conquista e os demais se julgaram incapazes de enfrentar os povos que a habitavam.<sup>38</sup> Através desse relato, o povo foi desanimado e a sua rebeldia resultou em castigo imediato. Israel foi condenada a continuar no deserto até que todos os

---

<sup>32</sup>MERRIL, 2001, p. 57.

<sup>33</sup>GUSSO, 2006, p. 19.

<sup>34</sup> **NAÇÃO/POVO DE ISRAEL:** “Não é de concordância geral a maneira como Israel se tornou uma nação.

Johnson, por exemplo, opina que o nascimento da nação aconteceu no exato momento em que Jacó teve seu nome mudado, por Deus, para Israel, conforme está narrado em Gênesis 32:22-32. Este acontecimento, contudo, ainda que seja de extrema importância para a futura nação, pois aí surgiu o nome Israel, não deve ser tomado como o início. Eles, ainda que numerosos, por esta ocasião, não passavam de uma família ou clã que viria a se tornar um povo em especial. [...] Ao que parece, isto aconteceu no momento em que Deus, utilizando Moisés como intermediário, estabeleceu um pacto com eles, três meses depois que saíram do Egito (Êx 19).” In.: GUSSO, 2006, p. 21.

<sup>35</sup>SCHULTZ, 1995, p. 50.

<sup>36</sup>SCHULTZ, 1995, p. 53-57.

<sup>37</sup>GUSSO, 2006, p. 22.

<sup>38</sup>BEEK, 1967, p. 35.

que tivessem a idade de vinte anos para mais estivessem mortos, e dos que foram espionar a terra prometida, somente Josué e Calebe permaneceram.<sup>39</sup>

De fato, muitas coisas importantes ocorreram na época em que Israel ficou aguardando no deserto para invadir Canaã. Na Bíblia, no livro de Números, encontram-se alguns relatos de rebeliões, dificuldades enfrentadas, vitórias em batalhas, e algumas outras poucas amostras daquilo que aconteceu em todos aqueles anos. Gusso afirma que este foi um tempo de fato muito importante para Israel. Foi nesse período que ele se estabeleceu como povo e também desenvolveu sua religião, e, apesar das dificuldades, foi lá onde Israel passou a agir como nação.<sup>40</sup>

“No quadragésimo ano, Moisés traçou planos para retomar a marcha até Canaã.”<sup>41</sup> Avisado que sua morte não tardaria, o grande libertador transfere a liderança para Josué, e dá suas últimas orientações ao povo.<sup>42</sup>

Josué estava muito bem preparado e treinado para a desafiadora missão de conquistar a terra de Canaã. Schultz declara que a conquista de Jericó foi uma simples vitória, pois Israel não fez um ataque à cidade segundo normalmente é feito em uma guerra, mas o povo simplesmente seguiu as instruções do Senhor, que eram marchar uma vez por dia, durante seis dias em volta da cidade. Feito isso, no sétimo dia, após marcharem sete vezes, as muralhas caíram e assim os israelitas entraram e se apossaram com facilidade da cidade e partiram, conquistando outras cidades da região de Canaã.<sup>43</sup>

Trinta e um reis são alistados entre os derrotados por Josué. Havendo tantas cidades-estado, cada qual com seu próprio rei, em país tão pequeno, foi possível a Josué e aos israelitas o derrotarem esses governantes locais em pequenas federações. Embora os reis tivessem sido derrotados, nem todas as cidades foram realmente capturadas ou ocupadas. Por intermédio dessa conquista Josué subjuguou os habitantes até o ponto em que, durante o período imediato de paz os israelitas puderam estabelecer-se na terra prometida.<sup>44</sup>

Foi um tempo de adaptação, quando o povo enfrentou muitos problemas e surgiu então a era dos juízes<sup>45</sup>, a qual durou aproximadamente 400 anos. Como era necessário um

---

<sup>39</sup> GUSSO, 2006, p. 23.

<sup>40</sup> GUSSO, 2006, p. 24.

<sup>41</sup> MERRIL, 2001, p. 79.

<sup>42</sup> GUSSO, 2006, p. 27.

<sup>43</sup> SCHULTZ, 1995, p. 90-93.

<sup>44</sup> SCHULTZ, 1995, p. 97.

<sup>45</sup> **JUÍZES:** “O termo juízes, quando se refere aos líderes desta época em evidência, é uma tradução não muito adequada para a palavra hebraica shôfetín. Neste caso, seria mais apropriado traduzi-la por ‘libertadores’,

sistema que lhes trouxesse segurança, o povo pediu por um rei e assim, em um momento de crise, houve o estabelecimento da monarquia em Israel.<sup>46</sup>

Saul, através da indicação do profeta Samuel, foi o primeiro rei de Israel. Após Saul, o servo escolhido foi Davi, através do qual Deus completaria seus planos eternos. Foi sucedido por seu filho Salomão e após sua morte, devido às diferenças já encontradas entre Judá e Israel<sup>47</sup>, e também ao mau governo do início do reinado de Roboão, a divisão dos reinos foi oficialmente efetuada<sup>48</sup>, nas narrativas apresentadas na Bíblia. É comum a designação da nomenclatura de reino norte para Israel, e reino sul para Judá.<sup>49</sup>

Merril<sup>50</sup> apresenta em seu livro a seguinte lista dos reis da monarquia dividida:

Israel		Judá	
Jeroboão	931 – 910	Roboão	931 – 913
Nadabe	910 – 909	Abias	913 – 911
Baasa	909 – 886	Asa	911 – 870
Elá	886 – 885		
Zimri	885	Josafá	873 – 848
Onri	885 – 874		
Acabe	874 – 853	Jeorão	848 – 841
Acazias	853 – 852	Acasias	841
Jorão	852 – 841	Atália	841 – 835
Jeú	841 – 814	Joás	835 – 796
		Amazias	796 – 767
Jeoacaz	814 – 798	Usias	792 – 740
Jeoás	798 – 782		
Jeroboão II	793 – 753	Jotão	750 – 731
Zacarias	753		
Salum	752	Acaz	735 – 715

---

pois a grande maioria destas pessoas atuaram desta forma em momentos que parte da nação sofria opressão externa”. In.: GUSSO, 2006, p. 47.

<sup>46</sup>GUSSO, 2006, p. 41-55.

<sup>47</sup>O REINO ESTEVE DIVIDIDO por um breve período de tempo quando Isbosete, filho de Saul, foi feito rei (2Sm 2. 8-11). In.: SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 232

<sup>48</sup>MERRILL, 2001, p. 339-342.

<sup>49</sup>SCHULTZ, 1995, p. 151.

<sup>50</sup>MERRILL, 2001, p. 340.

Menaém	752 – 742	Ezequias	729 – 686
Pecaías	742 – 740	Manassés	696 – 642
Peca	752 – 732	Amom	642 – 640
Oséias	732 – 722	Josias	640 – 609
		Jeoacaz	609
		Jeoiakim	608 – 598
		Jeoiachim	598 – 597
		Zedequias	597 – 586

Tabela 1 – Reis da monarquia dividida

O reino do norte atuou por mais ou menos duzentos e nove anos como uma unidade política, até que, em 722 a.C, foi conquistada pela Assíria. Já o Reino do Sul, Judá, foi muito mais estável que Israel, em termos de política, destaca Gusso, tendo sua monarquia autônoma até mais ou menos 586 a.C, quando, após algumas intervenções anteriores, foi totalmente dominada pela Babilônia. Foram aproximadamente 345 anos de monarquia, exercida por 20 descendentes de Davi.<sup>51</sup>

### 1.3 O cativeiro babilônico e a volta para Jerusalém

A mudança desde um estado nacional ao exílio da Babilônia não ocorreu de uma hora para outra, mas gradualmente para o povo de Judá. Schultz destaca que foram pelo menos quatro vezes que houve cativos de Jerusalém levados a Babilônia durante os dias de Nabucodonosor.<sup>52</sup>

A primeira vez que Jerusalém foi submetida ao poder babilônico foi em 605 a.C., sendo esse o marco introdutório para a contagem dos anos que já haviam sido antecipados pelo profeta Jeremias.<sup>53</sup> Dentre os que foram levados, é possível destacar Daniel e seus amigos, que foram forçadamente carregados para longe de sua terra.<sup>54</sup> Em sua oração, Daniel pôde declarar que o seu povo tinha se tornado um objeto de zombaria e repreensão entre as nações (Dn 9.16). Tamanho sofrimento foi mais pesado para aqueles que estavam cativos, no que lhes importava o futuro de Israel, do que de qualquer sofrimento físico que talvez tivessem de passar na Babilônia.<sup>55</sup> A segunda invasão aconteceu em 597 a.C, tornando

<sup>51</sup>GUSSO, 2006, p. 79-80.

<sup>52</sup>SCHULTZ, 1995, p. 235

<sup>53</sup>SCHULTZ, 1995, p. 235-239.

<sup>54</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 21.

<sup>55</sup>SCHULTZ, 1995, p. 239-240.

cativos milhares de pessoas importantes da alta sociedade, como artesãos, ferreiros, oficiais, homens de guerra e príncipes. A ansiedade por voltar para o lar tomou conta dos exilados, permanecendo enquanto o governo de Jerusalém encontrava-se intacto. Porém, as esperanças de um retorno rápido se foram, quando, em 586 a.C., o país sofreu ainda outra invasão, tendo essa resultados mais radicais. Jerusalém foi destruída e Judá passou a não existir mais como estado nacional. Com o templo destruído e a cidade em ruínas, a capital foi abandonada pelas pessoas que permaneceram no país. Uma última deportação ainda é mencionada em Jeremias 52.30, quando mais judeus foram levados a Babilônia em 582 a.C., ano em que o Egito foi subjugado por Nabucodonosor.<sup>56</sup> Os textos de 2 Reis 25.21b e Jeremias 52.27b, “concluem o relato das campanhas de Nabucodonosor em Judá com a seguinte afirmação: «Assim, Judá foi deportado/exilado (*glh*) da sua terra». A partir desse momento, Judá já não vive na sua terra, mas sim na Babilônia”.<sup>57</sup>

O exílio, em sua maior parte, foi vivido entre os anos de 586 a 538.<sup>58</sup> Schultz observa que a região da Babilônia pode ser onde os judeus se estabeleceram inicialmente, porém mais tarde se espalharam por todo o império ao lhes ser concedida uma liberdade maior,<sup>59</sup> quando, em 538, o imperador Ciro,<sup>59</sup> que ascendeu ao poder, promulgou um decreto de libertação.<sup>60</sup>

Ainda que com referências limitadas, a literatura bíblica possui sinais de que a vida dos cativos na Babilônia era agradável, e o povo pôde se ajustar facilmente ao novo local.<sup>61</sup> “Está claro que o sofrimento do povo cativo era mais interno, saudades da pátria e orgulho ferido, do que externo. Eles foram assentados à força em colônias na Babilônia, mas não levavam vida de escravos”.<sup>62</sup> Segundo Schultz, é evidente que, na época do decreto de Ciro, a grande maioria dos exilados fazia parte de uma geração que não teve contato com sua pátria, pois tinham nascido no exílio, e mesmo que sonhassem com Jerusalém, ainda eram o povo da Babilônia. A geração mais velha ansiava pela volta ao lar, porém, ainda assim, não conseguiram um grande número de judeus para acompanhá-los. É claro que não é difícil

---

<sup>56</sup>SCHULTZ, 1995, p. 236.

<sup>57</sup> GONÇALVES, Francolino J. Exílio babilônico de Israel: realidade histórica e propaganda. *Cadmo: actas do colóquio internacional: sociedade, religião e literatura no próximo Oriente Antigo*, n 10, p.167-197, 2000, p. 168.

<sup>58</sup>MERRILL, 2001, p. 499.

<sup>59</sup>SCHULTZ, 1995, p. 237.

<sup>60</sup>MERRILL, 2001, p. 498.

<sup>61</sup>MERRILL, 2001, p. 499.

<sup>62</sup>GUSSO, 2006, p. 139.

compreender essa posição, afinal a vida na Babilônia era relativamente próspera para eles, e seria um tanto quanto doloroso retornarem a uma terra de morte e cinzas para reiniciar a vida. É notório também que o principal destaque é a facilidade de adaptação e assimilação do povo, pois, assim como os outros povos e refugiados deportados, os judeus expressaram grande flexibilidade, não somente permanecendo na terra, mas também permitindo que a mesma pudesse os penetrar.<sup>63</sup>

É possível dizer, então, que, através do cativeiro imposto pela Babilônia, o povo de Judá foi levado à diáspora<sup>64</sup>. Israel, o reino do Norte, há muito tempo havia se misturado entre as nações, porém não foi capaz de permanecer às suas características próprias, passando, assim, a ser assimilado por outros povos. Já com o reino do Sul, Judá, a situação foi diferente. Os exilados foram para o cativeiro, mas ainda puderam viver em comunidades, ou colônias, fazendo, assim, com que as antigas tradições, e o anseio genuíno de um dia estar de volta à terra natal, os mantivesse com uma identidade própria.<sup>65</sup> Israel estava adquirindo, então, uma nova forma. “Não estaria mais limitado por uma área geográfica ou por algum poder político. Não havia mais possibilidade de voltar, de forma completa, ao antigo padrão, apenas como nação, estava se tornando uma comunidade de fé entre as nações”.<sup>66</sup>

O fim no exílio veio no tempo planejado pelo Senhor, quando teve início o processo de retorno, ainda que não sem obstáculos.<sup>67</sup> Depois que já parecia não haver mais esperanças da possibilidade de algum retorno, após aproximadamente terem se passado meio século, a partir da destruição do templo em Jerusalém, trazendo como consequência o desaparecimento do estado de Judá, a situação em que o povo judeu se encontrava começou a se modificar. Novamente a liderança mundial estava trocando, e por isso as esperanças para Judá renasceram.<sup>68</sup>

---

<sup>63</sup> MERRILL, 2001, p. 501.

<sup>64</sup> “DIÁSPORA (διασπορά), literalmente, significa dispersão e descreve, inicialmente, o movimento populacional dos habitantes de Judá, saindo de sua terra, por vários motivos e se estabelecendo em outras nações, porém sem perder os vínculos com a terra natal, principalmente com a religião que manteve o seu ponto central em Jerusalém. Não só os que saíram de Judá, mas, ainda os descendentes destes, que continuaram a viver em comunidades como seus antepassados, entre outros povos, ligadas religiosamente à Jerusalém, receberam esta designação.” GUSSO, 2006, p. 131.

<sup>65</sup> GUSSO, 2006, p. 131-132.

<sup>66</sup> GUSSO, 2006, p. 133.

<sup>67</sup> MERRILL, 2001, p. 502.

<sup>68</sup> GUSSO, 2006, p. 149.



Em 539 a.C, as tropas de Ciro sitiaram a cidade da Babilônia, e poucos dias após entrar na cidade sem precisar lutar, assumiu o trono do Império Babilônico como rei. A maneira como governou foi de grande destaque, essencialmente pela forma como tratou os povos que foram deportados de suas terras natais para Babilônia.<sup>69</sup> Ele colocou em vigor uma política beneficente que permitia que todos os exilados pudessem retornar para suas terras se assim o desejassem. Os judeus, evidentemente, estavam incluídos e puderam desfrutar desse decreto, tendo em mente que era bênção de Deus, como cumprimento da sua palavra profética. Ainda que a maioria dos judeus tenha decidido ficar em seus lares na Babilônia, aqueles que tinham seus olhos fixos nos propósitos perpétuos do Senhor perceberam no exílio um instrumento para o próprio crescimento deles. O retorno a Jerusalém, a sua pátria, era o marco de que eles ainda possuíam um papel redentor a cumprir.<sup>70</sup>

Dada a aprovação do rei, o longo e árduo caminho a Jerusalém foi feito com êxito pelos exilados, mantendo com eles a ideia da reconstrução do templo, que já estava em destroços por aproximadamente 50 anos. Segundo os registros de Esdras, cerca e 50.000 exilados retornaram à pátria, Jerusalém.<sup>71</sup> Gusso destaca que, quando se fala da volta para Jerusalém, é preciso ter em mente que a maioria dos que estavam nos grupos viajantes eram formados por pessoas que nunca tinham estado em Judá. Assim, para a maioria deles não se tratava de uma volta, mas da ida para a terra dos seus antepassados, com o objetivo de uma nova perspectiva de vida social, econômica e religiosa.<sup>72</sup>

Como se pode observar, o Antigo Testamento tem muitos ensinamentos sobre refugiados ou pessoas vivendo na condição de estrangeiros. Os Israelitas foram transportados não apenas quando foram feitos escravos no Egito, mas em muitos outros momentos da história puderam ter a triste experiência de partirem da sua terra para se tornarem refugiados e peregrinos em outro povo e nação. Além das histórias coletivas de dispersão vividas pelo povo de Israel, também é possível encontrar israelitas que individualmente tiveram que deixar a sua pátria para viver em outro país, como já abordado

---

<sup>69</sup>GUSSO, 2006, p. 149-152.

<sup>70</sup>MERRILL, 2001, p. 503-504.

<sup>71</sup>SCHULTZ, 1995, p. 244.

<sup>72</sup>GUSSO, 2006, p. 156.

nessa pesquisa.<sup>73</sup> As suas migrações, que dificilmente foram voluntárias, eram, na maioria das vezes, resultado da pressão política dos países dominantes da época.<sup>74</sup>

Nas suas migrações, estes homens tornam-se mais abertos ao senso do provisório e da busca, à fé e a esperança. 'Partir é, antes de tudo, sair de si' (Helder Câmara). Na verdade, as crises nos amadurecem também do ponto de vista religioso.<sup>75</sup>

#### 1.4 O tratamento ao estrangeiro

M. Daniel Carroll R. destaca que, para o cristão, a Bíblia é como um par de lentes que deveria moldar profundamente o modo como se enxerga a vida. Essa visão de mundo deve mostrar claramente tudo o que Deus espera que o cristão perceba.<sup>76</sup>

Segundo Anna Fumagalli, é muito claro o fato de que, mesmo sem ser especialista, não é difícil o leitor perceber que experiências relacionadas a migrações e ao estrangeiro sejam muito comuns à Bíblia do início ao fim.<sup>77</sup> São muitas as passagens de povos e indivíduos vivendo dispersos da sua própria terra. Jairo Oliveira, de acordo com o destaque feito acima, afirma que as Escrituras em todo tempo mostram algum movimento de diáspora.<sup>78</sup>

##### 1.4.1 O tratamento ao estrangeiro no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, os israelitas são instruídos por Deus a acolherem os estrangeiros que residiam entre eles.<sup>79</sup> Nos textos hebraicos é possível encontrar várias palavras para se referir ao estrangeiro. Os mais constantes são:

a) כְּרִי (nokrí)<sup>80</sup>: Geralmente exprimem que algo ou alguém não é israelita. Pode se referir a estrangeiros que residem em Israel, porém é possível entender a palavra por

<sup>73</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 19-20.

<sup>74</sup> MARIANO, Lília Dias. **A lei e os "fora-da-lei"**. Os encontros e desencontros entre lei e migrantes no Antigo Israel. In.: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n.63, mar. 2009, p. 2.

<sup>75</sup> GRUEN, W. **O tempo que se chama hoje**: uma introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 23.

<sup>76</sup> CARROLL, M. Daniel. **Christians at the Border, Immigration, the Church, and the Bible**. 2ed., Grand Rapids: Brazos Press, 2013, p. 42.

<sup>77</sup> FUMAGALLI, Anna. Ler a Bíblia no contexto migratório. **Ciberteologia**: Revista de teologia e cultura, São Paulo, ano VIII, ed. 37, p. 33 – 62, jan/fev/mar/ 2012, p. 34.

<sup>78</sup> OLIVEIRA, Jairo de. **Uma perspectiva bíblica sobre diáspora**. In.: OLIVEIRA, Jairo de (org.). **Refugiados, peregrinos e forasteiros**: A Igreja respondendo ao desafio mundial da migração. Trad. Jairo de Oliveira. Londrina: Descoberta, 2017, 2017, p. 17.

<sup>79</sup> OLIVEIRA, 2017, p.18.

<sup>80</sup> HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Trad. Marcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 969.

duas perspectivas. Uma das impressões que se tem é de que alguns desses estrangeiros não estiveram na terra por muito tempo<sup>81</sup>, são estrangeiros de passagem, como turistas sem pretensão de ficar.<sup>82</sup> Em outros casos, a impressão é de que esses estrangeiros não se integram à vida israelita.<sup>83</sup> Desse tipo de estrangeiro é permitido cobrar juros, pois do contrário é possível que o sistema social de Israel possa falir ou ser abusado por estrangeiros que se aproveitam.<sup>84</sup>

b) גוֹי<sup>85</sup> (*gôy*): Ainda que não se tenha a exata definição da palavra, no singular ela é entendida basicamente como povo, gentio ou nação. Também pode estar caracterizando ou se referindo aos aspectos políticos, éticos e sociais de determinado povo, ou nação. Seu plural, *goyim*, em muitos casos caracteriza um grupo de nações ou povos vizinhos a Israel, na sua maioria nações pagãs as quais eles deveriam, segundo as leis anteriores, manter distância e não se misturar.<sup>86</sup>

c) גֵר<sup>87</sup> (*ger*): O termo mais conveniente para a pesquisa é o *ger*. É aquele que veio da sua terra natal e agora passa a residir em Israel, sendo integrado à sociedade. Ainda assim, esse estrangeiro não dispõe dos mesmos benefícios e direitos que um israelita, e é colocado, então, sob algumas leis que o ajudam e dão assistência social.<sup>88</sup> Estas pessoas não faziam parte da linhagem genealógica dos hebreus, mas viviam em seu meio, muitas vezes se tornando adeptos à fé de Israel. Sendo assim, essas pessoas podiam usufruir as bênçãos da aliança também.<sup>89</sup> Israel havia sido estrangeiro na terra do Egito e as ocorrências de opressão e escravidão vivenciadas por eles não deveriam jamais se repetir no meio de seu povo.<sup>90</sup>

De acordo com o dicionário do Antigo Testamento Vines Expository Dictionary of Old Testament Words, a palavra hebraica *ger*, que é traduzida nas Escrituras como estrangeiro, aparece 92 vezes na Bíblia hebraica.

<sup>81</sup>CARROLL, 2013, p. 69-70.

<sup>82</sup> KRAMER, Pedro. Estrangeiro, órfão e viúva na legislação deuteronomica. Programa de uma sociedade igualitária, de solidariedade e de partilha. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XVII, n. 35, p. 247-264, jul/dez, 2010, p. 255.

<sup>83</sup>CARROLL, 2013, p. 70

<sup>84</sup> KRAMER, 2010, p. 255.

<sup>85</sup> HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 251.

<sup>86</sup> MARIANO, 2009, p.6

<sup>87</sup> HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 254.

<sup>88</sup> KRAMER, 2010, p. 254.

<sup>89</sup> JONES, Landon Booth. O Deus que declara o que é bom. **Revista Teológica**, [S.l.], n. 11, nov. 2016. Disponível em: <<http://www.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/147>>. Acesso em: 02 abr. 2018, p. 60.

<sup>90</sup> MARIANO, 2009, p. 4-5

Curiosamente, são 59 referências de um total de 92 vezes que a palavra aparece na Torá – a coleção dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento. Isto significa que houve muita ênfase na Lei dada ao povo de Israel no tocante ao amor e ao cuidado ao estrangeiro.<sup>91</sup>

A Bíblia possui uma abordagem muito especial quanto à questão do peregrino – sendo ele refugiado ou emigrante na terra -, e do estrangeiro. A expectativa era de que o povo de Deus olhasse para eles com respeito e empatia, ao mesmo tempo que os estrangeiros fizessem a sua parte, seguindo as normas e assim sendo integrados à comunidade.<sup>92</sup>

Como já foi observado, no Antigo Testamento os israelitas são instruídos ao bom tratamento e acolhimentos dos estrangeiros. Segundo M. Carroll, uma das razões para o povo de Israel ter compaixão e graça com os estrangeiros é devido a sua história já vivida como povo estrangeiro, desde os patriarcas individualmente, e também na terra do Egito e na Babilônia.<sup>93</sup> Jairo Oliveira também ressalta o fato de que não seria prudente da parte dos israelitas terem outra atitude senão a de serem compassivos e generosos com os estrangeiros que estavam em seu meio, pois eles mesmos já tinham experimentado essa dura realidade outrora.<sup>94</sup>

O livro de Deuteronômio lembra veementemente o passado do povo de Israel (4:9, 6:12; 8:11; 26:13, etc), salientando o tratamento ao estrangeiro em diversas passagens (10:18-19; 24:18, 22, etc).<sup>95</sup> De acordo com essa afirmação, o teólogo Joel Green, citado por Jairo Oliveira, diz que

Os israelitas jamais podiam esquecer que tinham sido estrangeiros menosprezados em outra terra. Em determinada ocasião, eles haviam sido trabalhadores escravos no sistema opressivo do Egito, mas foram redimidos pela mão graciosa e poderosa de Deus. Ou seja, como descendentes de imigrantes, eles deveriam ser generosos com os estrangeiros habitando entre eles.<sup>96</sup>

Outra razão é a de que Deus estende o mandamento “amar ao próximo como a si mesmo” (Lv 19:18) para além dos familiares e residentes de Israel. Deus ordena que o povo ame ao estrangeiro como a si mesmo (Lv 19.34). É muito confortável amar os seus, aqueles com quem se tem proximidade, do contrário, amar pessoas de fora e cheias de diferenças –

---

<sup>91</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 18.

<sup>92</sup> VOGEL, Hans. **O Mundo bíblico visto de hoje**. Universidade de Lisboa – Trabalho de Projeto Mestrado no ramo de História, na especialidade em História Antiga. 2013, p. 37.

<sup>93</sup> CARROLL, 2013, p. 71-73.

<sup>94</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 19.

<sup>95</sup> CARROLL, 2013, p. 72-73.

<sup>96</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 19.

tanto culturais como sociais – exige um tanto quanto mais de esforço, e era exatamente essa a postura esperada do povo de Israel para com o estrangeiro.<sup>97</sup>

Por último, e não menos importante, mas a principal e mais profunda razão, é porque Deus ama e tem compaixão pelos estrangeiros. Sendo assim, Ele nunca permitiria que o povo de Israel, o Seu povo, o tratasse de forma diferente.<sup>98</sup> Carroll aponta que Deus, ao lembrar Israel da sua história de redenção e de tudo o que já haviam passado como imigrantes, Ele expõe algo muito importante e claro sobre a Sua pessoa: o fato de que ama os estrangeiros e desamparados. Outro ponto importante quanto ao amor de Deus pelos estrangeiros é que esse amor era integral no aspecto de fornecer também alimento e roupas:

Pois o Senhor, o seu Deus, é o Deus dos deuses e o Soberano dos soberanos, o grande Deus, poderoso e temível, que não age com parcialidade nem aceita suborno. Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa. Amem os estrangeiros, pois vocês mesmos foram estrangeiros no Egito (Dt 10.17-19).<sup>99</sup>

Logo, os israelitas devem amar os estrangeiros – refugiados, emigrantes – porque Deus os ama, sendo eles o canal para essa provisão de roupas e alimentos para os mesmos,<sup>100</sup> afinal, muito além de apenas dividir a terra com eles, as Escrituras contêm um acervo bem mais específico quanto a instruções de como deveria ser o tratamento desses. Jairo Oliveira aponta para o fato de que, ao obedecerem a essas instruções, Israel estaria expressando como povo escolhido o caráter do Senhor aos outros povos, pois não havia em nenhum outro povo um padrão parecido com o que o Senhor estava ordenando a Israel, pelo qual os estrangeiros deveriam ser tratados de uma forma que os próprios israelitas não foram quando viveram como povo em terra estrangeira: com amor e dignidade.<sup>101</sup> “Deus estava ensinando, através do Seu povo, como o mundo inteiro deveria tratar os seus estrangeiros”.<sup>102</sup>

Em contrapartida, Jairo Oliveira ressalva que é importante lembrar que, para desfrutarem das bênçãos e de todos os benefícios que os israelitas possuíam, os estrangeiros deveriam se submeter às mesmas leis que eles obedeciam. Com isso é possível perceber como Deus trata tanto o estrangeiro quanto o israelita da mesma forma, como se

---

<sup>97</sup>CARROLL, 2013, p. 73.

<sup>98</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 18-19.

<sup>99</sup>SOCEIDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 143.

<sup>100</sup>CARROLL, 2013, p. 73.

<sup>101</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 21-23.

<sup>102</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 23.

pode observar no livro de Números 15.16: “A mesma lei e ordenança se aplicará tanto a vocês como ao estrangeiro residente”<sup>103</sup>. Quanto à religião, eles não eram obrigados a se converterem ao judaísmo, porém, se o fizessem, deveriam, da mesma forma que os israelitas, seguir todas as normas religiosas, caso contrário a não observância dessas normas traria consequências que eram aplicadas tanto para judeus como para estrangeiros. “Diga-lhes: Todo israelita ou estrangeiro residente que oferecer holocausto ou sacrifício, e não o trazer à entrada da Tenda do Encontro para oferecê-lo ao Senhor, será eliminado do meio do seu povo” (Levítico 17.8,9).<sup>104</sup>

#### 1.4.2 O tratamento ao estrangeiro no Novo Testamento

Num primeiro momento é muito comum ver o Antigo Testamento mais familiar ao termo estrangeiro e seus devidos tratamentos. Segundo Anna Fumagalli, é surpreendente quando se começa a olhar o Novo Testamento e questionar os textos ali colocados quanto a sua relevância em relação ao estrangeiro, pois ao fazê-lo poder-se-á se notar o quão central é esse tema no Novo Testamento.<sup>105</sup>

Ensinaamentos muito parecidos com os que se tem no Velho Testamento são também encontrados no Novo Testamento, quanto ao cuidado necessário para com eles e também a hospitalidade que devia ser oferecida, lembrando princípios já preestabelecidos.<sup>106</sup>

A palavra grega usada no Novo Testamento, que vem ao encontro do ger hebraico, é *παροικος* (*paroikos*), a sua tradução mais comum é vizinho, contudo, também, tecnicamente na literatura extrabíblica, é sinônimo da palavra grega *μετοικος* (*metoikos*) que, por conseguinte, significa *estrangeiro*, alguém que não é cidadão no local onde vive. Por mais que não indique totalmente o mesmo sentido que se pode encontrar no Antigo Testamento, conserva pontos e aplicações em comum. Os mesmos são estrangeiros que permanecem distantes de suas cidades natais, com uma cultura diferente, outro idioma, que por diversas vezes se misturam com o do local em que residem, e outras características mais

<sup>103</sup>SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 113.

<sup>104</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 23-24.

<sup>105</sup>FUMAGALLI, 2009, p.53

<sup>106</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 24.

que os fazem serem olhados como estranhos, sofrendo certa discriminação pelo fato de não serem iguais aos locais.<sup>107</sup>

#### **1.4.2.1 Jesus, um refugiado**

É totalmente relevante destacar o fato de que o próprio Jesus é feito estrangeiro e refugiado no Novo Testamento. Logo após nascer, por questão de sobrevivência, pois Herodes querer matá-lo, ele e seus pais precisaram deixar Belém, fazendo mais uma vez o Egito como terra de refúgio. Ainda que não se saiba por quanto tempo permaneceram lá, logo após que ficaram sabendo da morte de Herodes, puderam voltar para Nazaré, na Galileia. Nessa perspectiva, Daniel Carroll destaca que a migração da família de Jesus se identifica e se localiza dentro de uma perspectiva que envolve a história de pessoas que fogem das suas terras natais para escaparem de ameaças de morte, catástrofes ou em busca de uma vida melhor e digna.<sup>108</sup>

Segundo Stephan Bauman, presidente da organização humanitária World Relief, citado por Jairo Oliveira:

Os milhões de refugiados no mundo de hoje podem ter Jesus como referência, aquele que “foi semelhante a eles, humano em todos os aspectos” (Hebreus 2.17), capaz de “se compadecer das nossas fraquezas” (Hebreus 4.15), tendo tido a experiência de fugir de casa no meio da noite em busca de refúgio.<sup>109</sup>

Ainda citado por Jairo Oliveira, o teólogo Fleur Houston complementa dizendo que “Jesus pode simpatizar com os refugiados em seus sofrimentos possibilitando perseverança e trazendo esperança”. Ao ver Jesus voltando para sua terra em momento oportuno – quando Herodes já não vivia mais – pode possibilitar e gerar um sentimento de esperança significativo nos refugiados dos dias de hoje que anseiam pela volta à terra natal.<sup>110</sup>

#### **1.4.2.2 Jesus e os estrangeiros**

Sob domínio geral do Império Romano, a Palestina em todos os aspectos, seja geográfico, com suas divisões políticas ou religiosas, se tornou um tanto quanto complicada. Mais especificamente na questão religiosa, existiam muitos adeptos aos deuses da religião greco-romana, aos cultos do imperador e dos mistérios. Dentro do judaísmo também havia

---

<sup>107</sup> FÄRBER, Sonia Sirtoli. Paroikos: Genética e evolução do conceito de migrante. **Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST**, São Leopoldo, v.2, p. 523-536, 2014, p. 9.

<sup>108</sup> CARROLL, 2013, p. 82-83.

<sup>109</sup> *Apud* OLIVEIRA, 2017, p. 24-25.

<sup>110</sup> *Apud* OLIVEIRA, 2017, p. 25.

suas complexidades, pois era possível encontrar grupos de várias seitas judaicas que aumentavam a confusão, sendo as mais conhecidas e importantes os fariseus, saduceus e essênios. Os samaritanos, que viviam na região de Samaria, professavam um tipo de judaísmo um pouco diferente – tendo outro monte sagrado, e outras crenças e rituais – e para os judeus eles representavam uma deturpação à fé de Abraão. Eram totalmente desprezados não sendo aceitos, e assim a distância entre os judeus e samaritanos crescia a cada dia.<sup>111</sup>

Os judeus tinham tão claro que os samaritanos não eram bons, que até mesmo os discípulos de Jesus em certo momento quiseram que descesse fogo dos céus sobre uma aldeia samaritana, ideia que foi totalmente repreendida por Jesus e seus ensinamentos.<sup>112</sup> Jesus vinha com um tratamento totalmente diferente aos olhos dos judeus a esses estrangeiros marginalizados. Jesus em suas rotas passou por Samaria, algo que judeus evitavam, fazendo outras rotas muitas vezes até mais difíceis. Ao passar por Samaria, ele vai além de apenas não desprezar, mas ele conversa com uma mulher samaritana<sup>113</sup> – que, no contexto da época, era rebaixada duas vezes, uma por ser mulher e outra por ser samaritana – se revelando a ela como o Messias esperado e fazendo dela uma das primeiras evangelistas (Jo 4).<sup>114</sup>

Outro acontecimento que vale ser destacado é o de Lucas 17, quando Jesus, indo para Jerusalém, é chamado por dez leprosos, que pela lei de pureza se mantêm a distância. Após Jesus mandá-los se apresentarem aos Sacerdotes para serem curados, somente um deles volta para agradecer, e o mesmo é um estrangeiro. Sendo assim, o mesmo é feito de exemplo, e dentre os dez é aquele que foi plenamente salvo.<sup>115</sup> Jesus ainda apresenta o samaritano como um modelo de cuidado e amor ao próximo, quando conta a parábola onde ele é o único que tem compaixão do viajante que se encontrava à beira da estrada todo

---

<sup>111</sup>CARROLL, 2013, p. 83-84.

<sup>112</sup>SEEKING refuge: God's heart for refugees. **Jesus on the margins**. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/reading-plans/2880-seeking-refuge-gods-heart-for-refugees/day/4>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

<sup>113</sup>“Na tradição judaica, as mulheres samaritanas eram consideradas sempre impuras, elas foram categorizadas como menstruação no leito. O fato de que esta mulher é ainda de reputação questionável (João 4.16-18) torna o diálogo de Jesus com ela ainda mais impressionante”. (Tradução da autora). “In Jewish tradition Samaritan women were considered to be always unclean; they were categorized as menstruants from the cradle.” In.: CARROLL, 2013, p. 84.

<sup>114</sup>SEEKING refuge: God's heart for refugees. **Jesus on the margins**. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/reading-plans/2880-seeking-refuge-gods-heart-for-refugees/day/4>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

<sup>115</sup>CARROLL, 2013, p. 84-85.



espancado, e o ajuda. Jesus manda a todos que “vão e façam o mesmo”, não medindo esforços para ajudar ao seu próximo (vizinho).<sup>116</sup>

Como já descrito anteriormente, “estrangeiro” e “vizinho” são sinônimos no Novo Testamento. Sendo assim, o mandamento de “amar ao próximo como a si mesmo” não está restrito apenas a pessoas que são conhecidas – vizinhos mais comumente conhecidos – mas também àquelas pessoas fora do seu círculo, pessoas estranhas, estrangeiras.<sup>117</sup> Muitas passagens também destacam o bom tratamento de Jesus e dos discípulos, não só na hospitalidade, mas, muito além disso, os ensinamentos mostram que os cristãos colocam em prática a fé quando ajudam aos pobres e necessitados (Lucas 14.13). Logo, a Bíblia deixa muito claro que o cuidado, a hospitalidade e o amor a estranhos são condições essenciais para o cristão.<sup>118</sup>

O monge Luciano Manicardi complementa dizendo que

O valor revelador do estrangeiro é sublinhado por Jesus no discurso sobre o juízo final no primeiro Evangelho: “Eu era forasteiro e me recebestes em casa” (Mt 24,35 cf. também v.43). Nesse texto a humanidade toda está sujeita à autoridade dos fracos, incluindo os estrangeiros. A relação com o estrangeiro aparece como um *item* do juízo escatológico.

Aliás, não só por trás de cada estrangeiro se faz presente a figura de Cristo, mas, de acordo com o IV evangelho, Jesus revela o Pai como estrangeiro: para João a estrangeiridade é categoria de revelação. Jesus levanta aquelas questões que surgem geralmente na frente de um estrangeiro: “De onde é?”; “Que língua fala?”. Aqueles que simplesmente acham que Jesus vem de Nazaré (Jo 1,45-46), da Galileia (Jo 7,41), têm que entender que Jesus vem do alto, de Deus, do céu, do Pai (Jo 3,31; 8.23; 16,28.30); Jesus falava aramaico como seus interlocutores, mas na verdade ele fala as palavras de Deus (Jo 3,34). Nesta visão teológica Jesus aparece estrangeiro também para seus compatriotas e coloca cada ser humano diante do necessário *salto da fé*, da passagem naquele território da fé onde não são mais importantes as fronteiras das pátrias e as pertencas étnicas, mas a acolhida do “dom de Deus” (Jo 4,10) em Cristo Jesus.<sup>119</sup>

<sup>116</sup> SEEKING refuge: God’s heart for refugees. **Jesus on the margins**. Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/reading-plans/2880-seeking-refuge-gods-heart-for-refugees/day/4>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

<sup>117</sup> SCHAMALZ, Mathew. **What the Bible says about welcoming refugees**. 29 Jan. 2017. Disponível em: <<https://theconversation.com/what-the-bible-says-about-welcoming-refugees-72050>>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

<sup>118</sup> LASHLEY, Conrad. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitabilidade**. São Paulo, XII, n. especial, p.70-92, mai. 2015, p. 6.

<sup>119</sup> MANICARDI, Luciano. Jesus de Nazaré e os estrangeiros. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, ano XXIV, n. 46, p.198-204, jan./abr. 2016, p. 204.

O que Jesus ensina e mostra com seus atos é um jeito diferente de olhar para o estrangeiro. O judeu não está acostumado a olhar com amor e aceitação para quem está fora do seu círculo, e é exatamente isso que Jesus faz.<sup>120</sup>

### **1.4.2.3 Os cristãos e os estrangeiros**

Nos primeiros séculos, era fato que aqueles de origem judaica que se convertiam ao cristianismo, confessando a fé em Jesus Cristo, eram rejeitados pelo seu povo e se tornavam um estranho dentre eles. Exemplos disso podem ser encontrados no testemunho de Paulo e de tantos outros no discorrer de todo o Novo Testamento.<sup>121</sup>

Jairo Oliveira frisa o quanto as Escrituras são claras em relação ao cristão se tornar um estrangeiro nesta terra, após sua regeneração em Cristo. Logo, é preciso não esquecer que a pátria daqueles que creem em Cristo não está nesta terra e sim nos céus (Filipenses 3.20).<sup>122</sup> M. Daniel Carroll R, ao discorrer sobre os cristãos serem vistos como estrangeiros – inclusive nas cartas bíblicas os destinatários são denominados como “estrangeiros” e o comentário aqui é referente à carta de IPedro – ressalta que

Inquestionavelmente, todos esses cristãos eram estrangeiros no mundo por causa de seu estilo de vida distinto e sua lealdade a Jesus. Sua vida espiritual resultou em uma vida social diferente, criticada pelos vizinhos. A carta repetidamente exorta seus leitores a suportar a perseguição e a viver uma vida de santidade, humildade e integridade. Ao manterem seu bom testemunho, os incrédulos notariam e alguns reconheceriam a Deus. (2.12,15; 3.1-2, 16).<sup>123</sup>

Em concordância, Oliveira acentua o fato de que, quando o cristão tem consciência de seu estado de estrangeiro nessa terra, é mais natural a identificação com aqueles que vivem como estrangeiros em seu país. Assim, a sensibilidade e a empatia com o refugiado estará sempre presente “cuidando de suas necessidades e pregando verbalmente a mensagem da cruz, onde quer que estejam e onde quer que formos”.<sup>124</sup>

Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e

---

<sup>120</sup>R CARROLL, 2013, p. 85-86.

<sup>121</sup>FUMAGALLI, 2012, p.54

<sup>122</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 26.

<sup>123</sup>“Unquestionably, though, all of these Christians were outsiders in the world because of their distinct lifestyle and their allegiance to Jesus. Their spiritual life resulted in a different social life, one criticized by their neighbors. The letter repeatedly exhorts its readers to endure persecution and to live a life of holiness, humility, and integrity. As they maintained their good testimony, unbelievers would take notice and some would acknowledge God (2:12, 15; 3:1–2, 16).” (tradução da autora). In.: CARROLL, 2013, p. 90-91.

<sup>124</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 27.

vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram [...] O Rei responderá: 'Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram'.<sup>125</sup>

Neste capítulo, pode-se ver como o povo de Israel foi peregrino e refugiado, e como Deus agiu em meio a toda essa situação. Sendo assim, para fazer um paralelo com os refugiados da atualidade, torna-se necessário estudar os eventos que ocasionaram grande movimentação de pessoas refugiadas durante os séculos XX e XXI, da Segunda Guerra Mundial até os tempos atuais.

---

<sup>125</sup>SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 774.

*“Embora o mundo esteja cheio de sofrimento, está também cheio de meios para superá-lo.”*

*Hellen Keller*

*“A injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todo lugar.”*

*Martin Luther King Jr.*

## 2. HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO DOS REFUGIADOS EM MEIO À CRISE MIGRATÓRIA

Neste capítulo, serão abordadas as ocorrências históricas de grandes migrações de refugiados em três partes, sendo a primeira um estudo histórico a respeito da Segunda Guerra Mundial e seus efeitos para a questão dos refugiados; a segunda tratará dos fatores ascendentes para o crescimento atual da busca por refúgio; e, por fim, a terceira parte tratará da questão do refúgio no cenário brasileiro.

Quando se observa a história dos refugiados, não é possível fazê-lo sem relacioná-la às guerras humanas. Guerras essas que geraram a violação dos direitos humanos de milhares de pessoas, juntamente com perseguições a grupos mais vulneráveis, os quais foram obrigados a deixarem seus países em busca de um lugar seguro onde pudessem viver. É possível afirmar que a causa dos refugiados está totalmente ligada aos direitos humanos, uma vez que qualquer refugiado, antes de tudo, é uma pessoa, e deve ter seus direitos básicos protegidos e defendidos. “A violação de direitos humanos é a maior causa de migrações forçadas no planeta e, por muitas vezes, elas ocorrem também nos países que recebem refugiados”.<sup>126</sup>

Segundo Kofi Anan, que foi secretário geral das Nações Unidas por 10 anos<sup>127</sup>,

O problema das deslocções forçadas tem sido uma das questões mais prementes com que as Nações Unidas se têm defrontado ao longo da sua história. Entre os grupos mais vulneráveis de pessoas, a nível mundial, encontram-se os deslocados, seja como vítimas de conflitos, de perseguição ou de outras violações dos direitos humanos.<sup>128</sup>

A crise migratória por deslocamentos forçados tem aumentado e chamado a atenção em escala mundial há alguns anos. As notícias ligadas a essas pessoas que deixam seus lares em busca de proteção e paz vem crescendo e torna conhecida essa realidade tão dura em que milhares se encontram. No meio dos grupos que estão inseridos nesse deslocamento forçado, encontram-se os refugiados, que são aqueles que são levados a escapar da sua terra natal por motivos de guerras, ameaças, alguma filiação a partido ou

---

<sup>126</sup> FONTANA, Eduarda; ZIMNOCH, Larissa; LORENTZ, Luísa Acauan. A crise migratória no século XXI: Anomalia ou consequência política internacional? **Relações Internacionais para Educadores (RIPE)**. UFRGS, v.4, 2017. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/ripe/wp-content/uploads/2017/05/Migra%C3%A7%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2018, p. 2.

<sup>127</sup> ONUBR. **EX-secretários-gerais das Nações Unidas**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/o-secretario-geral/anteriores/>>. Acesso em 06 jun. 2018.

<sup>128</sup> ANNAN, Kofi. **Prefácio**. In.: ACNUR. **A Situação dos refugiados no mundo: Cinquenta anos de ação humanitária**. Trad. Isabel Galvão, Almada, Portugal: Artes Gráficas, 2000. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/prelims.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2018, p. 4.

religião, ou ainda por alguma dominação ou ocupação estrangeira, ou qualquer outra questão que ponha em risco sua segurança e viole seus direitos humanos.<sup>129</sup>

## 2.1 Os efeitos da Segunda Guerra Mundial na questão dos refugiados

Os efeitos e consequências das duas Guerras Mundiais do século XX foram drásticos e puderam mostrar a grande capacidade da guerra matar e acabar com nações. Também trouxe uma ocorrência até então desconhecida na vida política, os apátridas<sup>130</sup>. Outra consequência de destaque foi um número estrondoso de pessoas forçadas a deixarem seus países, migrando para dentro da Europa.<sup>131</sup> Julia Bertino Moreira ressalta que

Esse enorme contingente de refugiados espalhados no mundo representa um problema que desafia a comunidade internacional há mais de cinquenta anos.

Os refugiados são impulsionados a fugir de seu país de origem por terem sido ameaçados de perseguição (ou efetivamente perseguidos) por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a determinado grupo social ou opiniões políticas (conforme a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951). Ou, ainda, por terem suas vidas, seguranças ou liberdades ameaçadas em decorrência de violência generalizada, agressão estrangeira, conflitos internos, violação massiva de direitos humanos ou outros fatores que tenham perturbado gravemente a ordem pública (conforme a Convenção da OUA de 1969 e a Declaração de Cartagena de 1984).<sup>132</sup>

Essas migrações começaram a chamar a atenção no cenário internacional de forma mais significativa a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), gerando grande preocupação dos países envolvidos com esse fluxo de refugiados.<sup>133</sup> Estima-se que a ocorrência da Segunda Guerra Mundial e o período que a sucede produziram os maiores deslocamentos forçados de pessoas na história moderna, ao passo que mais de 40 milhões

<sup>129</sup> MOREIRA, Julia Bertino. **A questão dos refugiados no contexto internacional**: (de 1943 aos dias atuais). Universidade Estadual de Campinas – Dissertação de Mestrado, 2006, p. 1.

<sup>130</sup> **APÁTRIDA**: São pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país. A apatridia ocorre por várias razões, como discriminação contra minorias na legislação nacional, falha em reconhecer todos os residentes do país como cidadãos quando este país se torna independente (secessão de Estados) e conflitos de leis entre países. A apatridia, às vezes, é considerada um problema invisível, porque as pessoas apátridas muitas vezes permanecem invisíveis e desconhecidas. Elas podem não ser capazes de ir à escola, consultar um médico, conseguir um emprego, abrir uma conta bancária, comprar uma casa ou até se casar. In.: ACNUR. **Apátridas**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/apatridas/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

<sup>131</sup> SILVA, Patrícia Almeida. **Education Precision and Instability**: The Impact of the Syrian Refugee Influxo n the Education System in Jordan. Universiteit Van Amsterdam – Tese de Mestrado, 2015, p. 1.

<sup>132</sup> MOREIRA, Julia Bertino. A problemática dos refugiados no mundo: evolução do pós-guerra aos dias de hoje. **Anais do XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. VII ALAP, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1489/1454>>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 1-2.

<sup>133</sup> MOREIRA, 2006, p. 2.

estavam deixando suas casas na Europa, sendo essas de várias nacionalidades.<sup>134</sup> No decorrer do conflito grandes populações buscavam escapar da ascensão nazista, ao passo que grandes grupos eram forçadamente deslocados e utilizados em trabalhos escravos ou colocados em campos de concentração em fazendas ou fábricas.<sup>135</sup>

De forma notória, da Segunda Guerra Mundial em diante, os deslocamentos forçados pelo continente europeu começaram a preocupar os países aliados (EUA, Reino Unido, França e URSS). Com o fim da guerra e com o grande número de deslocados existentes, alguma providência precisava ser tomada para a solução dessa crise<sup>136</sup>, que era tida como temporária e que acabaria no período decorrente à guerra.<sup>137</sup> Mediante isso, foram criadas algumas instituições como tentativas de responder à crise migratória. A primeira delas foi a Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento (ANUAR), a segunda foi a Organização Internacional para Refugiados (OIR), e por fim o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o qual até hoje ainda trabalha em apoio aos refugiados.

### **2.1.1 ANUAR – Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento**

Diante dessa situação caótica na Europa, foi criada em 1943, antes mesmo do final da Segunda Guerra Mundial e da fundação oficial da Organização das Nações Unidas, a Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento (ANUAR), um órgão internacional temporário, que teve apoio de 44 Estados.<sup>138</sup> A ANUAR tinha por objetivo prestar serviços de assistência não somente para refugiados, mas a todos aqueles que de

---

<sup>134</sup> ACNUR. **A Situação dos refugiados no mundo - 2000**: Cinquenta anos de acção humanitária. Trad. Isabel Galvão, Almada, Portugal: Artes Gráficas, 2000. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2018, PDF, p. 13.

<sup>135</sup> PAIVA, Odair da Cruz. **Migrações internacionais pós segunda guerra mundial**: A influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. 08 a 12 de setembro de 2008. Disponível em: <<https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Odair%20da%20Cruz%20paiva.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 3.

<sup>136</sup> MOREIRA, 2006, p. 2.

<sup>137</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018, PDF, p. 19.

<sup>138</sup> MOREIRA, 2006, p. 47.

alguma forma se encontravam deslocados por razão da guerra, além de auxiliar na restauração das zonas devastadas.<sup>139</sup>

Julia Bertino Moreira destaca algumas diferenças entre refugiados e deslocados:

A distinção entre deslocados e refugiados residia no fato de que se consideravam os primeiros como aqueles que haviam sido removidos à força, por ação oficial ou para-oficial, enquanto os segundos, aqueles que deixaram seus países por vontade própria, a fim de escapar da perseguição ou da destruição gerada pela guerra.

Da mesma forma, a Conferência de Bermudas, realizada em abril de 1943, havia estipulado que o termo refugiado abarcava “todas as pessoas de qualquer procedência que, como resultado de acontecimentos na Europa, tiveram que abandonar seus países de residência por terem em perigo suas vidas ou liberdade, devido a sua raça, religião ou crenças políticas”.

Vale registrar que essa definição de refugiado se diferenciava das definições contidas nos instrumentos internacionais firmados entre 1921 e 1938, que consideravam como refugiados determinados grupos de pessoas que haviam se deslocado.<sup>140</sup>

Desta forma, com o auxílio das forças aliadas, nos anos de 1944 e 1945 a ANUAR ajudou milhares de deslocados e refugiados que se encontravam em regiões de comando dos países aliados, com exceção apenas do território soviético, no qual não tinham permissão de operar. Usufruindo de apoio logístico e material, a ANUAR trabalhou juntamente com as forças aliadas até o final da guerra na Europa.<sup>141</sup>

Com o final da guerra, o foco da ANUAR foi dirigido ao repatriamento. Muitos dos que se encontravam longe de suas terras ansiavam pela volta ao lar. Alguns países, como a Alemanha, a Áustria e a Itália, que tinham disponibilizado abrigo para um grande número de refugiados, também apoiavam a concretização do repatriamento mais rápido possível dessas pessoas. Em prol disso, no período de maio a setembro de 1945, aproximadamente sete milhões de pessoas receberam auxílio no repatriamento pela ANUAR. Em contrapartida, muitos deslocados e refugiados não desejavam voltar aos seus países de origem, pois esses encontravam-se sob regime comunista. Porém, suas vontades não foram levadas em consideração e um grande número dos mesmos foi repatriado à força.<sup>142</sup>

Em vista disso, em meados de 1946, começaram discussões sobre se a ANUAR deveria ou não continuar prestando auxílio àqueles que não desejavam ser repatriados. Os

<sup>139</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018, PDF, p. 14.

<sup>140</sup> MOREIRA, 2006, p. 48.

<sup>141</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018, PDF, p. 14.

<sup>142</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018, PDF, p. 14-16.



países do leste, pertencentes ao bloco socialista, defendiam que este deveria ser dado apenas aos que realmente queriam regressar. Os países ocidentais não concordavam e diziam que as pessoas deveriam ter a escolha entre querer voltar à sua terra ou permanecer no país que lhes havia recebido, ao passo que isso não lhes privasse do direito ao auxílio.<sup>143</sup>

O governo dos Estados Unidos, no entanto, foi contra a política de repatriamento da ANUAR e alegou que os seus programas de reabilitação feitos nos países do Leste Europeu eram apenas um reforço para o controle soviético já existente sobre os mesmos. Os Estados Unidos financiavam 70% da ANUAR e se recusaram a continuar dando apoio financeiro. Eles também não se dispuseram a prorrogar o mandato da organização, que encerrou suas atividades em 1947.<sup>144</sup> Diante dessa situação, os Estados Unidos se posicionaram fortemente apoiando a criação de um novo órgão para refugiados, tendo em vista que este teria um tipo de orientação diferente daquele dado pela ANUAR.<sup>145</sup>

### **2.1.2 OIR – Organização Internacional para Refugiados**

Antes que as atividades da ANUAR parassem por completo, em 1946, a questão dos refugiados passou a ser tida como prioridade na agenda da primeira sessão da Assembleia Geral da ONU. Julia Bertino atenta para alguns princípios encontrados na resolução elaborada na Assembleia:

- 1) o problema dos refugiados tinha alcance e caráter internacional; 2) não se deveria obrigar os refugiados que expressassem objeções válidas a retornar ao país de origem; 3) um órgão internacional deveria se ocupar do futuro dos refugiados e das pessoas deslocadas; 4) sua tarefa principal seria estimular o retorno dos refugiados a seus países e ajudá-los com todos os meios possíveis<sup>146</sup>

Ainda no ano de 1946, foi criada a Comissão Preparatória para a Organização Internacional para os Refugiados. Esta tinha por objetivo dar sequência ao trabalho com refugiados e deslocados no período entre o encerramento das atividades da ANUAR e o início da atuação oficial da Organização Internacional para Refugiados (OIR). Os primeiros meses de atuação da Comissão Preparatória foram todos relacionados à burocracia e, em julho de 1947, quando as funções da ANUAR terminaram oficialmente, a Comissão pôde se

---

<sup>143</sup>MOREIRA, 2006, p. 50.

<sup>144</sup>MOREIRA. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1489/1454>>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 5.

<sup>145</sup>ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2018, PDF, p. 16.

<sup>146</sup>MOREIRA, 2006, p. 51.

encarregar das suas responsabilidades e atividades operacionais. Devido ao fato da Comissão Preparatória usufruir de total capacidade jurídica, o início da OIR teve boa parte do seu trabalho realizado antes de entrar em funcionamento, o que foi muito benéfico para a mesma.<sup>147</sup>

Assim, em julho de 1947 foi criada a Organização Internacional para Refugiados (OIR)<sup>148</sup>, que entrou em funcionamento em agosto de 1948, quando a Comissão Preparatória foi encerrada.<sup>149</sup> A OIR foi criada como uma agência especializada não permanente da ONU, da qual se esperava que o programa estivesse completo no período de 3 anos.<sup>150</sup>

É interessante destacar que a OIR foi o primeiro órgão internacional a trabalhar integralmente com a questão dos refugiados. Suas funções englobavam “o repatriamento, a identificação, o registo e classificação, cuidados e assistência, protecção jurídica e política, transporte, reinstalação e reintegração”.<sup>151</sup>

Julia Bertino Moreira ressalta a definição dada ao refugiado pelo texto constitucional. Conforme o texto, as ações da organização se destinavam

“1. (...) a toda pessoa que partiu, ou que esteja fora, de seu país de nacionalidade, ou no qual tinha sua residência habitual, ou a quem, tenha ou não retido sua nacionalidade, pertença a uma das seguintes categorias:  
 (a) vítimas dos regimes nazista ou fascista ou de regimes que tomaram parte ao lado destes na Segunda Guerra Mundial, ou de regimes traidores ou similares que os auxiliaram contra as Nações Unidas, tenham, ou não, gozado do *status* internacional de refugiado;  
 (b) republicanos espanhóis e outras vítimas do regime falangista na Espanha tenham, ou não, gozado do *status* internacional de refugiado;  
 (c) pessoas que foram consideradas refugiados, antes do início da Segunda Guerra Mundial, por razões de raça, religião, nacionalidade ou opinião política. 2. (...) estiverem fora de seu país de nacionalidade, ou de residência habitual, e que, como resultado de eventos subseqüentes ao início da Segunda Guerra Mundial, estejam incapazes ou indesejosas de se beneficiarem da protecção do governo do seu país de nacionalidade ou nacionalidade pretérita. 3. (...) tendo residido na Alemanha ou na Áustria, e sendo de origem judia ou estrangeiros ou apátridas, foram vítimas da perseguição nazista e detidos em, ou foram obrigados a fugir de, e foram subseqüentemente retornados a um daqueles países como resultado da

<sup>147</sup> ANDRADE, José H. Fischel de. O Brasil e a organização internacional para os refugiados (1946-1952). **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 48, n.1, jan/jun 2005, p. 5-7.

<sup>148</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2018, PDF, p. 16.

<sup>149</sup> ANDRADE, 2005, p. 7.

<sup>150</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2018, PDF, p. 16.

<sup>151</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2018. PDF, p.17.

ação inimiga, ou de circunstâncias de guerra, e ainda não foram definitivamente neles assentados. 4. (...) sejam órfãos de guerra ou cujos parentes desapareceram, e que estejam fora de seus países de nacionalidade (...)<sup>152</sup>

É possível perceber nesse texto uma definição mais abrangente de refugiado do que a que se tinha antigamente, olhando para o mesmo de forma mais individual e única em sua situação, deixando de lado a concepção coletivista, a qual identificava o refugiado pela sua origem ou relação a certo grupo étnico, racial ou religioso.<sup>153</sup> Além do mais, era clara a mudança de prioridades, passando de uma política de repatriamento, como a levada a cabo pela ANUAR, para uma política de reinstalação em países terceiros a partir dos países de asilo. Essas mudanças não foram do agrado dos países socialistas, que diziam que a reinstalação seria uma forma de grupos revolucionários se fixarem nos países e conseguirem de forma rápida aquisição de força de trabalho, podendo futuramente ameaçar a paz internacional.<sup>154</sup> Quanto ao seu trabalho,

a OIR prestou assistência ao repatriamento de apenas 73.000 pessoas e à reinstalação de mais de um milhão. A maioria foi para os Estados Unidos, que receberam mais de 30% da totalidade, bem como para a Austrália, Israel, Canadá e vários países da América Latina.<sup>155</sup>

No entanto, a OIR não conseguiu acabar com o problema dos refugiados, ao passo que, ao final de 1951, aproximadamente 400 mil pessoas permaneciam deslocadas na Europa, resultando no encerramento oficial da organização, em fevereiro de 1952.<sup>156</sup> As responsabilidades da OIR foram passadas para outras organizações e para os estados que estavam com refugiados em suas terras. Tais estados não estavam muito contentes por terem que assumir estas responsabilidades e responderam dizendo que elas deveriam ser assumidas pela comunidade internacional.<sup>157</sup> José H. Fischel de Andrade ainda salienta que

Essa transferência de responsabilidade pelos refugiados, de uma organização internacional para governos nacionais, foi de encontro ao conceito lógico da relação entre a sociedade internacional e o refugiado, porquanto somente quando a responsabilidade *conjunta* é reconhecida e transformada em ação pode o problema dos refugiados ser resolvido satisfatoriamente.<sup>158</sup>

---

<sup>152</sup>MOREIRA, 2006, p. 52.

<sup>153</sup>MOREIRA, 2006, p. 53.

<sup>154</sup>ACNUR, 2000. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018, PDF, p. 17-18.

<sup>155</sup>ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018, PDF, p. 18.

<sup>156</sup>ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018, PDF, p. 18.

<sup>157</sup>ANDRADE, 2005, p. 11.

<sup>158</sup>ANDRADE, 2005, p.11.

Embora houvesse muitos desacordos referentes aos objetivos para onde uma colaboração internacional deveria caminhar, via-se a necessidade de manter a colaboração internacional com a criação de algum outro órgão para tratar do problema dos refugiados.<sup>159</sup>

### 2.1.3 ACNUR – Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados

A situação ao final dos anos 40 mostrava que as crises vinham gerando novos fluxos de refugiados. O cenário era marcado por acontecimentos como a explosão da primeira bomba atômica soviética, a construção do muro de Berlim (1948-49) e um endurecimento da Guerra Fria, o qual tomaria conta das relações internacionais dos próximos 40 anos. Era notório que a questão dos refugiados não era uma ocorrência temporária do pós guerra, e esse cenário influenciou fortemente a criação do Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e a formação da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951.<sup>160</sup>

Existiam muitas divergências entre os países da Europa Ocidental, os EUA e a URSS, referentes à formação de um novo órgão para assistência a refugiados:

A União Soviética, juntamente com os seus Estados satélites, boicotaram muitas das negociações. Havia também enormes divergências entre as próprias potências ocidentais. Os Estados Unidos pretendiam um organismo bem definido, temporário, que requeresse pouco financiamento e com objectivos limitados, designadamente a protecção dos refugiados da OIR até à sua reinstalação permanente. Desejavam, especificamente, que fosse negado ao novo órgão um desempenho em operações de emergência, privando-o da assistência da Assembleia Geral e negando-lhe o direito de angariar contribuições voluntárias. Ao invés, os países da Europa Ocidental, que tiveram de aguentar o peso do encargo dos refugiados, juntamente com o Paquistão e a Índia, que acolheram milhões de refugiados após a divisão da Índia em 1947, eram favoráveis a uma agência de refugiados forte, permanente e polivalente. Defendiam um Alto Comissário independente com a capacidade de angariar fundos e de os redistribuir a favor dos refugiados.<sup>161</sup>

Embora houvesse todas essas dificuldades, em dezembro de 1950, por decreto da Assembleia Geral das Nações Unidas, foi criada a ACNUR, Agência da ONU para Refugiados. Tendo como base a Convenção de 1951 da ONU sobre refugiados<sup>162</sup>, ela começou a atuar

<sup>159</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018, PDF, p. 18.

<sup>160</sup> ACNUR, 2000. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018, PDF, p. 19.

<sup>161</sup> ACNUR, 2000. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018, PDF, p. 19.

<sup>162</sup> A convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados foi formalmente adotada em 28 de julho de 1951 para resolver a situação dos refugiados na Europa após a Segunda Guerra Mundial. Esse

em janeiro de 1951 com um mandato inicial de três anos.<sup>163</sup> Desde então, esse mandato tem sido prolongado por períodos contínuos de cinco anos.<sup>164</sup>

Em dezembro de 1959 foi aprovado pela Assembleia Geral o estatuto da ACNUR, o qual trazia consigo reflexos dos consensos dos EUA e outros países ocidentais mediante os países do leste, e também suas diferenças em relação a prioridades. No que diz respeito ao Artigo 1º do Estatuto, duas funções importantes foram assumidas:

em primeiro lugar, tornou-se responsável pela proteção internacional aos refugiados, sob os auspícios da ONU; e, em segundo lugar, por encontrar soluções permanentes para essa problemática, devendo auxiliar os governos e dependendo de sua aprovação para facilitar o repatriamento voluntário dos refugiados ou a sua integração local em novas comunidades.<sup>165</sup>

Segundo o Artigo 2º do Estatuto da ACNUR, o seu trabalho “terá um carácter totalmente apolítico; será humanitário e social e, como regra geral, estará relacionado com grupos e categorias de refugiados”.<sup>166</sup>

Com a criação da ACNUR, a comunidade Internacional viu a necessidade de elaborar uma Convenção que ditava os direitos e obrigações dos refugiados mediante um estatuto migratório próprio. Sendo assim, em 1951, em Genebra, a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados foi adotada pela Conferência das Nações Unidas<sup>167</sup>, entrando em vigor em abril de 1954.<sup>168</sup> A Convenção exprime tanto os direitos e deveres dos refugiados, como também as obrigações que cada Estado deve ter para com os refugiados. Padrões internacionais de tratamento são estabelecidos, bem como princípios quanto aos direitos humanos e de segurança dos refugiados. Segundo a ACNUR, as duas mais importantes premissas são encontradas nos Artigos 1º e 33º, sendo eles:

#### Artigo 1º - Definição do termo “refugiado”

---

tratado global define quem vem a ser um refugiado e esclarece os direitos e deveres entre os refugiados e os países que os acolhem. In.: ACNUR. **Convenção de 1951**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

<sup>163</sup> ACNUR. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/historico/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

<sup>164</sup> SOUZA, João Carlos de. Um ensaio sobre a problemática dos deslocados ambientais: a perspectiva legal, social e econômica. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v.7, n.13/14, p. 57-73, jan/dez 2010, p. 63.

<sup>165</sup> MOREIRA. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1489/1454>>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 6-7.

<sup>166</sup> ACNUR, 2000, p. 19-21. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

<sup>167</sup> CUNHA, Guilherme da. **Migrantes e refugiados**: marco jurídico e estratégia no limiar do século XXI. Disponível em: <<http://www2.mre.gov.br/ipri/Papers/DireitosHumanos/Artigo20.doc>>. Acesso em: 08 out. 2007. PDF, p. 9.

<sup>168</sup> MOREIRA. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1489/1454>>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 10.

A(2). [Qualquer pessoa]...receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual ..., não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar ...

Artigo 33º - Proibição de expulsar e de repelir (“*refoulement*”)

1. Nenhum dos Estados Contratantes expulsará ou repelirá um refugiado, seja de que maneira for, para as fronteiras dos territórios onde a sua vida ou a sua liberdade sejam ameaçadas em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou opiniões políticas...<sup>169</sup>

A definição encontrada no Artigo 1º da Convenção de 1951 apresentava uma limitação temporal, que restringia a aplicação àqueles que se tornaram refugiados “em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 1 de Janeiro de 1951”.<sup>170</sup> Com isso, o protocolo de 1967 reformulou a Convenção de 1951 para que essa fosse expandida, não havendo mais essas limitações de datas e espaço geográfico.<sup>171</sup> Os dois documentos são tidos no contexto internacional como os principais instrumentos para saber como tratar os refugiados que se encontram em seus territórios. “A partir da Convenção de 1951, é assegurado a qualquer pessoa o direito de procurar o refúgio em outro Estado e dele usufruir”.<sup>172</sup>

## 2.2 Ascendentes da questão dos refugiados para o cenário atual

Hoje, a questão dos refugiados passa por sua fase mais difícil depois da Segunda Guerra Mundial. Os últimos anos têm mostrado números que assustam e apontam para uma crise que parece não ter fim, dado a tanto crescimento em um espaço tão curto de tempo.<sup>173</sup>

Segundo a ACNUR, nas últimas décadas os deslocamentos forçados têm crescido de uma forma nunca vista antes.

Estamos testemunhando os maiores níveis de deslocamento já registrados. Cerca de 65,6 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a sair de casa. Entre elas estão quase 22,5 milhões de refugiados, mais de metade dos quais são menores de 18 anos.

<sup>169</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018, PDF, p. 23.

<sup>170</sup> ACNUR. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018, PDF, p. 23.

<sup>171</sup> ACNUR. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/historico/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

<sup>172</sup> FONTANA; ZIMNOCH; LORENTZ, 2017, p. 3.

<sup>173</sup> SILVA, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Belo Horizonte, v. 34, n.1, p. 163-170, jan./abr. 2017, p. 164.

Há também 10 milhões de pessoas apátridas às quais foram negadas a nacionalidade e o acesso a direitos básicos como educação, saúde, emprego e liberdade de circulação.

Em um mundo onde quase 20 pessoas são deslocadas a força a cada minuto em decorrência de conflitos ou perseguições, o trabalho do ACNUR é mais importante do que nunca.<sup>174</sup>

O jornalista João Paulo Charleaux aponta para o fato de que, se fosse feito um país desses 65,5 milhões de refugiados, o mesmo seria a 21ª maior população do mundo, sendo pouco maior que o Reino Unido.<sup>175</sup>

### 2.2.1 Conflitos armados

Segundo Daniela Florêncio da Silva, ao se analisar os movimentos de refugiados desenvolvidos depois da Segunda Guerra Mundial e o da atualidade, é possível notar uma mudança na natureza dos conflitos e também novos obstáculos que vão sendo encontrados. A diversidade dos motivos torna mais complexa a origem dos conflitos e acelera o seu desenvolvimento.<sup>176</sup>

Com o final da Guerra Fria, as expectativas eram de que os conflitos armados cessariam, e por consequência o fluxo de refugiados também. Porém, ao contrário do previsto, houve um aumento dos conflitos étnicos, raciais e religiosos que, somados à alta situação de pobreza em diversos países e aos efeitos da economia global, levaram a um aumento do número de deslocados no mundo.<sup>177</sup>

Segundo a ACNUR, citada por Daniela Florêncio da Silva,

Repressão política e violações maciças dos direitos humanos ainda são elementos significativos em deslocamentos atualmente. Mas para a maioria dos refugiados de hoje, conflitos armados – que frequentemente envolvem perseguição e outros abusos dos direitos humanos contra civis – são a principal fonte de ameaça. Muitos dos conflitos armados do período pós Guerra Fria provaram ser particularmente perigosos para os civis, evidenciados pela escala de deslocamento e pela alta proporção de mortes de civis em relação aos militares. [...]. O custo humano devastador de guerras recentes levou muita discussão sobre a natureza mutável dos conflitos armados no período pós-Guerra Fria. [...]. O que distinguiu a década de 1990 a partir de décadas anteriores foi o enfraquecimento dos governos centrais em países que tinham sido amparados pelo apoio de

<sup>174</sup> ACNUR. **Dados sobre o refúgio**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

<sup>175</sup> CHARLEAUX, João Paulo. Por que o número de refugiados no mundo não para de crescer. **Nexo**, 19 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/19/Por-que-o-n%C3%BAmero-de-refugiados-no-mundo-n%C3%A3o-para-de-crescer>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

<sup>176</sup> SILVA, 2017, p. 163.

<sup>177</sup> MOREIRA. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1489/1454>>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 18.

superpotências, e a consequente proliferação de conflitos baseados em identidade, muitos dos quais envolveram sociedades inteiras em violência.<sup>178</sup>

Nos últimos anos, principalmente por consequência do conflito na Síria, os números têm alcançado recordes<sup>179</sup> de pessoas que são forçadas a saírem dos seus locais de origem por questões de segurança, envolvendo violência e perseguição.<sup>180</sup> A guerra síria se iniciou em 2011 e teve, no seu primeiro ano, mais de 250 mil mortes.<sup>181</sup> Em 2018, a guerra completou 7 anos, com um saldo de morte de aproximadamente 400 mil pessoas.<sup>182</sup>

Devido a tamanho conflito, a Síria tem contribuído significativamente para o aumento na quantidade de novos refugiados. No primeiro semestre de 2017, quase um terço do aumento total de refugiados foi por consequência do aumento de refugiados sírios. Ainda no primeiro semestre de 2017, a constante guerra civil no Sul do Sudão também desencadeou novos deslocamentos de refugiados, sendo esses, em números, mais de meio milhão. Ainda outros países que têm contribuído para o aumento dos deslocamentos devido a conflitos armados, segundo a ACNUR, foram Afeganistão, Burundi, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Eritreia, Iraque, Mianmar e Somália.<sup>183</sup>

Segundo o relatório Global Trends, que é publicado todo ano para analisar as mudanças nas populações de interesse da ACNUR, contabilizando e monitorando os números de refugiados e outros tipos de deslocados baseados em diversos critérios, como local, idade e sexo,<sup>184</sup> relatou que no primeiro semestre de 2017 o número de refugiados, os quais estão sob mandato da ACNUR, não parou de aumentar e com isso excedeu pela primeira vez o número de 18,5 milhões de refugiados. Conforme mostra o gráfico a seguir, é possível visualizar esses aumentos, sendo que, no período de janeiro a junho de 2017, a

<sup>178</sup>SILVA, 2017, p. 165.

<sup>179</sup>SILVA, 2017, p. 166.

<sup>180</sup>CHARLEAUX, João Paulo. Por que o número de refugiados no mundo não para de crescer. **Nexo**, 19 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/19/Por-que-o-n%C3%BAmero-de-refugiados-no-mundo-n%C3%A3o-para-de-crescer>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

<sup>181</sup>G1. **Entenda a situação de países de onde saem milhares de imigrantes à Europa**. São Paulo, 04 nov. 2015. Disponível em: <[http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/entenda-situacao-de-paises-de-onde-saem-milhares-de-imigrantes-europa.html?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=share-bar&utm\\_campaign=share-bar](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/entenda-situacao-de-paises-de-onde-saem-milhares-de-imigrantes-europa.html?utm_source=twitter&utm_medium=share-bar&utm_campaign=share-bar)>. Acesso em: 17 jun. 2018.

<sup>182</sup>G1. **Síria tem recorde de mais de 220 mil deslocados em 2018, diz ONU**. 11 jun. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/siria-tem-recorde-de-mais-de-920-mil-deslocados-em-2018-diz-onu.ghtml>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

<sup>183</sup> UNHCR. **Mid years trend**. 2017. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5aaa4fd27/mid-year-trends-june-2017.html>>. Acesso em: 17 jun. 2018, PDF, p. 5.

<sup>184</sup> ACNUR. **Dados sobre o refugio no mundo**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-mundo/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.



população mundial de refugiados teve um aumento de 7%, se comparado com o total atingido no final de 2016.<sup>185</sup>

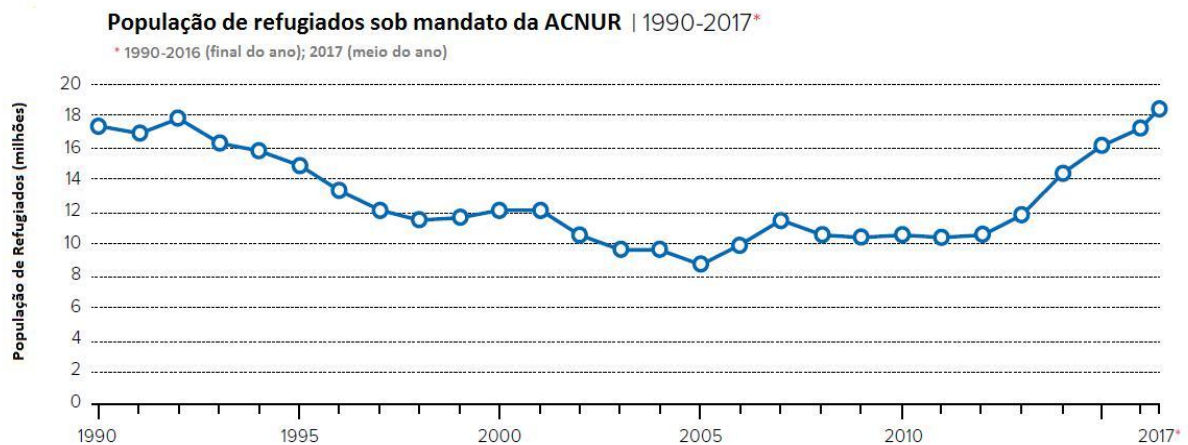


Imagem 1 - População de refugiados sob mandato da ACNUR

Conforme os dados da ACNUR, mais de 1,1 milhão de pessoas deixaram seus lares, fugindo para outro país no primeiro semestre de 2017. A maior causa do deslocamento de refugiados foi o conflito armado no Sudão do Sul, sendo que o número de novos refugiados se deslocando ao longo da região foi de 520.900. A guerra na Síria também permaneceu gerando deslocados, sendo 368.900 recém-desalojados recebendo abrigo nos países vizinhos. Também é válido mencionar a guerra civil na República Centro-Africana que permaneceu gerando refugiados para os países vizinhos, tendo 74.900 deslocados refugiados registrados. A grande parte dos outros deslocamentos mais recentes foi derivada de conflitos armados e violação dos direitos humanos na África Central e Oriental.<sup>186</sup>

### 2.2.2 Fatores ambientais

O meio ambiente tem sofrido diversas alterações, passado por secas muito fortes, inundações, furacões, entre outros fenômenos. Esses acontecimentos têm acarretado muitas consequências nos locais em que acontecem, como perda de casas, família, plantações, animais, etc.<sup>187</sup> Porém, o refugiado ambiental não advém somente de desastres

<sup>185</sup> UNHCR. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5aaa4fd27/mid-year-trends-june-2017.html>>. Acesso em: 17 jun. 2018, PDF, p. 5.

<sup>186</sup> UNHCR. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5aaa4fd27/mid-year-trends-june-2017.html>>. Acesso em: 17 jun. 2018, PDF, p. 12-13.

<sup>187</sup> CARNEIRO, José Roberto Jr. **Refugiados ambientais**: caso Tuvalu. Brasília: Centro Universitário de Brasília – Trabalho de Conclusão de Curso, 200, p. 26.

naturais. Diversas vezes é o próprio homem que gera as mudanças ambientais, e aqueles que sofrem as consequências nem sempre recebem ajuda ou são compensados.<sup>188</sup>

A globalização e a necessidade de consumo é um dos motivos da repetida devastação da natureza. Por mais que as grandes potências do mundo resistam em admitir, o planeta Terra padece da própria intervenção humana. E essa devastação e a necessidade da humanidade de conviver com recursos naturais, gerou um novo tipo de refugiados, os chamados refugiados ambientais.<sup>189</sup>

Sendo assim, além dos conflitos armados e perseguições, é importante olhar para os fatores ambientais que vêm crescendo de maneira notória, tornando-se também uma das causas de deslocamentos de refugiados, ainda que estes não sejam aceitos juridicamente.<sup>190</sup> Muitos desastres naturais já foram o motivo de grandes deslocamentos, como por exemplo: o tsunami em 2004, que destruiu a costa de muitos países asiáticos e africanos; o furacão Katrina em 2005, na costa do Golfo do México<sup>191</sup>; em 2008, o ciclone que atingiu Mianmar; os terremotos no Haiti, Chile e China em 2010<sup>192</sup>; o terremoto e acidente nuclear em 2011, no Japão.<sup>193</sup> Esses e outros acontecimentos do gênero têm chamado a atenção da comunidade internacional quanto à questão dos refugiados.<sup>194</sup> Segundo a ONU,

A situação se agrava porque o deslocado ambiental não é considerado tecnicamente como um refugiado. A fundadora da Rede Sul-Americana para as Migrações Ambientais (Resama), Érika Pires Ramos, explica que a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados, tratado de 1951 que estabelece as normas para a proteção de refugiados, não prevê causas ambientais para a concessão do refúgio, já que elas não são consideradas como “perseguição” ou outras motivações de segurança previstas no tratado internacional.

“O não reconhecimento deixa essas populações expostas a graves violações de direitos humanos. Quando elas migram especialmente entre fronteiras

<sup>188</sup> PENTINAT, Susana Borràs. Refugiados ambientales: el nuevo desafio del derecho internacional del medio ambiente. **Revista de Derecho**, XIX, n.2, p. 85-108, dez. 2006. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/revider/v19n2/art04.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2018, PDF, p. 87.

<sup>189</sup> SANTOS, Barbara Cris. **A situação dos refugiados ambientais: sob o olhar da tutela jurídica brasileira**, nov. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/44530/a-situacao-dos-refugiados-ambientais-sob-o-olhar-da-tutela-juridica-brasileira>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

<sup>190</sup> SILVA, 2017, p. 165.

<sup>191</sup> BUENO, Claudia da Silva. **“Refugiados ambientais”**: em busca de amparo jurídico efetivo. Disponível em: <[http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/claudia\\_bueno.pdf](http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/claudia_bueno.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 10.

<sup>192</sup> CAVALCANTI, Aline. **Refugiados ambientais continuam sem reconhecimento da ONU**. PUC – São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://agemt.org/?p=1433>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

<sup>193</sup> BUENO. Disponível em: <[http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/claudia\\_bueno.pdf](http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/claudia_bueno.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p.10.

<sup>194</sup> CAVALCANTI, 2011. Disponível em: <<http://agemt.org/?p=1433>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

internacionais, são consideradas migrantes irregulares, o que pode dar margem ao aliciamento por traficantes de pessoas”<sup>195</sup>

Dra. Susana Borràs Pentinat destaca o fato notório de que nos últimos anos, pela primeira vez na história, tem-se havido mais refugiados por causas ambientais, que conflitos armados e perseguições. Segundo ela, embora as estimativas variem, calcula-se que 25 milhões de pessoas tenham deixado seus lares por questões ambientais como secas, acidentes industriais e erosão do solo. Juntamente com essas questões ecológicas e ambientais estão a fome e os conflitos armados, que contribuem e têm repercussões ambientais bastante sérias como, por exemplo: uso de armas químicas, destruição de colheitas, bombardeios, etc.<sup>196</sup>

Segundo as Nações Unidas, a cada ano cerca de 25 milhões de pessoas deixam suas casas por questões ambientais, tais como secas, tempestades, incêndios florestais. As estimativas do Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC) são de que o número de pessoas deslocadas por essas razões chegará a 1 bilhão até o ano de 2050.<sup>197</sup> Também dentro dessa perspectiva, o Secretariado da Convenção das Nações Unidas de Luta contra a Desertificação informa que 135 milhões de pessoas até 2030 estarão em risco de deslocamento por causa da desertificação.<sup>198</sup>

Irina Bokova, ex-diretora-geral da UNESCO, em uma mensagem para o Dia Mundial de Luta contra a Desertificação e a Seca, afirmou que, ao encarar essas tendências, é preciso trabalhar em duas áreas:

“Em primeiro lugar, devemos administrar a terra corretamente, porque isso é essencial para prevenir sua desertificação e para manter sua produtividade”, disse.

“Em segundo lugar, devemos reforçar a resiliência das populações vulneráveis, apoiando meios de subsistência alternativos, para quebrar o círculo vicioso da desertificação e suas consequências socioeconômicas, as quais frequentemente ocasionam a migração”, declarou.

<sup>195</sup> ONUBR. **Mudanças climáticas devem intensificar deslocamentos forçados, dizem especialistas**. 22 jun. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/mudancas-climaticas-devem-intensificar-deslocamentos-forcados-dizem-especialistas/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

<sup>196</sup> PENTINAT. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/revider/v19n2/art04.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2018, PDF, p. 86-87.

<sup>197</sup> ONUBR. **Acordos climáticos ajudarão a conter crise migratória, dizem especialistas em evento da ONU**. 12 mar. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acordos-climaticos-ajudarao-a-conter-crise-migratoria-dizem-especialistas-em-evento-da-onu/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

<sup>198</sup> ONUBR. **UNESCO adverte para risco de aumento os refugiados devido à desertificação**. 16 jun. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unesco-adverte-para-risco-de-aumento-dos-refugiados-ambientais-devido-a-desertificacao/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

“Neste dia, nós devemos reconhecer que a desertificação é um fenômeno mundial é uma ameaça para todas as pessoas. Da mesma forma, devemos começar a agir globalmente para construir um futuro sustentável e estável para todos”, concluiu.<sup>199</sup>

Quando ocorrido um desastre ambiental, o local atingido costuma ficar inabitável, seja de forma temporária ou definitiva, o que obriga a população do local a se deslocar. Ainda que sejam denominados genericamente de “refugiados ambientais”, a definição estabelecida de refugiado não abraça essa nova e crescente categoria.<sup>200</sup> Segundo Marijane Vieira, professora de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), não quer dizer que a ONU não reconheça que essa categoria exista, mas o maior problema está em a ACNUR não possuir autorização em seu mandato para prestar auxílio a essa categoria, não existindo então recursos específicos e necessários para que isso aconteça, estando, portanto, despreparado para lidar com essa crescente categoria.<sup>201</sup>

Susana Borràs Pentinat aponta para a necessidade não apenas desse reconhecimento jurídico, mas também com cooperação e boa vontade dos Estados desenvolvidos com os países que se encontram nessas situações de problemas ambientais, os quais na maioria das vezes são menos desenvolvidos e carecem de ajuda.

Reconhecimento e apoio aos refugiados ambientais também contribui para combater as causas da degradação ambiental. Tomar as medidas necessárias para minimizar qualquer problema de grande escala ou consequências irreversíveis que possam surgir ou planejamento eficaz pode ajudar a reduzir os danos e custos ambientais (humanos e financeiros), que envolve a reabilitação de um lugar. Hoje algumas dessas etapas podem ser feitas quase desde o momento em que uma emergência de refugiados irrompe, independentemente da situação.<sup>202</sup>

Como mencionado no decorrer do capítulo, hoje a questão dos refugiados passa por seu período mais crítico depois da Segunda Guerra Mundial. Apenas no ano de 2017, o número de refugiados deslocados foi de 2,9 milhões.<sup>203</sup> Sua temática “era tratada como um problema pontual e não como um assunto permanente”, porém os números, e, por mais que sempre tenha sido um fenômeno mundial, nos últimos anos começou a atingir mais

<sup>199</sup> ONUBR. **UNESCO adverte para risco de aumento os refugiados devido à desertificação**. 16 jun. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unesco-adverte-para-risco-de-aumento-dos-refugiados-ambientais-devido-a-desertificacao/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

<sup>200</sup> BUENO. Disponível em: <[http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/claudia\\_bueno.pdf](http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/claudia_bueno.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 8.

<sup>201</sup> CAVALCANTI, 2011. Disponível em: <<http://agemt.org/?p=1433>>. Acesso em: 19 jun. 2018

<sup>202</sup> PENTINAT. Disponível em: <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0718-09502006000200004&script=sci\\_arttext](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0718-09502006000200004&script=sci_arttext)>. Acesso em: 19 jun. 2018, PDF, p. 106.

<sup>203</sup> JMM. **Dia mundial do refugiado**. Youtube, 20 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rZLcyGvUEFI&feature=youtu.be>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

diretamente países que antes não estavam tão envolvidos com os fluxos de refugiados, como, por exemplo, o Brasil.<sup>204</sup>

### 2.3 A questão dos refugiados no cenário brasileiro

É evidente a busca pelo comprometimento do Brasil com o regime internacional para refugiados determinado pela ONU desde o pós-guerra. Um ano depois de ter sido elaborada a Convenção de 1951, o Brasil já se tornou adepto e passou a trabalhar junto à organização internacional indicada para o grupo. Ele foi o primeiro país da América do Sul a aprovar, em 1960, a Convenção de 1951. No ano de 1972, o Brasil também abraçou o Protocolo de 1967, aderindo à reserva geográfica e limitando o acolhimento de refugiados no país, pelo qual apenas aqueles que vinham de território europeu eram reconhecidos como refugiados<sup>205</sup>. Essa posição deixou em dúvida o real desejo brasileiro de se comprometer com a causa dos refugiados. Porém, no ano de 1989, o Brasil removeu a reserva geográfica e passou então a receber e reconhecer refugiados de todos os lugares do mundo, aderindo a uma definição mais abrangente de refugiados, com base na Declaração de Cartagena de 1984.<sup>206</sup>

Moreira destaca que o Brasil foi o primeiro país da região a criar uma legislação para refugiados, sendo essa a Lei Federal n. 9.474 de 1997<sup>207</sup>, e por ter um conceito mais abrangente do que aquelas previstas nas convenções internacionais quanto ao reconhecimento de refugiados, a legislação brasileira de refúgio é considerada moderna.<sup>208</sup>

É válido frisar que a lei brasileira está inserida nos marcos dos regimes internacional e regional para refugiados, abrangendo em sua definição os motivos clássicos (Convenção de 1951) e ampliada (Declaração de 1984):

Será reconhecido como refugiado todo individuo que:

<sup>204</sup> SILVA, 2017, p.164.

<sup>205</sup> MOREIRA, Julia Bertino. **A questão dos refugiados nos contextos latino-americano e brasileiro**. São Paulo: V Simpósio dos pós-graduandos em ciência política da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.geocities.ws/politicausp/relacoesinternacionais/soc\\_global/Moreira.pdf](http://www.geocities.ws/politicausp/relacoesinternacionais/soc_global/Moreira.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 7.

<sup>206</sup> HAYDU, Marcelo. A integração de refugiados no Brasil. In.: RAMOS, André de Carvalho; RODRIGUES, Gilberto; ALMEIDA, Guilherme Assis de, (orgs.). **60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. São Paulo: Editora CL-A Cultural, 2011, p. 134-136.

<sup>207</sup> MOREIRA. Disponível em: <[http://www.geocities.ws/politicausp/relacoesinternacionais/soc\\_global/Moreira.pdf](http://www.geocities.ws/politicausp/relacoesinternacionais/soc_global/Moreira.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 8.

<sup>208</sup> ACNUR. **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. Online, 2016. Disponível em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo\\_Refugiados\\_no\\_Brasil\\_e\\_no\\_Mundo\\_2016.pdf](http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo_Refugiados_no_Brasil_e_no_Mundo_2016.pdf)>. Acesso em 20 jun. 2018, PDF, p. 16.

I – devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

(...)

III – devido à grave e generalizada violação de direito humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.<sup>209</sup>

Considerada inovadora e avançada, a lei nacional, com o objetivo de analisar e reconhecer os pedidos para refugiados, criou o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE),<sup>210</sup> que “além de promover a integração local dessa população [...] é um órgão multiministerial do qual participam o governo, a sociedade civil e a ONU, por meio do ACNUR”.<sup>211</sup> A legislação nacional previu também a repatriação voluntária, bem como o reassentamento e a integração local.<sup>212</sup>

Conforme os dados do CONARE,

o Brasil reconheceu, até o final de 2017, um total de 10.145 refugiados de diversas nacionalidades.

Desses, apenas 5.134 continuam com registro ativo no país, sendo que 52% moram em São Paulo, 17% no Rio de Janeiro e 8% no Paraná. Os sírios representam 35% da população refugiada com registro ativo no Brasil.

O ano de 2017 foi o maior em número de pedidos de refúgio, desconsiderando a chegada dos venezuelanos e dos haitianos. Foram 13.639 pedidos no ano passado, 6.287 em 2016, 13.383 em 2015 e 11.405 em 2014.

No total, 33.866 pessoas solicitaram o reconhecimento da condição de refugiado no Brasil em 2017.<sup>213</sup>

Segundo o Ministério da Justiça, com dados coletados pela Polícia Federal, o gráfico abaixo apresenta as solicitações de reconhecimento da condição de refugiado em 2017<sup>214</sup>:

<sup>209</sup> MOREIRA, Julia Bertino. **Políticas para refugiados nos contextos internacional e brasileiro do pós-guerra aos dias atuais**. Disponível em: <[www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/.../1667](http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/.../1667)>. Acesso em: 02 out. 2018, PDF, p. 8.

<sup>210</sup> HAYDU. In.: RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, (orgs.). 2011, p. 137.

<sup>211</sup> ACNUR. **Conare**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/conare/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

<sup>212</sup> HAYDU. In.: RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, (orgs.). 2011, p. 137.

<sup>213</sup> ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

<sup>214</sup> CONARE. **Refúgio em números**. 2017, 3.ed. Disponível em : <[http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros\\_1104.pdf/view.>](http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros_1104.pdf/view.>) . Acesso em: 02 out. 2018, PDF, p. 9.

A ACNUR não trabalha sozinha no Brasil, mas tem organizações parceiras em diversos estados. As mesmas dão assistência e apoio diretamente aos refugiados e solicitantes de refúgio no país. À medida que o número de refugiados no país foi crescendo, a ACNUR



Imagem 2 - Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado em 2017

passou a realizar a cada ano um processo público para selecionar parcerias que pudessem ajudar a criar projetos que objetivam a integração da população refugiada nas variadas localidades que se encontram no país. Segundo a ACNUR, “Por meio do CONARE, o ACNUR se relaciona com diferentes instâncias do Governo Federal, contribuindo para a formulação das políticas sobre refúgio e das normas que esclarecem os termos da legislação nacional sobre o tema.”<sup>215</sup> Ademais, a ACNUR possui algumas parcerias como: “a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres e com os ministérios da Saúde, Educação, Trabalho e Desenvolvimento Social”, além de algumas organizações não-governamentais (ONGS) e redes de proteção, que em 2014 foram formadas por mais de 30 organizações espalhadas por todo o Brasil.<sup>216</sup>

O governo brasileiro oferece, para todos os refugiados que se instalam no país, cursos de língua portuguesa, capacitação profissional e auxílio para entrarem no mercado de trabalho. “O ACNUR entra prestando assistência aos refugiados de baixa renda e oferecendo

<sup>215</sup> ACNUR. **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**, 2016. Disponível em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo\\_Refugiados\\_no\\_Brasil\\_e\\_no\\_Mundo\\_2016.pdf](http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo_Refugiados_no_Brasil_e_no_Mundo_2016.pdf)>. Acesso em 20 jun. 2018, PDF, p. 24.

<sup>216</sup> LACERDA, Jan Marcel de A. F.; SILVA, Amanda Arruda de S. e; NUNES, Rayanne Vieira G. O Caso dos refugiados sírios no Brasil e a política internacional contemporânea. **Revista de Estudos Internacionais**, João Pessoa – PB, v.6, n.2, 2015, p. 112.

programas de microcréditos para refugiados que pretendem montar um pequeno negócio”.<sup>217</sup>

A preocupação do governo, desde os anos 2000, tem sido, além da proteção dos refugiados, também a sua integração, inserindo-os nas políticas públicas que o Brasil já possui. Ainda existem alguns benefícios que aqueles que solicitam refúgio e os próprios refugiados já obtêm, como carteira de trabalho e documento de identidade, que os permite poder ter um trabalho legal no Brasil. É possível notar que, mesmo que de forma sutil, a política nacional para refugiados tem mostrado que deseja aumentar os esforços em prol dos benefícios dos refugiados. Como exemplo, pode-se citar a inclusão de alguns refugiados no programa de assistência governamental (Bolsa Família) e também a inserção de debates visando ao acesso de refugiados a políticas de habitação e outras formas de entrarem no mercado de trabalho.<sup>218</sup>

Ainda que o Brasil tenha a característica e o reconhecimento de um país acolhedor para com os refugiados, os mesmos ainda encontram algumas dificuldades com relação à integração na sociedade brasileira. O choque cultural e a dificuldade com a língua portuguesa são geralmente as primeiras barreiras encontradas, somados a problemas comuns aos próprios brasileiros no dia a dia, como a precariedade nos serviços públicos de saúde, a dificuldade em ingressar no ensino superior, o acesso à moradia e entrada no mercado de trabalho.<sup>219</sup> “Algumas pesquisas e reportagens sobre as problemáticas que envolvem a integração dos refugiados no Brasil apontam que os maiores obstáculos são a falta de emprego e moradia e a discriminação”.<sup>220</sup>

Durante a 3ª Oficina sobre Trabalho e Emprego para solicitantes de Refúgio e Refugiados(as), que aconteceu em Porto Alegre em 2012, as dificuldades relatadas pelos grupos de trabalho em relação ao acesso dos refugiados ao mercado de trabalho foram:

- 1) dificuldade com o idioma português; 2) baixa qualificação profissional; 3) desconhecimento por parte dos empregadores e dos funcionários das entidades de facilitação de mão de obra sobre o tema do refúgio; 4) desconhecimento dos refugiados sobre as regras trabalhistas brasileiras; 5) dispersão territorial dos refugiados em solo brasileiro; 6) falta de acesso dos refugiados a atividades produtivas, como microcrédito e economia

<sup>217</sup> LACERDA; SILVA; NUNES, 2015 p. 112.

<sup>218</sup> HAYDU. In.: RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, (orgs.). 2011, p. 140.

<sup>219</sup> ACNUR. **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. Online, 2016. Disponível em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo\\_Refugiados\\_no\\_Brasil\\_e\\_no\\_Mundo\\_2016.pdf](http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo_Refugiados_no_Brasil_e_no_Mundo_2016.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2018, PDF, p. 18.

<sup>220</sup> HAYDU. In.: RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, (orgs.). 2011, p. 142.



solidária; 7) dificuldade de validação de diploma emitido no país de origem.<sup>221</sup>

Além dessas dificuldades, os refugiados têm sido discriminados pela população brasileira. É notável também que grande parte da sociedade não diferencia certo quem é um refugiado e um fugitivo da justiça, fazendo com que isso dificulte a integração desses na sociedade e tornando a entrada no mercado de trabalho de difícil acesso.<sup>222</sup>

Os refugiados sírios, os quais caracterizam 35% da população refugiada registrada no Brasil até o final de 2017<sup>223</sup>, encontram uma dificuldade a mais que os refugiados latinoamericanos quanto ao reconhecimento dos seus diplomas. Por não terem esse reconhecimento, a dificuldade em conseguirem bons empregos aumenta de forma muito significativa. O maior problema advém da língua, o qual é uma grande barreira e faz com que os refugiados sírios “acabem conformando-se com vidas miseráveis, esperando por ajudas humanitárias ou subempregos até mesmo aqueles que possuem ensino médio ou superior”.<sup>224</sup>

Ainda outro desafio relacionado à inserção do refugiado no mercado de trabalho é a

precarização do trabalho dos imigrantes, tendo em vista que são eles os empregados nos setores com maior estatística de acidentes de trabalho, recebem salários menores, são impedidos de se sindicalizar, além do racismo e da xenofobia presentes nos discursos de que “eles roubam os nossos empregos”, ou “eles sobrecarregam os serviços públicos”, mesmo se forem levadas em conta as estatísticas de que a imigração para o Brasil representa apenas 1% (um por cento) da média mundial. Desta forma, é preciso observar que o trabalho tem grande influência na formação da identidade dos trabalhadores imigrantes. Assim, uma estratégia a ser adotada talvez seja uma mudança no discurso do emprego e salário, para trabalho e renda, onde entra em cena a economia solidária baseada em tecnologia social e não empresarial. É preciso mudar a lógica do discurso e das políticas para proteger e promover os direitos humanos dos trabalhadores refugiados e migrantes, afinal, assim como disse Marx Frisch em 1965: “queríamos mão de obra, chegaram pessoas”.<sup>225</sup>

---

<sup>221</sup> SCHWINN, Simone Andrea; FREITAS, Priscila de. **Desafios para acesso ao trabalho de migrantes e refugiados no Brasil**. Seminário Internacional: demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em: <<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/16040>>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 10.

<sup>222</sup> HAYDU. In.: RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, (orgs.). 2011, p. 142.

<sup>223</sup> ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

<sup>224</sup> LACERDA; SILVA; NUNES, 2015, p.112

<sup>225</sup> SCHWINN; FREITAS. Disponível em: <<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/16040>>. Acesso em: 03 out. 2018, PDF, p. 13-14.

A realidade é que muito ainda precisa ser feito para que essas pessoas possam verdadeiramente estar integradas à nova vida na sociedade brasileira.<sup>226</sup> É preciso levar em conta que o trauma sofrido no país de origem das mais diversas formas, somado com a saudade da família que permanece distante, e tudo mais o que foi deixado para trás, contribuem para a dificuldade da construção de uma nova vida no país.<sup>227</sup>

De acordo com Isabel Marques, representante da ACNUR no Brasil,

Precisamos enxergar nas pessoas refugiadas o potencial que elas têm para exercer seus conhecimentos, saberes e experiências que seguramente podem agregar contribuições valiosas para nossa sociedade, basta que uma chance lhes sejam dada. Ajudar os refugiados a reconstruir suas vidas é uma responsabilidade de todos e devemos trabalhar juntos para que eles possam viver em paz com suas famílias, dar continuidade à sua formação profissional e contribuir para o desenvolvimento de sua comunidade e do Brasil como um todo.<sup>228</sup>

Ainda que esteja abrindo as portas e recebendo àqueles que vêm em busca de refúgio, o Brasil não tem conseguido proporcionar tudo aquilo que seria necessário para uma vida básica e digna à maior parte dos refugiados. É preciso mais empenho, mais pessoas envolvidas para que essa situação possa mudar, caso contrário, “os refugiados que vieram e vivem no Brasil continuarão a sofrer dos mesmos males, vendo sua vida passar e, com ela, a esperança de um recomeço digno”.<sup>229</sup>

---

<sup>226</sup>HAYDU. In.: RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, (orgs.), 2011, p. 142.

<sup>227</sup>JMM. **Manual do refugiado**. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/wp-content/uploads/2016/02/Manual-Refugiado-Web1.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018, PDF, p. 5.

<sup>228</sup> ACNUR. **Globo e ACNUR lançam vídeo para campanha no Dia Mundial do Refugiado**, 20 jun. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/globo-e-acnur-lancam-video-para-campanha-dia-mundial-refugiado/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

<sup>229</sup>HAYDU. In.: RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, (orgs.), 2011, p. 142.

*Cristo não tem outro corpo na terra a não ser o seu, não tem mãos a não ser as suas, não tem pés a não ser os seus.*

*É por meio de seus olhos que a compaixão de Cristo pelo mundo será estendida;  
é por meio de seus pés que ele há de percorrer os caminhos fazendo o bem;  
é por meio de suas mãos que ele há de nos abençoar agora.*

*Teresa de Ávila.*

*Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade.*

*1 João 3.18*

### 3. A IGREJA E OS REFUGIADOS

Tendo em vista que a ocorrência de povos refugiados no mundo inteiro tem se intensificado, torna-se urgente e necessário que a igreja se posicione e aja em relação à multidão de pessoas abandonadas e que não têm encontrado amparo por grande parte do povo cristão evangélico. Trata-se de pessoas que não possuem a oportunidade de voltar para seus países de origem, pois estes não fornecem condições adequadas para recebê-los.

Sendo assim, este capítulo trata de quatro pontos importantes ligados ao papel da igreja em relação aos refugiados. O primeiro ponto refere-se ao conceito do que é a missão de Deus e qual é a Sua missão para a Igreja. Em seguida, a missão é vista de acordo com a concepção holística do ser humano. O terceiro ponto trata dos perigos do afastamento da missão da Igreja. Por último, são apresentados alguns exemplos de trabalhos com refugiados como incentivo ao envolvimento da igreja no que se refere aos povos refugiados atuais.

#### 3.1 A missão da igreja

Abordando a terminologia da palavra “missão”, David J. Bosh mostra que o termo dá a entender que existe alguém que envia algo, alguém que é enviado e uma tarefa a ser cumprida. Ao analisar o termo dessa forma, deduz-se que aquele que envia, possui toda a autoridade para poder fazê-lo.<sup>230</sup>

Segundo o teólogo Christopher Wright, existem diferenças entre os conceitos de “missão” e “missões”. O termo “missão” refere-se a tudo aquilo que Deus está fazendo em seu propósito maior para toda a criação e para tudo aquilo que Ele a chama para fazer em prol desse grande propósito. Já quando a referencia é feita a “missões”, entende como as diversas atividades pelas quais o povo de Deus pode estar envolvido com a missão de Deus. É possível observar que existe um número muito grande de missões e é nesse contexto que nenhum trabalho deve ser menosprezado, não se encontrando algum que seja superior a outro. Wright ainda destaca que

É por isso que também não gosto daquela velha linha de nocaute que tentou limitar à cerca do ringue a palavra “missão”, significando especificamente o envio transcultural de missionários para evangelismo: “Se tudo é missão, logo, nada é missão”. Seria mais bíblico dizer: “Se tudo é missão, logo, tudo é missão”. É claro que nem tudo é missão evangelística

<sup>230</sup> BOSH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal: EST, 2002. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=pPJvNxFzZzQC&oi=fnd&pg=PA17&dq=miss%C3%A3o%20da%20igreja%20&ots=bGckCfCBpo&sig=Cfg0oHt8w2KDLsX210BIRReXe2U#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 11 set. 2018, PDF, p. 17.

transcultural, mas tudo o que um cristão ou uma igreja cristã é, diz e faz deve ser missionário, numa participação consciente na missão de Deus, no mundo de Deus.<sup>231</sup>

John Stott defende que a missão tem sua origem na natureza de Deus e não na natureza da Igreja, sendo que este Deus, o qual é vivo e claro na Bíblia, é um Deus que envia. Fazendo referência ao termo “centrífuga”, usado primeiramente pelo professor J. G. Davies aplicando-o a Deus como “um ser centrífugo”, Stott explica que o objetivo do professor com essa figura de linguagem dramática é apontar para o amor de Deus, que sempre atinge as pessoas por meio da sua dádiva. Começando pelo envio de Abraão, passando para os outros patriarcas, o êxodo, o cativeiro babilônico até a volta do povo de Israel para a sua terra, chegando o tempo em que Deus envia seu Filho, Jesus Cristo. Todos esses acontecimentos no decorrer da história traduzem a base para a compreensão de missão. Deus é aquele que é o dono da missão, foi ele quem enviou os profetas, Jesus e o Espírito Santo. Sendo assim, da mesma forma que Jesus foi enviado, ele mesmo envia os seus discípulos e não restringe esse envio somente a eles, pois na grande comissão essa restrição não pode ser aplicada.<sup>232</sup>

É propósito de Deus reunir toda a criação sob o senhorio de Cristo (cf. Ef 1.10) e levar a humanidade e toda a criação à comunhão. Como um reflexo da comunhão no Deus triúno, a Igreja é instrumento de Deus na realização dessa meta. A Igreja é convocada a manifestar a misericórdia divina para com a humanidade e levar a humanidade a sua finalidade, a saber, louvar e glorificar a Deus juntamente com as hostes celestiais. A missão da Igreja é servir aos propósitos de Deus, como uma dádiva presenteada ao mundo, a fim de que todos possam crer (cf. Jo 17.21).<sup>233</sup>

A missão cristã não começa no próprio indivíduo, mas cresce e se evidencia por meio do propósito de Deus de criar os seus. Aqueles que junto com sua criação serão restaurados ao seu estado original. Josemar Valdir Modes destaca que o foco não se encontra no que o povo diz, mas na sua maneira de viver e se portar em relação aos outros (Jo 13.35).<sup>234</sup> Com relação à prática da missão, Oliveira destaca que “o acolhimento de

<sup>231</sup> WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. Trad. Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 31-31.

<sup>232</sup> STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Trad. Meire Portes Santos. Viçosa: Ultmato. 2010, p. 24-26.

<sup>233</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **A natureza e missão da Igreja: um passo rumo a uma declaração conjunta**. Trad. Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2009, p. 23.

<sup>234</sup> MODES, Josemar Valdir. **Um povo transformador: Atos capítulo dois e a teologia da missão integral**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2017, p. 131.

refugiados, imigrantes e estudantes internacionais representa uma extraordinária oportunidade para expressarmos a nossa fé e realizarmos a nossa missão como igreja.”<sup>235</sup>

O cristão, mais do que qualquer outro, deveria estar atento e receptivo à voz de Deus. O discurso do novo nascimento, da entrega de vida a Cristo e da transformação da vida que antes andava em trevas, passando então para a luz, desperta algumas perguntas em relação à estagnação quanto ao que acontece ao seu redor. Antônio Carlos Costa, baseado nessa reflexão, questiona como pode ser possível que ainda assim possam ser tão insensíveis à voz do Senhor e deixar de lado aquilo que é importante para Ele.<sup>236</sup>

Stearns compara a visão de Deus para o mundo como se fosse um quebra-cabeça. Cada um que faz parte do corpo de Cristo é uma peça nas mãos dEle, sobre as quais Ele tem domínio e sabe onde cada forma, tamanho e particularidade vai se encaixar melhor. O quebra-cabeça só apresenta sua forma completa quando as peças são unidas de forma correta, cada uma em seu devido lugar. Não existe nenhuma peça desnecessária nesse quebra-cabeça. Todas têm um valor essencial e único para que o mesmo se faça completo. “Deus criou cada um de nós com uma contribuição singular a oferecer para o nosso mundo e o nosso tempo.”<sup>237</sup>

Se cada filho de Deus fizer sua parte exequível, então, coletivamente, nós podemos consertar um mundo em desordem “para que não fiquemos mais nesta situação humilhante”. Mas cada um de nós deve dar o que tem para a causa de Cristo, que chama a cada um de seus seguidores...”<sup>238</sup>

Informar o mundo do grande e imensurável amor de Deus, que se importa com o perdido e quer se reconciliar com Ele, é o grande papel e vocação da igreja na missão de Deus. Para o cumprimento dessa missão, Deus capacitou cada homem e mulher com diferentes dons e talentos.<sup>239</sup>

A igreja não é o agrupamento de pessoas que se unem por terem interesses religiosos que partilham entre si, mas uma comunidade que testifica e compartilha do

---

<sup>235</sup> OLIVEIRA, Jairo de. **Apresentação**. In.: OLIVEIRA, Jairo de (org.). **Refugiados, peregrinos e forasteiros: A Igreja respondendo ao desafio mundial da migração**. Trad. Jairo de Oliveira. Londrina: Descoberta, 2017, p.13.

<sup>236</sup> COSTA, Antônio Carlos. **Convulsão protestante: quando a teologia foge do templo e abraça a rua**. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p.173.

<sup>237</sup> STEARNS, Richard. **A grande lacuna: A omissão que compromete a missão**. Trad. Fabiano Medeiros. São Paulo: Garimpo Editorial, 2010, p. 287.

<sup>238</sup> STEARNS, 2010, p. 293.

<sup>239</sup> PADILLA, C. René; COUTO, Péricles. **Igreja: Agente de transformação**. Trad. Albana Neves e Dilmar Devantier. Curitiba: Missão Aliança, 2011, p. 189.

propósito de Deus em Jesus Cristo. “Seu testemunho, sem dúvida, não consiste somente em palavras: seu testemunho é essencialmente encarnacional.”<sup>240</sup>

Padilla destaca a comparação usada por Jesus para referir-se ao comportamento dos cristãos no mundo, quando diz que são *sal e luz*. A importância dos dois é interessante, pois não apontam para eles em si, mas para alguma outra coisa. A luz serve para iluminar, para ser possível que algo seja visto. Já o sal, quando usado, não traz a atenção para ele mesmo, mas para o que ele tempera, destacando o sabor do mesmo. “Tanto a luz como o sal passam mais despercebidos quando cumprem melhor suas funções. No entanto, quando não estão presentes, notamos sua ausência. O que isto nos diz sobre a presença cristã na sociedade?”<sup>241</sup>

Em oposição à ideia de não trazer a atenção para si mesmo, mas para o Evangelho, Josemar Modes aponta para o problema da sociedade atual, a qual tem sido notada pelo narcisismo e sua grande necessidade de aparecer.

Esta realidade tem levado o ser humano a relacionamentos superficiais, se é que podem ser chamados de relacionamentos. Mesmo em meio a uma aldeia global, o ser humano tende a isolar-se de tudo à sua volta.

E a igreja tem experimentado os efeitos desta visão de vida. Cada cristão tem buscado os seus interesses. “Os líderes cristãos estão cada vez mais ocupados com suas agendas e projetos pessoais na busca frenética de autoafirmação. Seus relacionamentos não são nem pessoais, nem profundos, o que os leva a cultivarem uma forma de “irrealismo ministerial”. Esse narcisismo inverte a afirmação de João Batista. “Ao invés de dizer: convém que ele cresça e que eu diminua, afirma: convém que ele diminua para que eu cresça”.<sup>242</sup>

Antônio Carlos Costa declara o seu entendimento quanto à missão da Igreja: amar. Amor esse que é “simétrico, harmonioso, belo e santo, no qual todas as virtudes atuam em conjunto”.<sup>243</sup> A igreja é chamada para não somente manifestar o reino de Deus através do que prega nos cultos, mas também para viver esse reino em tudo o que faz em resposta às dificuldades daqueles que a rodeiam.<sup>244</sup>

### 3.2 A visão holística do ser humano

<sup>240</sup>PADILLA; COUTO, 2011, p. 55.

<sup>241</sup>PADILLA, C. René. **O que é missão integral?**. Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 77.

<sup>242</sup>MODES, 2017, p. 131.

<sup>243</sup>COSTA, 2015, p. 22.

<sup>244</sup>PADILLA, 2009, p. 20.

O conceito “holismo” advém do grego *holos*, que significa todo. Ele busca retomar o elemento de totalidade, de pensamento e existência no mundo.<sup>245</sup> Sendo assim, a visão holística do ser humano ligada à missão é “ministrar para a sociedade e indivíduos sem dicotomizar entre o físico e espiritual ou o corpo e a alma”.<sup>246</sup>

A missão deixada por Cristo ao povo de Deus envolve um compromisso com o cuidado pelos sofredores e necessitados. “A igreja é chamada e autorizada a compartilhar do sofrimento de todos defendendo e cuidando dos pobres, necessitados e marginalizados”.<sup>247</sup> O evangelho integral é muito mais do que evangelizar, mas também demonstrar esse evangelho entendendo a importância da pessoa por inteiro, e encontrando formas de responder às necessidades dessa pessoa.<sup>248</sup>

Richard Stearns atenta para o fato de que a visão do Evangelho vem sendo restringida a “momentos” ou eventos. A comparação usada é de um jogo de bingo, onde é possível fazer a marcação de uma reunião de oração, um momento de louvor tomado de decisões ou o atendimento ao apelo no final da mensagem. O Evangelho acaba sendo limitado, a ponto de simplesmente salvar o máximo de pessoas possíveis de irem para o inferno, preterindo a relevância quanto aos problemas encontrados nesta vida.<sup>249</sup>

A trajetória do refugiado até o país onde vai permanecer pode ser muito longa e demorar de dias a anos. Trajetória essa que envolve muitas dificuldades, condições precárias, luta por sobrevivência diária, pelas quais muitas vezes são alvos de tráfico humano, tráfico de órgãos e prostituição, ao passo que muitos deles não conseguem completar sua jornada e morrem pelo caminho. Edward Smither atenta para o fato de que quando o refugiado chega ao país de acolhimento, é o início de mais uma luta. Tudo é novo e diferente, língua, costumes, clima, religião e muitas outras diferenças que vão exigir do refugiado um esforço muito grande de adaptação. A coragem e força de vontade em ir além é admirável e exemplar. A resiliência é um destaque gritante na vida desses sobreviventes. Smither ainda acrescenta que, por questão disso,

---

<sup>245</sup> MUELLER, Enio R. **A interpretação da bíblia e a missão integral da Igreja**. In.: STEUERNAGEL. **A missão da Igreja: Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja na antevéspera do terceiro milênio**. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994, p.56.

<sup>246</sup> NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização? O risco de fazer missão sem se importar com o outro**. Viçosa: Ultimato, 2015, p.126.

<sup>247</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 2009, p.25.

<sup>248</sup> STEARNS, 2010, p. 284.

<sup>249</sup> STEARNS, 2010, p.36-37.



Tanto o governo como a igreja devem se preparar para acolher o refugiado. Não se trata apenas de estrangeiros em busca de trabalho e melhor renda. São pessoas feridas, vulneráveis, empobrecidas e em busca de um lugar para recomeçarem a vida.<sup>250</sup>

Tendo em vista tanto sofrimento, não se pode esquecer o fato de que a missão da igreja junto aos refugiados deve incluir a visão holística do ser humano. Qualquer trabalho que não possua essa visão, incluindo todas as facetas do que é uma pessoa, será um trabalho incompleto e fora daquilo que Deus deseja.

A partir do princípio de que o ser humano é um todo, e não partes separadas, entende-se que a teologia integral precisa antes de tudo alcançar a totalidade do ser da pessoa. Ela deve ser holística, para então e somente depois passar também a alcançar o seu derredor.<sup>251</sup>

No final do século 18, a palavra missão era vista total e essencialmente em termos geográficos. Significava sair do seu local, cruzando fronteiras para levar o Evangelho para os campos missionários do mundo não cristão. Sendo assim, “falar de missão era falar de missão transcultural”, sendo os seus principais objetivos: salvar almas e plantar igrejas.<sup>252</sup>

Participar na missão de Deus traz uma empatia com seus propósitos para a humanidade. É alinhar nossos objetivos com os objetivos dele para o mundo. É descobrir nossa missão de vida e trabalhar em harmonia com seus propósitos para o planeta. É uma opção por um estilo de vida, e não simplesmente uma decisão de plantar igrejas e “converter almas”.<sup>253</sup>

Quando a igreja entende que o seu real propósito não é o da busca incansável por crescer numericamente e se tornar uma megaigreja, mas de realmente pregar o evangelho puro e simples através de tudo que faz e diz, ela poderá então encarnar os valores do reino de Deus, abençoando e ajudando na transformação de vidas, não somente no campo pessoa, mas também comunitário.<sup>254</sup>

Paulo, em sua carta aos Gálatas, deixa claro que seu chamado era realizado para a obediência da fé entre todos os gentios – todas as nações – pelo poder e amor do nome de Jesus (Rm 1.5). Wright comenta que esse anseio é visto também na vida do patriarca Abraão, o qual foi exemplo de fé e obediência, sendo assim, Paulo está indicando que

---

<sup>250</sup> PRADO, José Roberto. **Refugiados: A diáspora forçada e a Igreja no Brasil.** In.: OLIVEIRA, Jairo de (org.). **Refugiados, peregrinos e forasteiros: A Igreja respondendo ao desafio mundial da migração.** Trad. Jairo de Oliveira. Londrina: Descoberta, 2017, p. 46.

<sup>251</sup> MODES, 2017, p. 115.

<sup>252</sup> PADILLA, 2009, p. 14.

<sup>253</sup> NASCIMENTO, 2015, p. 131.

<sup>254</sup> PADILLA, 2009, p. 18.

o serviço do evangelho de toda a sua vida era produzir comunidades sócias de Abraão em todas as nações, e não só naquela que descendia de Abraão. Trata-se de uma meta ambiciosa, com certeza, mas profundamente arraigada em sua leitura da missão de Deus, conforme foi expresso na promessa feita a Abraão.<sup>255</sup>

Em Gálatas 3.8, essa promessa é indicada da seguinte forma: Prevendo a Escritura que Deus justificaria os gentios pela fé, anunciou primeiramente a Abraão: “Por meio de você todas as nações serão abençoadas”. Dessa forma, a boa notícia do Evangelho, vinda do próprio Senhor, é que ele deseja que todas as nações sejam abençoadas e que isso se concretize através de Abraão e seus descendentes.<sup>256</sup>

Padilla destaca as palavras de João, que adverte àqueles que tendo como ajudar os irmãos a sua volta, não o faz: poderão ainda assim permanecer esses no amor de Deus? (1Jo 3.17). João também acrescenta na sua advertência de onde a motivação para fazer o bem deve vir, não amando simplesmente da boca para fora, com palavras e belos discursos, mas em verdade e ação.<sup>257</sup>

### **3.3 Os perigos do afastamento da visão missão da Igreja**

Há certo perigo de que os cristãos se fechem em sua situação de harmonia e prosperidade, de progresso e esperança. Não se pode esquecer que também há problemas e tragédias que exigem da igreja uma resposta.<sup>258</sup> Ficar inerte diante das calamidades, como fome, desastres naturais e conflitos de diversas naturezas significa que a Igreja se coloca como não consciente de sua missão.

Ser cristão sem participar de uma igreja é algo que não é possível, afirma Modes. E essa constatação se comprova quando se leem os relatos da Igreja Primitiva. Ainda que as igrejas não possuíssem todos os recursos e facilidades da atualidade, elas são modelo de organização e do que a igreja deveria ser.

O que deve ser ressaltado é que cada novo convertido passava a congregar em um dos grupos formados a partir do Pentecostes. Isso é tão verdade que se pode notar Paulo, Pedro e João escrevendo a grupos específicos: igrejas compostas por pessoas salvas que se reuniam com frequência naqueles lugar.<sup>259</sup>

---

<sup>255</sup> WRIGHT, 2012, p. 76.

<sup>256</sup> WRIGHT, 2012, p. 77.

<sup>257</sup> PADILLA, 2009, p. 83.

<sup>258</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, 2009, p. 62.

<sup>259</sup> MODES, 2017, p. 120.

A Igreja atual se encontra em um ambiente que, de acordo com René Padilla, citado por Zwetsch, caracteriza-se por quatro sinais evidentes: centralização de poder político econômico e cultural, estruturas socioeconômicas e militares de controle, legitimação religiosa por mitos e o sustento de imagens imperiais que contagiam a imaginação das pessoas.<sup>260</sup> Percebe-se que não é fácil encontrar o caminho da missão da Igreja no mundo atual.

Uma das tragédias das comunidades cristãs evangélicas no mundo atual é que, contrariando as possibilidades abertas à missão integral em benefício dos povos, elas se convertem em um arquipélago de pequenos feudos de interesses domésticos, de dimensões sectárias e esperanças inalcançáveis. A proclamação do evangelho e o serviço de amor devem convocar à unidade, porém não a uma unidade institucional, mas a uma unidade que se expresse em formas novas de cooperação, uma unidade *essencial*.<sup>261</sup>

Tendo isso em vista, a igreja precisa estar ciente da sua necessidade de mudança em relação a alguns aspectos que a impedem de viver plenamente aquilo que Deus sonhou para ela. Dentre eles destacam-se a omissão, a adaptação aos valores seculares e o comodismo ou hedonismo<sup>262</sup>.

### 3.3.1 Omissão

Ao deparar com os noticiários do dia a dia, fica claro que o mundo necessita de grandes mudanças. Todos os dias milhares de notícias estão nas manchetes: fome, tragédias, terrorismo, conflitos de diversos tipos e por diversas razões, escravidão, crianças sendo abusadas, etc. Richard Stearns comenta que esses problemas, por parecerem grandes e difíceis demais para a maior parte dos cristãos e inclusive para ele mesmo, fazem com que seja muito mais fácil simplesmente se omitir e se afastar ao invés de fazer algo para tentar mudar o mínimo que seja. É realmente mais cômodo permanecer na zona de conforto, participando dos cultos aos domingos e deixando a violência, a fome, a falta de justiça e todos os outros problemas do lado de fora. Quanto a isso, Stearns faz o seguinte questionamento: “Mas espere: como cristãos, será que realmente temos a opção de nos

<sup>260</sup> ZWETSCH, Roberto E. **Missão com com-paixão**: Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008, p. 88.

<sup>261</sup> PADILLA; COUTO, 2011, p. 153.

<sup>262</sup> Hedonismo consiste em uma doutrina moral em que a busca pelo prazer é o único propósito da vida. A palavra hedonismo vem do grego *hedonikos*, que significa "prazeroso", já que *hedon* significa prazer. In.: **SIGNIFICADO de hedonismo**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/hedonismo/>>. Acessado em: 23 set. 2018.

afastar dos problemas do mundo? Será que Deus permite isso?”.<sup>263</sup> Nas palavras de Josemar Modes, é possível encontrar uma resposta, na qual ele afirma que

... a igreja não é meramente a soma de indivíduos que se vinculam uns com os outros baseados em interesses religiosos mútuos, mas é a comunidade testemunha dos propósitos de Deus e de Jesus Cristo, ou seja, é o agente (a mão e o pé de Jesus, em termos mais simples) que, por meio dos dons e ministérios, que são a capacitação e a forma como a igreja realiza a sua missão, age no mundo à sua volta. Menosprezá-los é diminuir o potencial da igreja. Toda a estrutura eclesial deve ser norteadada por dons que levam a ministérios e que são a encarnação de Cristo no mundo.<sup>264</sup>

Quando Jesus afirma que o segundo maior mandamento é amar ao próximo como a nós mesmos, o questionamento que se segue é “Quem é o meu próximo?”. O mesmo questionamento também foi feito por um “superintendente da lei” a Jesus, pois queria entender qual era sua responsabilidade a respeito da ordem de amar ao próximo. A resposta dada por Jesus vem ilustrada com a parábola do bom samaritano. Na parábola, um homem é violentamente espancado por assaltantes e deixado estirado à beira da estrada. O que se segue é que passa um sacerdote, e em seguida um levita (dois líderes religiosos da época), e, ao verem o homem caído, simplesmente se distanciam dele, atravessando a rua e seguindo seus caminhos. Logo após, passa um samaritano (o qual é rejeitado pelos judeus por questões religiosas e raciais) e, ao ver o homem caído, não hesita em imediatamente prestar-lhe ajuda.<sup>265</sup>

Com base na parábola contada por Jesus, é possível perceber que o próximo ao homem caído na beira da estrada nessa história foi o samaritano. Todos tiveram a oportunidade de ajudá-lo, porém dois deles escolheram se omitir.

Devido à realidade fundamental do pecado, nossas relações sociais são conflitivas e geralmente egoístas. A maioria de nós desconhece, tenta ignorar ou então suprime todo o conhecimento dessa “outra” realidade. Em tudo isso, não só cometemos uma grande injustiça, mas também perdemos a oportunidade de atingir um setor majoritário da população com a mensagem integral – evangelística e libertadora – de Jesus Cristo.<sup>266</sup>

É importante e necessário entender que a vida em abundância que Jesus dá não significa uma vida de riquezas materiais, mas uma vida onde se sabe que o verdadeiro bem e sustento vem de Jesus, o “pão da vida”, porém como é possível falar dessa vida em

---

<sup>263</sup> STEARNS, 2010, p. 22.

<sup>264</sup> MODES, 2017, p. 130.

<sup>265</sup> STEARNS, 2010, p. 128.

<sup>266</sup> COOK, Guillermo. **As Comunidades eclesiais de base e a missão Integral**. In.: STEUERNAGEL. **A missão da Igreja: Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja na antevéspera do terceiro milênio**. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994, p. 337.

abundância onde não existe justiça e onde nem o mínimo necessário para uma vida digna é encontrado? Como falar sobre amor onde se falta o pão?<sup>267</sup>

Se somos discípulos de Cristo, estamos convocados a participar de sua missão: compartilhar com os demais tanto o pão que sacia a fome espiritual como o pão que sacia a fome física. A missão de Deus, da qual se deriva a nossa quando ela é autêntica, é sempre uma missão integral.<sup>268</sup>

Segundo Bob Pierce, citado por Stearns, não se deve deixar de fazer o bem a alguém por não poder ajudar em tudo o que ela precisa. A questão não é abraçar o mundo e resolver todos os problemas, mas ajudar com o que se pode, um de cada vez.<sup>269</sup> Nas palavras do autor, “creio que realmente podemos mudar o mundo, mas só podemos mudar uma pessoa de cada vez”.<sup>270</sup>

### 3.3.2 Adaptação aos valores seculares

Um perigo é a igreja se moldar à sociedade, sendo muitas vezes até confundida com ela. A igreja é chamada para fazer a diferença, e precisa se posicionar em meio à sociedade, contrariando tudo aquilo que não condiz com as Escrituras, apontando as injustiças e abusos que encontra no meio em que vive. Por isso é de suma importância que a igreja tenha consciência da comunidade em que está inserida, para poder exercer seu ministério com excelência e eficácia por meio de confrontação, sendo que essa confrontação não significa violência. “A confrontação é um encontro no qual um olha no olho do outro, de forma direta, procurando uma solução final. Já a violência assume proporções bem diferentes, pois nela usa-se a força e não o diálogo para ganhar a disputa.”<sup>271</sup>

Segundo Uppsala, citado por Stott:

O diálogo de um cristão com outra pessoa não significa negação da supremacia de Cristo; significa que uma abordagem genuinamente cristã deve ser humana, pessoal, relevante e humilde. No diálogo, compartilhamos nossa humanidade comum, sua dignidade e decadência, e expressamos nosso interesse comum por essa humanidade.<sup>272</sup>

É possível encontrar muitos vestígios da revelação geral de Deus na natureza, porém isso não é suficiente para a salvação, e não existem caminhos alternativos não cristãos que, igualmente à fé cristã, conduzirão até Cristo. Ainda que pessoas de outras crenças deem abertura para o “diálogo”, John Stott acrescenta que é necessário que a

<sup>267</sup> PADILLA, 2009, p. 125.

<sup>268</sup> PADILLA, 2009, p. 126-127.

<sup>269</sup> *Apud*, STEARNS, 2010, p. 182.

<sup>270</sup> STEARNS, 2010, p. 194.

<sup>271</sup> MODES, 2017, p. 147-148.

<sup>272</sup> STOTT, 2010, p. 87.

confrontação seja feita e os enganos da religião não cristã sejam expostos à luz da verdade e apresentação da “perfeição e totalidade do Senhor Jesus Cristo”.<sup>273</sup>

De acordo com Stott, existem duas formas de se desfazer da responsabilidade cristã para com o Reino de Deus e sua missão. A primeira delas é quando a igreja se esquia do mundo, fazendo do evangelho algo religioso, que não tem nenhuma conexão com o mundo, algo distante, que despreza o mundo e se coloca acima dele, por suas “vitórias eternas muito fáceis de alcançar”. A segunda é a secularização, quando, mesmo sem ser incrédula, a igreja se esquece de que Deus é o Senhor da terra e trabalha de forma como se ela mesma estivesse no controle, tentando, por conta própria edificar seu reino. O autor complementa que “em ambos os casos, no entanto, o que impera é a falta de fé no reino de Deus: nem o que tenta encontrá-lo fora do mundo, nem o que pensa ter de construí-lo como um reino desse mundo creem no reino”.<sup>274</sup>

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês.

Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Romanos 12.1-

2)<sup>275</sup>

### 3.3.3 Comodismo ou hedonismo

É importante ter em mente o que Paulo orienta na sua epístola aos tessalonicenses. Suas palavras são muito claras: “Quanto a vocês, irmãos, nunca se cansem de fazer o bem” (1 Tessalonicenses 3.13).<sup>276</sup>

Quanto dano temos causado à missão de Deus, ao restringir a missão aos ministros de tempo integral e missionários remunerados? Tenho a impressão de que o evangelho que deve ser compartilhado pelos nossos lábios seria mais abundante e mais eficaz se fluísse de uma vida que está ressoando com a bênção do evangelho em todos os momentos corriqueiros do viver cristão cotidiano em meio ao mundo.<sup>277</sup>

Em apoio a essa ideia, Stearns complementa quando diz que a eficácia de uma igreja não está totalmente dependente dos pastores e líderes, mas de todo o corpo que a compõe. Não se deve esperar uma atuação milagrosa da liderança, compensando a falta de

<sup>273</sup> STOTT, 2010, p. 84-85.

<sup>274</sup> PADILLA, 2009, p. 69-70.

<sup>275</sup> SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 884.

<sup>276</sup> SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 922.

<sup>277</sup> WRIGHT, 2012, p. 325.

compromisso daqueles que deveriam fazer, mas, ao invés disso, simplesmente sentam nos bancos e recebem.<sup>278</sup>

O problema que encaramos hoje é o de uma perigosa acomodação à sociedade que nos rodeia, a fim de evitar o sofrimento [...] Cada vez que a igreja evita o sofrimento se coloca acima de seu Senhor. Perde sua essência e sua missão. É o sal que perdeu seu sabor.<sup>279</sup>

O trabalho com a diáspora de fato apresenta muitos desafios para a igreja, mas o mais sério, segundo Jairo de Oliveira, é a falta de investimento da mesma, tanto em recursos, como pessoal ou em oração. A desinformação quanto aos problemas e comunidades minoritárias é frequente, e muitas vezes o medo e a apatia relacionada ao povo em diáspora toma conta da igreja.<sup>280</sup>

O não-envolvimento social revela também uma atitude mundana e não eclesial. É a visão do *laissez-faire*<sup>281</sup> característico da sociedade sem Deus que Deixa as coisas como estão para ver como ficam. Com o discurso de tolerância desenvolve-se uma apatia e indiferença crescente. É o contentamento com o mínimo, sem a preocupação de uma ação mais ampla e mais profunda.<sup>282</sup>

Outro fator advém da falta de visão dos líderes em se preocupar menos com o funcionamento da “máquina eclesial”. Muitos dedicam muito tempo e esforço para criar um grande reino para si mesmos e àqueles que os cercam. Sendo assim, seus projetos giram em torno de fazer a igreja toda estar envolvida a servir-se a si.<sup>283</sup>

Perkins, em seu livro *Justiça para todos*, citado por Padilla, chama a atenção da igreja para um valor profético, o chamado da mesma para deixar de lado o comodismo e olhar para o gemido daqueles que sofrem, deixando de somente espiritualizar o evangelho e se colocar à disposição do reino de Deus e da sua justiça. “O evangelho bem entendido é integral, responde ao homem como pessoa em sua totalidade; não escolhe somente um tipo de necessidade, as espirituais ou físicas, para responder unicamente a elas.”<sup>284</sup>

<sup>278</sup> STEARNS, 2010, p. 204.

<sup>279</sup> PADILLA, 2009, p. 111 – 113.

<sup>280</sup> MITCHELL, Ali. **Realidades, desafios e oportunidades no trabalho com diásporas**. In.: OLIVEIRA, Jairo de (org). **Refugiados, peregrinos e forasteiros: A Igreja respondendo ao desafio mundial da migração**. Trad. Jairo de Oliveira. Londrina: Descoberta, 2017, p. 97-98.

<sup>281</sup> Laissez-faire: *Laissez-faire* é uma expressão francesa que significa literalmente “deixar fazer”, e é considerada um **símbolo da economia liberal** defendida pelo capitalismo. De acordo com o liberalismo econômico, o Estado deve “deixar o mercado fazer”, sem interferir no funcionamento deste, se limitando apenas a criar leis que protejam os consumidores e os direitos de propriedades. In.: **SIGNIFICADO de laissez faire**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/laissez-faire/>>. Acessado em: 10 set. 2018.

<sup>282</sup> MODES, 2017, p. 162.

<sup>283</sup> COSTA, 2015, p. 208.

<sup>284</sup> *Apud*, PADILLA, 2009, p. 94-95.

### 3.4 A prática do trabalho com refugiados e o incentivo ao envolvimento das igrejas

Entendendo que a Igreja precisa agir cumprindo sua missão nesse mundo, serão apresentados alguns trabalhos que têm sido feitos com refugiados no Brasil e algumas sugestões para que a Igreja possa se envolver mais nessa causa.

É importante ter em mente que existe um laço que une os cristãos com os refugiados atuais, visto que também são estrangeiros em sua jornada terrestre.<sup>285</sup>

Não devemos nos estabelecer aqui como “habitantes terrenos” que vivem como se este mundo fosse o nosso lar permanente ou como se o aqui e agora fosse tudo o que nos restasse. Você sabe sobre qual atitude estou falando – “precisamos aproveitar tudo o que podemos aqui porque esta é a nossa única chance”. Em vez disso, os crentes em Cristo devem viver aqui como residentes temporários, cuja cidadania e lar real estão no céu.<sup>286</sup>

Não considerando essa terra como lar, os cristãos deveriam estar mais atentos e sensíveis àqueles que se encontram deslocados de suas terras, prestando-lhes apoio, cuidando das suas necessidades e demonstrando o amor de Deus, respondendo biblicamente à crise migratória atual.<sup>287</sup> “Compromisso com Cristo envolve compromisso com o mundo do qual e para o qual ele veio”.<sup>288</sup>

Joziana Ferreira, que é missionária servindo entre refugiados na Turquia e na Grécia, atenta para a necessidade da igreja brasileira abraçar a causa dos refugiados. É hora de agir e não simplesmente ouvir as notícias de braços cruzados.<sup>289</sup> É importante lembrar-se do que se encontra em Tiago 1.22, não se estagnando simplesmente no ouvir a palavra, mas colocando-a em prática.<sup>290</sup>

Richard Stearns faz um destaque sobre o plano de Deus para mudar o mundo:

Ele escolheu você, ele escolheu a mim. Nós somos aqueles que levarão a Boa Notícia aos pobres, que consolarão os de coração quebrantado e defenderão a justiça em um mundo caído. Nós somos a revolução. Nós somos o plano A de Deus... e ele não tem um plano B.<sup>291</sup>

<sup>285</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 26.

<sup>286</sup> *Apud*, OLIVEIRA, 2017, p. 26.

<sup>287</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 26-27.

<sup>288</sup> STOTT, 2010, p. 146.

<sup>289</sup> FERREIRA, Joziana. A diáspora e os refugiados. In.: OLIVEIRA, Jairo de (org.). **Refugiados, peregrinos e forasteiros**: A Igreja respondendo ao desafio mundial da migração. Trad. Jairo de Oliveira. Londrina: Descoberta, 2017, p. 79.

<sup>290</sup> SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 943.

<sup>291</sup> STEARNS, 2010, p. 316.



Segundo Padilla, é claro o anseio por uma mudança social, por um sistema onde as necessidades básicas da maioria das pessoas possam ser sanadas. O cristão principalmente deve sentir compaixão e olhar para essas pessoas com o olhar de Jesus. “Deus ama a justiça e ninguém que tenha nascido de Deus pode permanecer indiferente diante da exploração e da injustiça, da pobreza e da fome que afligem seus semelhantes”.<sup>292</sup>

Ao longo da narrativa bíblica, Deus revela o amor que Ele tem pelo estrangeiro. O Senhor deixa bem claro que Ele se importa, cuida e “guarda o estrangeiro” (Salmo 146.9). Deus ama aquele que é peregrino em terra estranha porque não faz acepção de pessoas e ama todo ser humano sem distinção (Atos 10.34). O senhor criou homem e mulher para a Sua glória e deseja preservar a imagem divina refletida neles (Gênesis 1.26-27). Portanto, Deus se importa com a humanidade e presta atenção especial àqueles que se encontram em situação de risco (Levítico 25.9-10). O Senhor demonstra o Seu amor pelos estrangeiros, também, ao ensinar Seu povo a amar e a cuidar deles (1Reis 8.41-43).<sup>293</sup>

Segundo José Roberto Prado, a situação que o Brasil se encontra hoje em relação ao acolhimento de refugiados, é uma oportunidade que a Igreja tem de obedecer à Palavra: “amem o estrangeiro” (Deuteronômio 10.19). A Igreja brasileira pode ser muito usada por Deus para demonstrar o seu amor àqueles que chegam em busca de refúgio.<sup>294</sup> Sendo assim, a partir dos subpontos seguintes, destacar-se-ão algumas possíveis formas de envolvimento com o trabalho com refugiados.

### 3.4.1 Missões Nacionais

Criada em 1907, Missões nacionais é ligada à Convenção Batista Brasileira. Sociedade civil de caráter religioso sem fins lucrativos, trabalha com diversos projetos que trazem dignidade e restauram milhares de vidas, através de atividades evangelísticas e humanitárias. A priorização do ser humano, a responsabilidade social e ecológica, a ética, transparência e integridade são alguns dos valores nos quais todo o trabalho desta instituição está firmado.<sup>295</sup> Assim sendo, um dos projetos que visa a essa priorização do ser humano, é a “Missão Brasil Venezuela”.

A Venezuela vem enfrentado graves problemas econômicos e sociais desde 2016, o que tem afetado a vida de milhares de pessoas no país. Por esses motivos, muitos têm buscado refúgio em outros lugares, e o Brasil tem sido um dos principais destinos. Por fazer

<sup>292</sup>PADILLA, 2009, p. 76.

<sup>293</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 18.

<sup>294</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 55-57.

<sup>295</sup> **QUEM somos:** Bem-vindo ao site da Junta de Missões Nacionais. Disponível em: <<https://www.missoesnacionais.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 11 set. 2018.

divisa com o país, a população de Boa Vista, capital do estado de Roraima, tem aumentado espantosamente.<sup>296</sup>

A Missão Brasil Venezuela auxilia os venezuelanos oferecendo atendimento médico, odontológico, aulas de português, além de outras especialidades. A missão também oferece um espaço para cultos onde o amor de Jesus pode ser apresentado e discipulados são feitos.<sup>297</sup>

É possível se envolver nessa missão de diversas formas, e uma delas é se comprometendo em oração. Grudem atenta para o fato de que a igreja não crê no poder da oração, pois,

se estivéssemos realmente convencidos de que a oração muda o modo como Deus age, e de que Deus de fato causa notáveis mudanças no mundo em resposta à oração como as Escrituras repetidamente nos ensinam, então oraríamos muito mais do que o fazemos hoje. Se oramos pouco, é provavelmente porque não cremos realmente que a oração consegue de fato muita coisa.<sup>298</sup>

Outra forma de fazer parte desse projeto é participando e se voluntariando para estar junto com os venezuelanos, auxiliando no que for necessário ou em datas específicas em que eventos acontecem. Como nem sempre ir é uma possibilidade viável para todos, também é possível contribuir financeiramente, para que a missão continue acontecendo através daqueles que podem estar lá.

Por fim, a missão também incentiva a igreja a acolher os refugiados. Através do cadastro feito previamente no site de Missões Nacionais, a igreja se compromete a receber e acolher famílias venezuelanas e fazer parte dessa missão.<sup>299</sup>

### 3.4.2 Missão em apoio à Igreja Sofredora

Movida pelo desejo reagir à tragédia que deixou mais de 1 milhão de desabrigados e 250 mil mortos, em janeiro de 2010, no Haiti, surgiu a Missão em Apoio à Igreja Sofredora. O trabalho da MAIS acontece com base no apoio e treinamento da igreja local, para que a mesma possa fazer a diferença e agir em meio à sociedade que está inserida.<sup>300</sup>

<sup>296</sup> **MISSÃO Brasil Venezuela.** Disponível em: <<https://www.missoesnacionais.org.br/missao-brasil-venezuela>>. Acesso em: 11 set. 2018.

<sup>297</sup> **MISSÃO Brasil Venezuela.** Disponível em: <<https://www.missoesnacionais.org.br/missao-brasil-venezuela>>. Acesso em: 11 set. 2018.

<sup>298</sup> GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática:** Atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 306.

<sup>299</sup> **CADASTRO – Igreja Acolhedora.** Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdIWvGH6dq6E85uFKZITU0fMzN5zAZgmbb21uua1nqpS7bl1A/viewform>>. Acesso em 11 set. 2018.

<sup>300</sup> **QUEM somos.** Disponível em: <<https://maisnomundo.org/quem-somos/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

Com a busca crescente de refúgio por cristãos perseguidos, iniciou-se então o programa de refugiados da MAIS, em 2013. Desde lá, já teve a oportunidade de acolher mais de 200 pessoas que saíram de seus países por questões de risco relacionadas a sua fé ou a guerras.<sup>301</sup>

A parte mais importante do programa com refugiados consiste nas parcerias feitas com as igrejas locais, pois são através delas que os irmãos refugiados vão caminhar. “Assim, oferecem apoio emocional e espiritual e respondem efetivamente nas questões de maior carência de nossos irmãos, como aluguel e emprego.”<sup>302</sup>

As igrejas assumem um compromisso com a MAIS e com as famílias acolhidas de quatro maneiras:

1. Pastoreio integral do refugiado (e família) e de suas necessidades
2. Aluguel de uma casa que atenda as necessidades mínimas do refugiado (e sua família) pelo período mínimo de um ano, até que a reintegração social esteja completa e o refugiado tenha condições de arcar com suas despesas.
3. Emprego (registrado de acordo com a legislação brasileira) para o refugiado (ou chefe da família), junto a empresários da igreja e da cidade em que está vivendo.
4. Curso de português voltado para estrangeiros (formal ou informal, mas sistemático e intencional).<sup>303</sup>

Outra forma de apoiar e contribuir para esse projeto é em sustento financeiro. Um dos desafios da missão é conseguir moradias e acomodações para as famílias de refugiados, e ainda levantar fundos suficientes para manter todas as instalações. Com base nos gastos mensais, a missão disponibiliza um quadro dos valores de cada investimento, viabilizando o melhor entendimento daquele que deseja contribuir.<sup>304</sup>

### 3.4.3 Preparando o caminho

Fundada em 2015, a Preparando o Caminho é uma organização sem fins lucrativos que tem por objetivo equipar os imigrantes e refugiados quanto aos serviços básicos disponíveis na cidade de São Paulo, os quais podem ser tanto oferecidos pelo estado ou por

---

<sup>301</sup> **PROGRAMA Refugiados.** Disponível em: <<https://maisnomundo.org/projetos/refugiados/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

<sup>302</sup> **ACOLHA uma família.** Disponível em: <<https://maisnomundo.org/projetos/refugiados/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

<sup>303</sup> **ACOLHA uma família.** Disponível em: <<https://maisnomundo.org/projetos/refugiados/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

<sup>304</sup> **INVISTA nesse projeto.** Disponível em: <<https://maisnomundo.org/projetos/refugiados/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

outras ONG's. Também buscam informar e equipar a sociedade quanto aos novos imigrantes, para melhor recebê-los e acolhê-los.<sup>305</sup>

A organização trabalha com diversas especializações e formas de envolvimento, sendo elas:

Aulas de Português, Aulas de Informática, Direcionamento para Serviços públicos, Atendimentos em saúde mental, Atividades recreativas para crianças, Ações de integração, Direcionamento para serviços do terceiro setor, Treinamento para sociedade civil, Treinamento para outras ONG's, Assistência Social e Desenvolvimento profissional.<sup>306</sup>

#### 3.4.4 Compassiva

Situada no centro da cidade de São Paulo, a Compassiva é uma organização social que atende crianças, adolescentes e refugiados em situações de fragilidade. A missão da organização é demonstrar a compaixão de Deus para essas pessoas, criando oportunidades que poderão transformar as vidas delas.<sup>307</sup>

Para atender às necessidades básicas dos refugiados – em especial, os sírios – na cidade de São Paulo, foi criado o projeto Levando Ajuda ao Refugiado (LAR). O objetivo é cuidar dessas pessoas que estão lutando para recomeçar uma nova vida em um local totalmente novo e diferente, garantindo um lugar seguro de crescimento e convivência.<sup>308</sup> O projeto trabalha com várias propostas, como:

**Curso de português:** A primeira barreira com a qual os sírios se deparam ao chegar ao Brasil é o idioma, e é a que leva mais tempo para ser superada. Por isso, o LAR oferece cursos de português gratuitos para estes refugiados como resposta à essa necessidade crescente[...]

**Iniciativa jurídica:** Embora o Brasil seja o país que mais recebe refugiados sírios na América Latina (fonte: ACNUR) e tenha desburocratizado a emissão de vistos, o processo de regularização de documentos pode levar meses para ser concluído[...]Em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), conseguimos viabilizar a revalidação de diplomas de refugiados de diferentes nacionalidades. Nossa equipe acompanha o processo desde a aplicação inicial até o reconhecimento oficial eventual da profissão em solo brasileiro. Também atuamos com patrocínio de causas previdenciárias (LOAS) e prestamos orientação jurídica empresarial e trabalhista.

<sup>305</sup> **SOBRE nós.** Disponível em: <<https://www.linkedin.com/company/ong-preparando-o-caminho/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

<sup>306</sup> **MISSÃO.** Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/preparando.caminho.org/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/preparando.caminho.org/about/?ref=page_internal)>. Acesso em: 12 set. 2018.

<sup>307</sup> **QUEM somos.** Disponível em: <<http://compassiva.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

<sup>308</sup> **LAR – Levando Ajuda ao Refugiado.** Disponível em: <<http://compassiva.org.br/lar/>>. Acesso em 12 set. 2018.

**Trabalho:** Uma das principais demandas dos refugiados é a conquista de empregos que proporcionem estabilidade e independência financeira. [...] O LAR auxilia os refugiados a encontrarem empregos que estejam de acordo com suas qualificações, oferecendo assistência com tradução de currículos, cadastro em sistemas de recrutamento online, busca por vagas e interlocução com possíveis empregadores.

**Amparo:** Além da independência financeira e do aprendizado do idioma, o cuidado dedicado aos refugiados sírios abrange também sua inserção e integração na sociedade brasileira, tendo em vista seu bem-estar físico e emocional. Sendo assim, o programa criou uma equipe de “Amparo”, responsável por quatro necessidades básicas: saúde, alimentação, moradia e integração social.

**Atividades:** Aulas de Português [...], Aulas de Português para Mulheres (manhã) [...], Revalidação de diplomas [...], Auxílio jurídico.<sup>309</sup>

Para fazer parte do projeto é muito simples. A associação Compassiva incentiva o voluntariado, para que, cada um possa contribuir um pouco com a construção de um futuro melhor e uma sociedade mais justa na cidade de São Paulo.<sup>310</sup>

### 3.4.5 Exemplo de uma experiência prática

Jairo Oliveira, pastor, missionário e escritor, serve a refugiados sírios que estão sendo reassentados na cidade de Columbia, Carolina do Norte. O trabalho começou em outubro de 2016, quando as famílias sírias chegaram e despertaram, assim, o desejo da igreja local de acolher os mesmos. São cerca de 30 refugiados, sendo os mesmos mulçumanos.<sup>311</sup> Com base no trabalho que tem feito servindo a refugiados junto à igreja e à família, sugere dez formas práticas que podem ser usadas para abençoar e servir povos em diáspora que se aproximam<sup>312</sup>, sendo elas:

**1. Ensinar a língua:** Muitos dos estrangeiros – se não todos – não possuem o português como língua materna, e será extremamente necessário para o novo contexto de vida em que se encontram aprenderem para poderem se comunicar. Ter alguém que se disponha a dar aulas de língua portuguesa será de grande valia.<sup>313</sup>

**2. Ajudar com a tradução:** O aprendizado da língua local não é feito de uma hora para a outra, e os estrangeiros necessitarão de traduções para se comunicar no País. Ajudar

<sup>309</sup> LAR – Levando Ajuda ao Refugiado. Disponível em: <<http://compassiva.org.br/lar/>>. Acesso em 12 set. 2018..

<sup>310</sup> SEJA um voluntário. Disponível em: <<http://compassiva.org.br/participe/>>. Acesso em 12 set. 2018

<sup>311</sup> OLIVEIRA, Jairo. Alcançando refugiados sírios. In.: OLIVEIRA, Jairo de (org). **Refugiados, peregrinos e forasteiros:** a igreja respondendo ao desafio mundial da migração. Trad. Jairo de Oliveira. Londrina: Descoberta, 2017, p. 81-84.

<sup>312</sup> OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 90-91.

<sup>313</sup> OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 90.

traduzindo uma consulta médica, uma reunião ou uma simples conversa, é uma forma simples, mas que significará muito para eles.<sup>314</sup>

**3. Explicar aspectos da cultura local:** Os estrangeiros precisam entender um pouco da cultura de onde se encontram. Explicar os costumes da região e questões culturais é algo que abrirá a mente do estrangeiro e pode ser muito proveitoso no seu processo de adaptação.<sup>315</sup>

**4. Ensinar como a vida acontece no novo contexto:** Ajudar com coisas simples do novo contexto em que se encontram pode ajudar o estrangeiro de forma muito significativa. Levá-lo ao mercado para fazer compras, ou a lojas para comprar roupas, são exemplos de como ajudar nesse sentido.<sup>316</sup>

**5. Auxiliar com o transporte:** Para se mover no novo local, o estrangeiro encontrará muitas dificuldades com o transporte e se sentirá totalmente perdido em suas primeiras semanas ou meses. Auxiliá-lo no deslocamento aos locais onde precisa chegar é mais uma maneira muito relevante de ajudá-lo.<sup>317</sup>

**6. Fazer ligações telefônicas:** Provavelmente os estrangeiros precisarão resolver questões burocráticas, marcar alguma consulta médica, ou fazer algum outro tipo de ligação em seus primeiros meses no seu novo país. Por não ter domínio da língua, e estar em fase de adaptação, uma ajuda com ligações telefônicas, que pode parecer algo muito simples, será muito importante para aquele que está chegando.<sup>318</sup>

**7. Cultivar amizade:** Os estrangeiros chegam em um país onde não conhecem ninguém, estão longe da maioria dos seus familiares, e muitas vezes de todos eles. Será muito importante para ele ter um amigo. Ter pessoas que vão estar prontas a ajudar, a caminharem junto, oferecendo amparo e os fazendo se sentir em casa é algo de que eles vão precisar.<sup>319</sup>

**8. Criar uma rede de relacionamentos:** Ainda que os refugiados desejem ter uma rede de relacionamentos, será muito difícil que isso aconteça, sem que alguém os auxilie e

---

<sup>314</sup> OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 90.

<sup>315</sup> OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 90.

<sup>316</sup> OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 90.

<sup>317</sup> OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 90-91.

<sup>318</sup> OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 91.

<sup>319</sup> OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 91.

possa fazer a ponte de contatos com eles. A ajuda ao estrangeiro nessa fase de criar amizades será muito apreciada por eles.<sup>320</sup>

**9. Patrocinar atividades educacionais:** O estrangeiro também precisa estudar, tanto para aprender a língua, como para se capacitar profissionalmente. Muitas vezes eles não possuem recursos para pagarem por esses cursos, e patrociná-los é uma ótima forma de servi-los e fazer a diferença nessa nova etapa de suas vidas.<sup>321</sup>

**10. Apresentar o Evangelho:** É muito importante que o estrangeiro possa ouvir do Evangelho. Muitos deles chegam cheios de dúvidas sobre a fé ou até mesmo com interesse sobre a Bíblia. Ter alguém que esteja disposto a os acompanharem e compartilhar sobre o amor de Jesus é muito importante e essencial.<sup>322</sup>

“O campo de trabalho com os povos em diáspora é imenso e requer uma ação conjunta. Como igreja podemos ser instrumentos da resposta que Deus está dando a um mundo em sofrimento”.<sup>323</sup> Conforme o que foi apresentado anteriormente, percebe-se que há muitas iniciativas das quais a igreja já vem sendo resposta em meio à crise migratória. É necessário, contudo, que essas ações se multipliquem e intensifiquem em virtude da grande necessidade encontrada, de que pessoas em busca de socorro têm chegado ao Brasil procurando refúgio. A Igreja, portanto, pode se envolver de diversas formas práticas no trabalho com refugiados, fazendo a diferença que é chamada para fazer nesse mundo.

---

<sup>320</sup>OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 91.

<sup>321</sup>OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 91.

<sup>322</sup>OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 91.

<sup>323</sup>OLIVEIRA. In.: OLIVEIRA, 2017, p. 91-92.

## CONCLUSÃO

Aquilo que é feito hoje sinalizará o ser de amanhã. A insensibilidade ao sofrimento do próximo é algo que precisa ser tirado da realidade do cristão. Como apresentado no decorrer desta pesquisa, deve-se lembrar que a história dos cristãos advém de “uma tradição espiritual de um povo que foi perseguido, rejeitado e escravizado, anunciando as Boas Novas de cidade em cidade.”<sup>324</sup>

Como visto no primeiro capítulo, a história do povo de Deus teve início com o patriarca Abraão, que através da sua obediência fez a diferença, confiando em Deus e na sua promessa, dando início a uma grande nação. Pôde-se observar que a história do povo de Israel mudou de situação quando, em período de grande fome na terra, pôde recorrer ao Egito, onde José, em sua infinita bondade, mesmo após ter sido vendido pelos próprios irmãos, lhes perdoa e os traz juntamente com seu pai e todos os seus familiares para morar nas terras do Egito, demonstrando sua compaixão e sendo canal de bênção e salvação para toda sua família. Outra mudança ocorre quando o novo rei, o qual não tinha conhecimento de tudo o que José tinha feito pelo Egito, assume o poder e passa a olhar o povo de Israel como uma ameaça, tornando-os escravos. Conclui-se, nessa primeira parte, o primeiro momento em que o povo de Israel se encontra em situação de *refugiado*, sendo que por muitos anos encontrou abrigo e paz nessa terra, porém passa, em certo momento, a sofrer em seu país de refúgio.

Anos depois, Moisés, como instrumento usado por Deus, guiou o povo do Senhor na partida do Egito, onde eram oprimidos e escravizados pelo fato de serem estrangeiros. Uma longa jornada foi vivida pelo povo no deserto, experimentando o cuidado e providência do Senhor em meio às dificuldades dessa peregrinação rumo à terra prometida. Após a conquista e adaptação do povo na terra, notou-se que muitos juízes e reis puderam reinar e contribuir para o crescimento do povo no decorrer dos anos. Os reino de Judá e Israel se dividiram, sendo o reino do norte conquistado pela Assíria, e algum tempo depois o reino do sul é dominado e levado cativo para a Babilônia.

Pôde-se observar também que, durante o período em que o povo passou disperso, eles frequentemente sentiam a dificuldade de estar longe de casa, ansiando que seu retorno pudesse acontecer de alguma forma. “Junto aos rios da Babilônia nós nos sentamos e

---

<sup>324</sup>OLIVEIRA, 2017, p. 7.



choramos com saudade de Sião.” (Salmos 137.1)<sup>325</sup>. Dada a volta do povo a Jerusalém, é visível então, como destacado na pesquisa, que para muitos deles não era exatamente uma volta, mas sim uma ida para a terra dos seus antecedentes, a qual representava para eles uma nova perspectiva de vida, uma nova chance de recomeçar.

Dessa forma, ao analisar a história do povo de Deus, conclui-se que em mais de uma ocasião Israel se encontrou na situação de povo em terra estrangeira e tendo essa situação muito clara e vívida, a Bíblia deixa muitos ensinamentos sobre como deveria ser o tratamento daqueles que eram estrangeiros no meio do povo de Israel, tendo em mente que eles mesmos já tinham passado por essa situação, por isso, deveriam sentir empatia por aqueles que se encontravam assim em seu meio. “Amem os estrangeiros, pois vocês mesmos foram estrangeiros no Egito.” (Deuteronômio 10.17-19)<sup>326</sup>

Além disso, observou-se exemplos de como o próprio Senhor Jesus – que também foi estrangeiro e filho de migrantes – agiu em meio a esse povo, diversas vezes desfavorecido por muitos. Através de parábolas e exemplos práticos, Jesus ensina a amá-los. O final do capítulo conclui e friza a lembrança de que o cristão deve ter: ele mesmo também é um estrangeiro nessa terra.

Tendo isso em mente, o segundo capítulo, com o objetivo de entender um pouco mais sobre a crise migratória atual, mostrou no seu desenvolver a realidade dos povos em terra estrangeira hoje e como a crise chegou ao estado que se encontra agora. Abordou, assim, as ocorrências históricas de grandes migrações de refugiados que ocasionaram a movimentação de milhares de pessoas durante os séculos XX e XXI.

Ao analisar os efeitos da Segunda Guerra Mundial, notou-se que as migrações forçadas passaram a se tornar uma preocupação, desencadeando a necessidade de que alguma providência quanto a essa crise, que até então era tida como temporária, fosse tomada. Sendo assim, após a criação de algumas organizações em prol de solucionar a questão dos refugiados e estabelecer leis quanto aos direitos e deveres daqueles que se encontravam em terra estrangeira, notou-se que o problema não era apenas temporário, e, após algumas outras tentativas, foi criado por fim o órgão que até hoje é responsável por dar assistência ao refugiado: a ACNUR (Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados), agência da ONU (Organização das Nações Unidas) para refugiados.

---

<sup>325</sup>SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 482.

<sup>326</sup>SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2000, p. 143.

Observaram-se também os principais ascendentes para a questão dos refugiados no cenário atual, sendo assustados os números maiores de pessoas procurando refúgio. Os conflitos armados que, após a Guerra fria, pensava-se que se findariam, pelo contrário, só aumentaram, tendo destaque a guerra na Síria, que já completou 7 anos, e que, como visto, alcançou recordes de pessoas que são obrigadas a deixarem suas casas em busca de refúgio em outros países. Os fatores ambientais são outro grande motivo para deslocamentos, não advindo esses apenas de desastres naturais, mas também por consequência dos próprios atos humanos.

Com isso, a pesquisa concentrou-se no cenário brasileiro, no qual pôde-se notar um crescente envolvimento com a causa dos refugiados no decorrer dos anos. Por ter uma lei considerada “inovadora e avançada”, o Brasil se destacou como destino de milhares de pessoas. A ACNUR, juntamente com diversas instâncias do Governo Federal, e em parceria com diferentes organizações – governamentais ou não – tem trabalhado em prol dos refugiados brasileiros, prestando a assistência devida aos mesmos.

Notou-se também que, ainda que o Brasil seja considerado um país acolhedor, uma das maiores dificuldades que o refugiado encontra é em relação à integração à sociedade brasileira. Além disso, destacou-se também a discriminação e desvalorização destes no mercado de trabalho, concluindo que o cenário brasileiro mostra que ainda é preciso que muito seja feito para que essas pessoas possam estar realmente integradas à nova vida na sociedade brasileira, sendo esse, um grande desafio.

A pesquisa responde qual o papel que a Igreja tem em relação aos refugiados, a partir daquilo que ela foi chamada para ser e fazer. Destacando-se que Deus é o Senhor da missão, e essa corrobora para o seu grande propósito em prol de sua criação, o papel da Igreja, ou seja, sua missão é ser um agente de Deus na terra. O grande foco não está somente no que a Igreja diz e prega em seus cultos, mas no que ela vive e faz no meio em que se encontra.

Ao entender que precisa ser sal e luz na terra, essa pesquisa mostra que a Igreja passará a sair das quatro paredes, envolvendo-se com aqueles que clamam por socorro do lado de fora, em especial e evidência nesse trabalho, os refugiados. Destacou-se, também, a importância da visão holística do ser humano, entendendo que a salvação da alma é o grande objetivo do Evangelho, mas que esse mesmo Evangelho deve se preocupar com a

totalidade da pessoa, buscando sanar, no que lhe for possível, todas as suas necessidades, não somente as espirituais.

Em meio à crise atual e aos grandes problemas encontrados diariamente, omitir-se é um dos grandes perigos vistos na Igreja. Como observado na pesquisa, é muito fácil deixar de agir por não poder resolver todos os problemas, e assim, por não poder fazer muito, acabar não fazendo nada. Ainda se observou que outro perigo que a Igreja tem enfrentado é o amoldamento à sociedade, calando-se e simplesmente não confrontando o mundo que a cerca, acarretando outra dificuldade a ser sanada: o comodismo, pelo qual a Igreja, focando a preocupação e todo o esforço somente em si mesma, ignora o que pode ser feito fora das quatro paredes.

Quando a Igreja entende o seu verdadeiro papel de amar as pessoas em sua totalidade e busca vencer os problemas que a afastam desse propósito, ela passa a agir e cumprir sua missão. Felizmente, pode-se notar que já existe um envolvimento da parte da Igreja com a causa dos refugiados, ainda que pequeno, se comparado com a dimensão e necessidade do problema. Através de alguns projetos e experiências práticas, esse trabalho serve de incentivo para a Igreja conhecer mais a fundo e aumentar o seu envolvimento com a causa, acolhendo o estrangeiro e demonstrando o amor de Jesus através de cada simples ato.

Considerando o trabalho apresentado, fica evidente que a crise migratória é um problema que vem crescendo e não pode passar despercebido pela Igreja. Com isso, a presente pesquisa alcançou seu objetivo, entendendo que a Igreja pode ser relevante se envolvendo e vendo o refugiado como ser humano de forma holística. Mostrar Jesus através do amor, preocupando-se com suas necessidades, com sua saúde, sua integração no país, sustento e aprendizado com a língua são algumas das formas de fazer com que a Graça de Deus, transbordada nas vidas daqueles que pertencem a Cristo, seja também vista e sentida por eles. Tendo em mente que, como povo de Deus, já esteve em situação de refúgio e peregrinação em terra estrangeira, esse sentimento deve gerar empatia com aqueles que hoje se encontram nesse estado. É importante lembrar que ninguém pode dar aquilo que não recebeu; logo, tendo recebido muito através da graça e cuidado do Senhor, a Igreja também pode dar muito através da mesma. Como consequência de relacionamento e envolvimento, entende-se que oportunidades para falar mais clara e diretamente, do amor de Cristo demonstrado na cruz, serão encontradas no decorrer da caminhada.

Este trabalho, porém, não é final, mas abre portas para outras pesquisas futuras relacionadas ao tema *refugiado*. Da mesma forma, esse tema precisa ser mais abordado e conhecido no meio eclesial, de modo que a Igreja possa progressivamente influenciar e fazer a diferença em seu meio.

## REFERÊNCIAS

ACNUR. **A Situação dos refugiados no mundo: cinquenta anos de acção humanitária.** Trad. Isabel Galvão, Almada, Portugal: Artes Gráficas, 2000. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/sowr2000/cap01.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Apátridas.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/apatridas/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Conare.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/conare/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Convenção de 1951.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Dados sobre o refugio no mundo.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-mundo/>>. Acesso em: 17 jun. 2018

\_\_\_\_\_. **Dados sobre o refúgio.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Dados sobre refúgio no Brasil.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Globo e ACNUR lançam vídeo para campanha no Dia Mundial do Refugiado.** Online, 20 jun. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/globo-e-acnur-lancam-video-para-campanha-dia-mundial-refugiado/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/historico/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo, 2016.** Disponível em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo\\_R\\_refugiados\\_no\\_Brasil\\_e\\_no\\_Mundo\\_2016.pdf](http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo_R_refugiados_no_Brasil_e_no_Mundo_2016.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2018.

**ACOLHA uma família.** Disponível em: <<https://maisnomundo.org/projetos/refugiados/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

ANDRADE, José H. Fischel de. O Brasil e a organização internacional para os refugiados (1946-1952). **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 48, n.1, jan/jun 2005.

BEEK, M. A. **História de Israel.** Trad. Jorge E. M. Fortes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

BOSH, David J. **Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão.** 2. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=pPJvNxFZzQC&oi=fnd&pg=PA17&dq=miss%C3%A3o%20da%20igreja%20&ots=bGckCfCBpo&sig=Cfg0oHt8w2KDLsX210BlRReXe2U#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 11 set. 2018.

BRIGHT, J. **História de Israel.** Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1978.

BUENO, Claudia da Silva. **“Refugiados ambientais”**: em busca de amparo jurídico efetivo. Disponível em: <[http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/claudia\\_bueno.pdf](http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/claudia_bueno.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2018.

**CADASTRO – Igreja Acolhedora**. Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdlWvGH6dq6E85uFKZITU0fMzN5zAZgmbb21uua1nqpS7bl1A/viewform>>. Acesso em: 11 set. 2018.

CARNEIRO, José Roberto Jr. **Refugiados ambientais: caso Tuvalu**. Brasília: Centro Universitário de Brasília – Trabalho de Conclusão de Curso, 2007.

CAVALCANTI, Aline. **Refugiados ambientais continuam sem reconhecimento da ONU**. PUC – São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://agemt.org/?p=1433>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

CHARLEAUX, João Paulo. Por que o número de refugiados no mundo não para de crescer. **Nexo**, 19 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/19/Por-que-o-n%C3%BAmero-de-refugiados-no-mundo-n%C3%A3o-para-de-crescer>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

CONARE. **Refúgio em números**. 2017, 3.ed. Disponível em : <[http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados- apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros\\_1104.pdf/view](http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados- apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros_1104.pdf/view)> . Acesso em: 02 out. 2018.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **A natureza e missão da Igreja**: um passo rumo a uma declaração conjunta. Trad. Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2009.

COSTA, Antônio Carlos. **Convulsão protestante**: quando a teologia foge do templo e abraça a rua. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

FÄRBER, Sonia Sirtoli. Paroikos: Genética e evolução do conceito de migrante. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**, São Leopoldo, v.2, 2014.

FONTANA, Eduarda; ZIMNOCH, Larissa; LORENTZ, Luísa Acauan. A crise migratória no século XXI: Anomalia ou consequência política internacional? **Relações Internacionais para Educadores (RIPE)**. UFRGS, v.4, 2017. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/ripe/wp-content/uploads/2017/05/Migra%C3%A7%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

FUMAGALLI, Anna. Ler a Bíblia no contexto migratório. **Ciberteologia**: Revista de teologia e cultura, São Paulo, ano VIII, ed. 37, jan/fev/mar/ 2012.

G1. **Entenda a situação de países de onde saem milhares de imigrantes à Europa**. São Paulo, 04. Nov. 2015. Disponível em: <[http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/entenda-situacao-de-paises-de-onde-saem-milhares-de-imigrantes-europa.html?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=share-bar-desktop&utm\\_campaign=share-bar](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/entenda-situacao-de-paises-de-onde-saem-milhares-de-imigrantes-europa.html?utm_source=twitter&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=share-bar)>. Acesso em: 17 jun. 2018.

G1. **Síria tem recorde de mais de 220 mil deslocados em 2018, diz ONU**. 11 jun. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/siria-tem-recorde-de-mais-de-920-mil-deslocados-em-2018-diz-onu.ghtml>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

GONÇALVES, Francolino J. **Exílio babilônico de Israel**: realidade histórica e propaganda. Cadmo: actas do colóquio internacional: sociedade, religião e literatura no próximo Oriente Antigo. n. 10, 2000.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**: Atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.

- GRUEN, W. **O tempo que se chama hoje**: uma introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1982.
- GUSSO, Renato Antônio. **Panorama Histórico de Israel**: para estudantes da Bíblia. Curitiba: A. D. SANTOS, 2006.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Trad. Marcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- INVISTA nesse projeto**. Disponível em: <<https://maisnomundo.org/projetos/refugiados/>>. Acesso em: 11 set. 2018.
- JMM. **Dia mundial do refugiado**. Youtube, 20 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rZLcyGvUEFI&feature=youtu.be>>. Acesso em: 19 jun. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Manual do refugiado**. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/wp-content/uploads/2016/02/Manual-Refugiado-Web1.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.
- JONES, Landon Booth. O Deus que declara o que é bom. **Revista Teológica**, [S.l.], n. 11, nov. 2016. Disponível em: <<http://www.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/147>>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- KRAMER, Pedro. Estrangeiro, órfão e viúva na legislação deuteronomica. Programa de uma sociedade igualitária, de solidariedade e de partilha. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, ano XVII, n. 35, jul/dez, 2010.
- LACERDA, Jan Marcel de A. F.; SILVA, Amanda Arruda de S. e; NUNES, Rayanne Vieira G. O Caso dos refugiados sírios no Brasil e a política internacional contemporânea. **Revista de Estudos Internacionais**, João Pessoa, v.6, n.2, 2015.
- LAR – Levando Ajuda ao Refugiado**. Disponível em: <<http://compassiva.org.br/lar/>>. Acesso em 12 set. 2018.
- LASHLEY, Conrad. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitabilidade**. São Paulo, XII, n. especial, mai. 2015.
- MANICARDI, Luciano. Jesus de Nazaré e os estrangeiros. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, ano XXIV, n. 46, jan./abr. 2016.
- MARIANO, Lília Dias. A lei e os “fora-da-lei”. Os encontros e desencontros entre lei e migrantes no Antigo Israel. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, n.63, mar. 2009.
- MERRILL, Eugene. **História de Israel no Antigo Testamento**. Tradução: Romell S. Carneiro. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2001.
- MISSÃO Brasil Venezuela**. Disponível em: <<https://www.missoesnacionais.org.br/missao-brasil-venezuela>>. Acesso em: 11 set. 2018.
- MISSÃO**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/preparando.caminho.org/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/preparando.caminho.org/about/?ref=page_internal)>. Acesso em: 12 set. 2018.
- MODES, Josemar Valdir. **Um povo transformador**: Atos capítulo dois e a teologia da missão integral. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2017.

MOREIRA, Julia Bertino. A problemática dos refugiados no mundo: evolução do pós-guerra aos dias de hoje. **Anais do XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. VII ALAP, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1489/1454>>. Acesso em: 03 out. 2018.

MOREIRA, Julia Bertino. **A questão dos refugiados no contexto internacional**: (de 1943 aos dias atuais). Universidade Estadual de Campinas – Dissertação de Mestrado, 2006.

MOREIRA, Julia Bertino. **A questão dos refugiados nos contextos latino-americano e brasileiro**. São Paulo: V Simpósio dos pós-graduandos em ciência política da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.geocities.ws/politicausp/relacoesinternacionais/soc\\_global/Moreira.pdf](http://www.geocities.ws/politicausp/relacoesinternacionais/soc_global/Moreira.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2018.

MOREIRA, Julia Bertino. **Políticas para refugiados nos contextos internacional e brasileiro do pós-guerra aos dias atuais**. Disponível em: <[www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/.../1667](http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/.../1667)>. Acesso em: 02 out. 2018.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização?** O risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Ultimato, 2015.

OLIVEIRA, Jairo de (org). **Refugiados, peregrinos e forasteiros**: a igreja respondendo ao desafio mundial da migração. Trad. Jairo de Oliveira. Londrina: Descoberta, 2017.

ONUBR. **Acordos climáticos ajudarão a conter crise migratória, dizem especialistas em evento da ONU**. 12 mar. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acordos-climaticos-ajudarao-a-conter-crise-migratoria-dizem-especialistas-em-evento-da-onu/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **EX-secretários-gerais das Nações Unidas**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/o-secretario-geral/anteriores/>>. Acesso em 06 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Mudanças climáticas devem intensificar deslocamentos forçados, dizem especialistas**. 22 jun. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/mudancas-climaticas-devem-intensificar-deslocamentos-forcados-dizem-especialistas/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **UNESCO adverte para risco de aumento os refugiados devido à desertificação**. 16 jun. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unesco-adverte-para-risco-de-aumento-dos-refugiados-ambientais-devido-a-desertificacao/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

PADILLA, C. René. **O que é missão integral?** Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009.

PADILLA, C. René; COUTO, Péricles. **Igreja**: Agente de transformação. Trad. Albana Neves e Dilmir Devantier. Curitiba: Missão Aliança, 2011.

PAIVA, Odair da Cruz. **Migrações internacionais pós segunda guerra mundial**: A influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. 08 a 12 set. 2008. Disponível em: <<https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Odair%20da%20Cruz%20paiva.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2018

PENTINAT, Susana Borràs. Refugiados ambientales: el nuevo desafio del derecho internacional del medio ambiente. **Revista de Derecho**, XIX, n.2, dez. 2006, p. 87. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/revider/v19n2/art04.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2018.



- PROGRAMA Refugiados.** Disponível em: <<https://maisnomundo.org/projetos/refugiados/>>. Acesso em: 11 set. 2018.
- QUEM somos.** Disponível em: <<http://compassiva.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 12 set. 2018.
- QUEM somos.** Disponível em: <<https://maisnomundo.org/quem-somos/>>. Acesso em: 11 set. 2018.
- QUEM somos:** Bem-vindo ao site da Junta de Missões Nacionais. Disponível em: <<https://www.missoesnacionais.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 11 set. 2018.
- CARROLL, M. Daniel. **Christians at the Border, Immigration, the Church, and the Bible.** 2. ed, Grand Rapids: Brazos Press, 2013.
- RAMOS, André de Carvalho; RODRIGUES, Gilberto; ALMEIDA, Guilherme Assis de, (orgs.). **60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro.** São Paulo: Editora CL-A Cultural, 2011.
- RAMOS, Érika Pires. **Refugiados Ambientais:** em busca de reconhecimento pelo direito internacional. Universidade de São Paulo – Tese de doutorado, 2011.
- SANTOS, Barbara Cris. **A situação dos refugiados ambientais:** sob o olhar da tutela jurídica brasileira. Nov. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/44530/a-situacao-dos-refugiados-ambientais-sob-o-olhar-da-tutela-juridica-brasileira>>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- SCHAMALZ, Mathew. **What the Bible says about welcoming refugees.** 29 Jan. 2017. Disponível em: <<https://theconversation.com/what-the-bible-says-about-welcoming-refugees-72050>>. Acesso em: 16 mai. 2018.
- SCHULTZ, Samuel J. **A História de Israel:** no Antigo Testamento. Trad. João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995
- SCHWINN, Simone Andrea; FREITAS, Priscila de. **Desafios para acesso ao trabalho de migrantes e refugiados no Brasil. Seminário Internacional:** demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em: <<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/16040>>. Acesso em: 03 out. 2018.
- SEEKING refuge: God's heart for refugees. **Jesus on the margins.** Disponível em: <<https://www.bible.com/pt/reading-plans/2880-seeking-refuge-gods-heart-for-refugees/day/4>>. Acesso em: 16 mai. 2018.
- SEJA um voluntário.** Disponível em: <<http://compassiva.org.br/participe/>>. Acesso em 12 set. 2018
- SIGNIFICADO de hedonismo.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/hedonismo/>>. Acesso em: 23 set. 2018.
- SIGNIFICADO de laissez faire.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/laissez-faire/>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- SILVA, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. **Revista Brasileira de Estudos da População,** Belo Horizonte, v.34, n1, jan/abr 2017.

SILVA, Patrícia Almeida. **Education Procision and Instability: The Impact of the Syrian Refugee Influxo n the Education System in Jordan.** Universiteit Van Amsterdam – Tese de Mestado, 2015.

**SOBRE nós.** Disponível em: <<https://www.linkedin.com/company/ong-preparando-o-caminho/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada:** Nova Versão Internacional. Trad. Sociedade Bíblia Internacional. São Paulo: Geográfica, 2000.

SOUZA, João Carlos de. Um ensaio sobre a problemática dos deslocados ambientais: a perspectiva legal, social e econômica. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v.7, n.13/14, jan./dez. 2010.

STEARNS, Richard. **A grande lacuna:** A omissão que compromete a missão. Trad. Fabiano Medeiros. São Paulo: Garimpo Editorial, 2010.

STEUERNAGEL. **A missão da Igreja:** Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão, 1994.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno.** Trad. Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato. 2010.

SWINDOLL, Charles R. **José:** Um homem íntegro e indulgente. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

UNHCR. **Mid years trend,** 2017. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5aaa4fd27/mid-year-trends-june-2017.html>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

VOGEL, Hans. **O Mundo bíblico visto de hoje.** Universidade de Lisboa – Trabalho de Projeto Mestrado no ramo de História, na especialidade em História Antiga. 2013.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus:** Uma teologia bíblica da missão da igreja. Trad. Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (ed.). **Dicionário Ilustrado da Bíblia.** Trad. Lucília M. P. da Silva, Sônia F. L. Almeida, Bruno G. Destefani, Hander Heim, Marisa de S. Lopes, Hans U. Fichs. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ZWETSCH, Roberto E. **Missão com com-paixão:** Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.